



predestinada

livro #11 na
série Memórias de um Vampiro

morgan rice

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Direitos reservados© 2014 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto como permitido pela lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por nenhuma forma ou meio, ou armazenada em banco de dados ou em sistemas de recuperação, sem a permissão prévia do autor.

Este e-book está disponível somente para seu uso pessoal. Este e-book não deve ser revendido nem doado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia adicional para cada um. Se você está lendo este livro e não pagou por ele, ou se este não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho deste autor.

Este é um trabalho fictício. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais e incidentes são frutos da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

A ilustração de capa é um direito autoral de Subbotina Anna, utilizada sob autorização da Shutterstock.com.

ÍNDICE

[CAPÍTULO UM](#)
[CAPÍTULO DOIS](#)
[CAPÍTULO TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINCO](#)
[CAPÍTULO SEIS](#)
[CAPÍTULO SETE](#)
[CAPÍTULO OITO](#)
[CAPÍTULO NOVE](#)
[CAPÍTULO DEZ](#)
[CAPÍTULO ONZE](#)
[CAPÍTULO DOZE](#)
[CAPÍTULO TREZE](#)
[CAPÍTULO QUATORZE](#)
[CAPÍTULO QUINZE](#)
[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
[CAPÍTULO DEZESSETE](#)
[CAPÍTULO DEZOITO](#)
[CAPÍTULO DEZENOVE](#)
[CAPÍTULO VINTE](#)
[CAPÍTULO VINTE E UM](#)
[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

*"Nossas vontades e destinos tão contrariamente correm
Que nossas tramas no entanto são desmanteladas;
Nossos pensamentos são nossos, seus fins não são nada de
nosso."*

*William Shakespeare, **Hamlet***

CAPÍTULO UM

Caitlin Paine estava na salinha dos fundos do bar Pete, junto com Caleb, Sam, Polly e uma dúzia de policiais. Ela olhou para o lado de fora através de uma janela aberta e estilhaçada, a noite estava cheia de luzes piscantes da polícia. Ela se perguntou o que raios podia ter acontecido com sua filha.

Scarlett, o amor de sua vida, estava por aí, em algum lugar, correndo pela escuridão, sozinha, provavelmente com medo, e este pensamento a rasgava por dentro. O que machucava Caitlin ainda mais do que imaginar Scarlett desaparecida era pensar o que Scarlett tinha se tornado, as lembranças dela, seu último olhar antes de ela ter pulado pela janela. Aquilo não era sua filha.

Era outra coisa.

Caitlin estremeceu ao pensar sobre isso e, apesar da tentativa de se livrar da ideia, ela sabia que era verdade. Ela vinha lutando contra este pensamento o tempo todo, lutando para não acreditar que Scarlett não era mais humana, que ela era realmente um vampiro. Caitlin vinha brigando com Aiden, com o padre, com Caleb e, acima de tudo, com ela mesma, esperando, desejando que a situação se tratasse de qualquer outra coisa. Mas ela não tinha mais como lutar contra isso tudo. Ela não tinha mais explicações.

O coração de Caitlin acelerou quando ela olhou para a escuridão da noite. Ela tinha visto tudo com seus próprios olhos, desta vez, ela mesma tinha testemunhado. Sua menina havia se transformado, havia se alimentado daquele homem, havia adquirido uma força super-humana. Ela havia arrebatado aquele enorme homem contra uma parede como se ele fosse um palito de dente – e depois saltou para a noite com tamanha velocidade, num piscar de olhos, que não havia nenhuma maneira de ela ainda ser humana. Também não havia como pegá-la, Caitlin sabia. Ela sabia que a polícia estava perdendo seu tempo.

Aquela vez fora diferente também, pois ela não tinha sido a única a presenciar a situação. Caitlin tinha visto a expressão no rosto de Caleb, de Sam e de Polly e ela podia ver isso em seus olhos: uma expressão de choque, um medo do sobrenatural. Scarlett, a pessoa que eles amavam acima de tudo, já não era mais Scarlett.

Era uma coisa vinda de pesadelos, contos de fadas e lendas, algo que Caitlin nunca tinha imaginado que veria em sua vida. Aquilo havia desestabilizado não apenas a sua visão sobre Scarlett, mas toda a sua visão sobre o mundo. Como poderia tal coisa realmente existir? Como poderia este planeta ter mais do que apenas seres humanos sobre ele?

“Senhora Paine?”

Caitlin se virou para ver um oficial de polícia que estava ao seu lado, com caneta e papel na mão, olhando para ela com paciência.

“Você ouviu a minha pergunta?”

Caitlin, tremendo, em transe, balançou a cabeça lentamente.

“Eu sinto muito”, ela respondeu, sua voz estava rouca. “Não.”

“Eu disse: onde você acha que sua filha pode ter ido?”

Caitlin suspirou enquanto pensava sobre aquilo. Se fosse a antiga Scarlett, ela podia lhes contar facilmente. À casa de uma amiga; ao clube; a um encontro; ao campo de futebol...

Mas sobre a nova Scarlett, ela não tinha idéia.

“Eu também gostaria de saber,” ela finalmente respondeu.

Outro oficial se adiantou.

“Existem amigos que ela poderia ter ido visitar?”, ele insistiu. “Algum namorado?”

Ao ouvir a palavra *namorado*, Caitlin se virou e olhou para o resto da sala, à procura de qualquer sinal do garoto misterioso que aparecera naquele bar. *Sage*, ele havia lhe dito. Tão simples, apenas uma palavra, como se ela soubesse quem ele era. Caitlin teve que admitir que ela nunca havia conhecido ninguém como ele. Ele exalava um poder de atração mais forte do que qualquer um que ela já havia conhecido, era mais um homem adulto do que um adolescente. Se vestia todo de preto, tinha olhos brilhantes e maçãs do rosto esculpidas que o faziam parecer ter vindo diretamente de outro século.

O mais estranho de tudo era que o que Caitlin vira ele fazer aos homens daquele bar. Ela sabia que Caleb e Sam eram mais do que capazes de cuidarem de si mesmos – e, mesmo assim, aquele menino tinha conseguido uma vitória rápida quando os outros não a conseguiram, ele havia acabado com todos aqueles homens em um turbilhão. Quem era ele? Por que ele estava ali? E por que ele estava à procura de Scarlett?

No entanto, quando ela olhou ao seu redor, Caitlin não viu nenhum sinal dele. Sage havia, de algum jeito, desaparecido. Qual era a sua conexão com Scarlett? ela se perguntava. Seu instinto de mãe lhe dizia que, de alguma forma, os dois estavam juntos. Mas quem era ele? O mistério só se aprofundava.

Caitlin não se sentia pronta para mencioná-lo à polícia; era tudo estranho demais.

“Não”, Caitlin mentiu, com a voz trêmula. “Não que eu saiba.”

“Você tinha dito que havia um menino, um menino que estava aqui com vocês, envolvido na briga?”, perguntou outro policial. “Você sabe o nome dele?”

Caitlin sacudiu a cabeça.

“Sage,” Polly entrou na conversa, dando um passo a frente. “Ele disse que seu nome era Sage.”

Por alguma razão, Caitlin não queria contar isso; ela sentia que deveria protegê-lo. E ela também sentia, sem saber explicar como, que Sage tampouco era humano – e ela não estava preparada para dizer isso à polícia e ter todos, mais uma vez, pensando que ela era louca.

O policial ficou ali, anotando o nome dele e ela se perguntou o que eles fariam.

“E quanto a todos esses mal-encarados aqui?” Polly pressionou, olhando a sua volta, consternada. “Todos esses idiotas que começaram a luta? Você não vai prendê-los?”

Os policiais se entreolharam, desconfortáveis.

Um deles pigarreou.

“Nós já prendemos Kyle, o homem que atacou sua filha”, disse o oficial. “Quanto aos outros, bem, para ser franco, é a sua palavra

contra a deles – e eles dizem que foram vocês que começaram a briga.”

“Não fomos nós!”, disse Caleb, avançando com raiva, cuidando de um hematoma em sua cabeça. “Viemos aqui procurar minha filha – e eles tentaram nos impedir.”

“Como eu disse,” disse o oficial, “é a sua palavra contra a deles. Eles disseram que você que deu o primeiro golpe – e, francamente, eles estão em pior forma do que vocês. E, se nós os prendermos, teríamos que prendê-lo também.”

Caitlin olhou para eles, fumegando de raiva.

“E a minha filha?”, perguntou ela. “Como é que você está pensando em encontrá-la?”

“Minha senhora, eu posso assegurá-la que temos toda a nossa força lá fora, procurando por ela neste instante”, disse o oficial. “Mas é muito difícil procurar alguém quando não sabemos onde ela foi – ou por que. Precisamos de um motivo.”

“Você disse que ela saiu correndo”, disse outro oficial, dando um passo a frente. “Nós não entendemos. Por que ela iria fugir? Vocês tinham chegado aqui. Ela estava com vocês. Ela estava segura. Então, por que?”

Caitlin olhou para Caleb e para os outros e todos a encararam, incertos.

“Eu não sei”, disse ela honestamente.

“Então por que você não tentou impedi-la?”, perguntou outro oficial. “Ou correr atrás dela?”

“Você não entende”, disse Caitlin, tentando convencê-los. “Ela não apenas correu; ela parecia um relâmpago. Foi como... assistir a um cervo. Nós não poderíamos alcançá-la mesmo se tentássemos.”

O oficial olhou com ceticismo para os outros.

“Você está me dizendo que, com todas essas pessoas adultas aqui, nenhum de vocês seria capaz de pegá-la? O que ela é algum tipo de atleta olímpico?”, ele zombou, sem acreditar.

“Você andou bebendo esta noite, minha senhora?”, Perguntou outro oficial.

“Ouça”, Caleb estalou, adiantando-se: “minha esposa não está inventando. Eu vi isso, também. Todos nós vimos: o irmão dela e

sua esposa também. Nós quatro. Você acha que todos nós vimos coisas?”

O policial levantou a mão.

“Não há necessidade de ficar na defensiva. Estamos todos no mesmo time. Mas olhe para o nosso lado aqui: você me diz que sua filha corre mais rápido que um cervo. Obviamente, isso não faz nenhum sentido. Talvez vocês estejam todos abalados da briga. Às vezes, as coisas nem sempre são o que parecem. Tudo o que eu estou dizendo é que nada disso está fazendo sentido.”

O oficial trocou um olhar cético com o seu parceiro, que se adiantou.

“Como eu disse, a nossa força está procurando por sua filha. Nove em cada dez vezes, os adolescentes em fuga aparecem de volta na casa. Ou na casa de um amigo. Então o meu melhor conselho para vocês é apenas voltarem para casa e ficarem parados lá. Aposto que tudo o que aconteceu aqui foi que ela queria quebrar as regras um pouco e sair para uma noite em um bar adulto para tomar uma bebida e as coisas ficaram um pouco fora de controle. Talvez ela tenha conhecido um cara no bar. Quando vocês vieram, provavelmente ela deu o fora porque se sentia envergonhada. Voltem para casa, eu aposto que ela vai estar esperando por vocês”, o oficial concluiu, como se para resumir tudo.

Caitlin sacudiu a cabeça, sobrecarregado com a frustração.

“Você não entende”, disse ela. “Você não conhece minha filha. Scarlett não vai a bares. E ela não se aproxima de homens estranhos. Ela veio aqui porque ela estava sofrendo. Ela veio aqui porque não tinha outro lugar para ir. Porque ela precisava de alguma coisa. Ela veio aqui porque ela está se transformando. Você não entendeu? Transformando.”

Os policiais a olharam como se ela fosse louca; Caitlin odiava aquele olhar.

“Transformando?” Eles repetiram, como se ela tivesse perdido a cabeça.

Caitlin suspirou, desesperada.

“Se vocês não a encontrarem, as pessoas por ai vão se machucar.”

O oficial franziu o cenho.

“Se machucar? O que você está dizendo? A sua filha tem ferido as pessoas? Ela está armada?”

Caitlin sacudiu a cabeça, frustradíssima. Aqueles policiais locais nunca iriam entendê-la; ela estava perdendo o fôlego.

“Ela está desarmada. Ela nunca fez mal a ninguém. Mas mesmo se os seus homens a encontrarem, eles não serão capazes de contê-la.”

Os policiais trocaram olhares, como se concluíssem que Caitlin estava louca e então eles viraram as costas e continuaram na sala seguinte.

Enquanto Caitlin os assistiu saírem, ela se virou e olhou para o lado de fora, através do vidro quebrado, para a noite.

Scarlett, pensou. Onde você está? Venha para casa, para mim, querida. Eu amo você. Eu sinto muito. O que quer que eu tenha feito para incomodá-lo, me desculpe. Por favor, venha para casa.

O mais estranho de tudo isso, Caitlin percebeu, era que, quando pensava sobre Scarlett lá fora, sozinha no meio da noite, ela não temia por Scarlett.

Em vez disso, ela temia por toda a gente.

CAPÍTULO DOIS

Kyle estava sentado na parte de trás do carro da polícia, com as mãos algemadas atrás das costas, ele olhava para as grades daquele carro apertado, sentindo-se diferente do que tudo que havia sentido antes. Alguma coisa estava mudando dentro dele, ele não sabia o que, mas ele podia sentir aquilo borbulhando por dentro. Ele lembrou da vez em que havia usado heroína, a primeira sensação de quando a agulha tocou sua pele. Aquela nova sensação era como um calor escaldante, que corria em suas veias – acompanhada por um sentimento de poder invencível. Sentia-se sufocado pelo poder, como se suas veias estivessem a ponto de saltar de sua pele, como

se seu sangue estivesse inchando dentro dele. Sentia-se mais poderoso do que nunca, sua pele formigava em seu rosto, na sua testa, costas e pescoço. A onda de poder dentro dele era algo que ele não conseguia entender.

Mas Kyle não se importava; contanto que o poder estivesse lá, ele o acolhia com satisfação. Ele via, com os olhos embaçados, um mundo de cor vermelha, lentamente voltando ao foco. Por trás das grades, ele podia ver dois oficiais.

Quando o zumbido nos ouvidos começou a diminuir, ele começou a ouvir a conversa, silenciosa a princípio.

“Este aqui ficara na cadeia por um longo tempo”, disse um para o outro.

“Ouvi dizer que ele acabou de sair, também. Que droga para ele.”

O policial começou a rir, e o som arrastado foi diretamente para a cabeça de Kyle. O carro acelerou pela estrada, com as luzes acesas e Kyle se tornou mais consciente de seu entorno, começou a perceber onde estava. Ele estava na Rota Nove, voltando para a prisão, o lugar onde ele havia passado os últimos 15 anos de sua vida. Ele estava relembrando da noite: o bar... aquela menina...ele estava prestes a se aproveitar dela quando... algo havia acontecido. A cadelinha havia lhe mordido.

O pensamento passou por ele como uma onda. Ela o mordera.

Kyle tentou colocar suas mãos para sentir seu pescoço – as duas marcas estavam pulsando – mas ele fora interrompido; percebeu que suas mãos estavam algemadas atrás das costas.

Kyle moveu seus braços e, para sua surpresa, quebrou as algemas, sem nenhum esforço. Ele levantou seus punhos, maravilhado, olhando para eles, chocado com sua própria força. As algemas não funcionaram? Ele as olhou balançando diante dele e se perguntou: como é que ele podia ter feito aquilo?

Kyle estendeu a mão e sentiu os dois caroços no pescoço, queimando, como se a mordida tivesse entrado em suas veias. Ele se sentou ali, olhando para as algemas penduradas e se perguntou: Será que vampiros existem? Seria possível?

Kyle sorriu largamente. Era hora de descobrir.

Kyle pegou as algemas penduradas e as bateu contra as grades diante dele. Os dois policiais se viraram e olharam para trás, desta vez eles não estavam rindo; Agora, em seus rostos havia olhares de choque. As mãos de Kyle estavam livres, suas algemas estavam quebradas e ele as balançava, sorrindo, enquanto continuava a bater nas grades.

“Putá merda”, disse um oficial para o outro. “Você não o algemou, Bill?”

“Algemei sim. Eu tenho certeza disso. Eu o algemei com mais força do que o inferno.”

“Não foi apertado o suficiente,” Kyle rosnou.

Um policial pegou sua arma enquanto o outro foi pisar no freio. Mas não rápido o suficiente. Com velocidade incrível, Kyle estendeu a mão, rasgou a grade de metal como se fosse um palito e mergulhou no banco da frente.

Kyle se lançou para o policial no banco do passageiro, tirou a arma de suas mãos e lhe deu uma cotovelada por trás com tanta força que quebrou o pescoço do policial.

O outro policial desviou e o carro cambaleou por toda a rodovia enquanto Kyle se esticou para agarrá-lo pela parte de trás da cabeça e lhe dar uma cabeçada. Um som de ossos quebrando encheu o ar enquanto o sangue do policial jorrava sobre Kyle. Com o carro descontrolado, Kyle estendeu a mão para pegar o volante, mas já era tarde demais.

O carro da polícia desviou para o outro lado da rodovia e buzinas encheram o ar quando ele bateu em um carro que se aproximava. Kyle saiu voando pelo pára-brisa, de cabeça, e caiu na estrada, rolando e rolando enquanto o carro capotou e virou para um lado. Um veículo que vinha na direção de Kyle breiou com tudo, mas não a tempo – e Kyle sentiu seu peito sendo esmagado quando o carro o atropelou.

O carro emitiu um alto som de breque ao parar enquanto Kyle ficou ali, respirando com dificuldade e uma mulher de trinta e poucos anos saiu, gritando, chorando, enquanto corria para Kyle, que estava deitado de costas.

“Oh meu Deus, você está bem?”, disse ela, agitada. “Eu tentei parar a tempo. Meu Deus. Eu matei um homem! Meu Deus!”

A mulher estava histérica e se ajoelhou sobre ele, chorando.

De repente, Kyle abriu os olhos, sentou-se e olhou para a mulher. O choro dela parou ao olhar para ele em choque, seus olhos se arregalaram como faróis. Kyle sorriu e se inclinou para afundou suas belas presas em êxtase, penetrando em sua garganta. Era a melhor sensação de sua vida.

A mulher gritava enquanto ele bebia seu sangue, empanturrando-se até que ela caiu mole em seus braços. Kyle se levantou, satisfeito e se virou para examinar a estrada vazia.

Ele ajustou o colarinho, alisou sua camisa e deu o primeiro passo. Havia um monte de pessoas para se vingar à caminho da cidade – e iria começar por Scarlett.

CAPÍTULO TRÊS

Sage voou pelo ar, em direção ao nascer do sol que despontava para o amanhecer quebra, os primeiros raios de sol iluminavam uma lágrima em seu rosto, que ele rapidamente secou. Ele estava exausto, com os olhos turvos de voar durante toda a noite, em busca de Scarlett. Ele tinha certeza que ele a tinha visto muitas vezes durante a noite, mas ao descer, sempre encontrava uma estranha menina, chocada ao vê-lo pousar e, sem seguida, decolar novamente. Ele estava começando a se perguntar se ele nunca a encontraria.

Scarlett estava longe de ser encontrada e Sage não conseguia entender. Sua ligação era tão forte, ele tinha certeza de que ele seria capaz de senti-la, que ela o levaria até ela. Ele não conseguia entender o que havia acontecido. Será que ela tinha morrido?

O único palpite de Sage era que talvez ela estivesse em um estado tão emocional que todos os seus sentidos foram bloqueados, e ele não era capaz de captar sua localização; ou talvez ela tivesse

caído em um sono profundo, como vampiros eram conhecidos por fazer depois da primeira vez que se alimentavam de um ser humano. Isso poderia ser mortal para alguns, ele sabia, e seu coração doía com ao pensar nela lá fora, sabe-se lá onde, sozinha. Será que ela já havia acordado?

Sage voava baixo, a uma velocidade tão rápida que ele era indetectável, passando por todos os lugares familiares que ele tinha ido com ela – sua escola, sua casa, todos os locais que ele poderia pensar – usando sua visão tipo laser para examinar as árvores e as ruas.

À medida que o sol subia e hora após hora se passava, Sage finalmente sabia que era inútil continuar pesquisando. Ele teria que esperar até que ela viesse à tona, ou até que ele pudesse detectá-la novamente.

Sage estava exausto de uma forma que ele nunca havia sentido antes. Ele podia sentir a sua força vital começando a declinar aos poucos. Ele sabia que só tinha alguns dias a partir daquele momento até que ele morresse e, ao sentir outra dor em seu peito, braços e ombros, ele tinha sensação de que estava morrendo por dentro. Sabia que ele iria deixar o mundo em breve – e ele estava em paz com isso. Ele só queria passar seus últimos dias com Scarlett.

Sem ter mais onde procurar, Sage circulou e sobrevoou a propriedade de sua família próxima ao Hudson, olhando para baixo. Ele circulou de novo e de novo, como uma águia, se perguntando: ele deveria vê-los uma última vez? Ele não sabia por qual razão. Todos eles o odiavam agora por não ter trazido Scarlett a eles; e ele tinha que admitir que também os odiava. A última vez que ele saíra, sua irmã estava morrendo em seus braços e Lore estava à caminho de tentar matar Scarlett. Ele não queria enfrentá-los novamente.

Por outro lado, ele não tinha mais para onde ir.

Enquanto ele voava, Sage ouviu um barulho e, ao olhar para baixo, viu vários primos seus segurando tábuas nas janelas e martelando. Um por um, eles estavam bloqueando as janelas de sua mansão ancestral, Sage avistou dezenas primos decolando vôo. Ele ficou intrigado. Claramente, algo estava acontecendo.

Sage precisava descobrir. Uma parte dele queria saber para onde estavam indo e o que seria de sua família – e uma grande parte dele queria saber se eles tinham idéia de onde Scarlett poderia estar. Talvez um deles a tivesse visto ou ouvido alguma coisa. Talvez Lore a capturara. Ele tinha que saber; era a única pista que ele tinha.

Sage mergulhou em direção à propriedade de sua família e pousou na parte de trás do pátio de mármore, diante dos grandes degraus que levavam à entrada da parte traseira, formada por portas francesas altas e antigas.

Ao se aproximar, elas de repente se abriram e ele viu sua mãe e seu pai darem um passo à frente, encarando-o com um olhar severo de desaprovação.

“O que você está fazendo aqui?”, perguntou sua mãe, como se ele fosse um intruso indesejável.

“Você já nos matou uma vez”, disse o pai. “Nosso povo poderia ter sobrevivido se não fosse por você. Você veio para nos matar de novo?”

Sage franziu a testa; ele estava tão cansado da desaprovação de seus pais.

“Para onde vocês estão indo?” Sage exigiu.

“Onde você acha?”, seu pai respondeu. “Eles convocaram o Grande Conselho, pela primeira vez em mil anos.”

Sage o encarou, chocado.

“Para o Castelo Boldt?”, perguntou. “Vocês estão indo para as Mil Ilhas?”

Seus pais fizeram uma careta de volta.

“Por que você se importa?”, disse sua mãe.

Sage não podia acreditar no que estava ouvindo. O Grande Conselho não era convocado desde o início dos tempos e todos de sua espécie reunidos em um só lugar não poderia significar nada bom.

“Mas por quê?”, Perguntou. “Por que convocar, se todos nós vamos morrer de qualquer jeito?”

Seu pai se adiantou e sorriu ao levantar um dedo e apontá-lo no meio do peito de Sage.

“Nós não somos como você”, ele rosnou. “Nós não vamos desistir sem lutar. O nosso será o maior exército já conhecido, a primeira vez que nós todos iremos nos reunir em um só lugar. A humanidade vai pagar. Vamos nos vingar.”

“Vingança do que?”, perguntou Sage. “A humanidade não fez nada para você. Por que você iria ferir pessoas inocentes?”

Seu pai sorriu de volta.

“Estúpido demais”, disse ele. “Por que não ferir? O que temos a perder? O que eles vão fazer, nos matar?”

Seu pai riu e sua mãe se juntou a ele, os dois ficaram de braços dados e passaram por ele, batendo em seu ombro com força, enquanto se preparavam para decolar em vôo.

Sage gritou atrás deles: “Eu me lembro de uma época em que vocês eram nobres”, disse ele.

“Mas agora, vocês não são nada. São menos do que nada. É isso o que o desespero fez com vocês?”

Eles se viraram e fizeram uma careta.

“Seu problema, Sage, é que apesar de você ser um de nós, você nunca entendeu a nossa espécie. Destruição é tudo o que eu sempre quis. E só você, *apenas* você tem sido diferente.”

“Você é o filho que nunca entendemos”, disse sua mãe. “E você nunca deixou de nos decepcionar.”

Sage sentiu uma dor atravessar seu corpo, sentia-se fraco demais para responder. Quando eles se viraram para sair, Sage, ofegante, reuniu forças para gritar:

“Scarlett! Onde ela está? Contem-me!”

Sua mãe se virou e abriu um largo sorriso.

“Oh, não se preocupe com ela”, disse sua mãe. “Lore vai encontrá-la e resgatar todos nós. Ou ele vai morrer tentando. E, quando conseguirmos continuar vivendo, não se atreva a pensar que haverá um lugar para você.”

Sage corou.

“Eu odeio vocês!”, ele gritou. “Eu odeio vocês dois!”

Seus pais simplesmente se viraram, sorrindo, subiram no parapeito de mármore e decolaram em direção ao céu.

Sage ficou parado e os viu partirem, desaparecendo no céu, enquanto o resto de seus primos se juntava a eles. Ele ficou ali, sozinho, diante de sua casa ancestral agora cheia de tábuas, nada ali fora deixados para ele. Sua família o odiava e ele os odiava de volta.

Lore. Sage sentiu uma nova explosão de determinação ao pensar sobre ele. Ele não podia deixá-lo encontrar Scarlett. Apesar de toda a dor que sentia por dentro, ele sabia que tinha que reunir suas forças uma última vez. Tinha que encontrar Scarlett.

Ou morrer tentando.

CAPÍTULO QUATRO

Caitlin sentou-se no banco do passageiro da sua picape, exausto, com o coração partido, enquanto Caleb dirigia incansavelmente pela Rota 9, subindo e descendo a estrada há horas, percorrendo as ruas. O dia estava nascendo e Caitlin olhou pelo pára-brisa para um céu incomum.

Ela ficou maravilhada que já era madrugada. Eles haviam ficado no carro a noite toda, os dois na frente e Sam e Polly no banco de trás, mantendo seus olhos abertos para a estrada, procurando em todos os lugares por Scarlett. Uma vez, eles tinham brecado com tudo, Caitlin pensou ter visto sua filha – e então percebeu que era somente um espantalho.

Caitlin fechou os olhos por um momento, suas pálpebras estavam pesadas e inchadas, ela enxergava o piscar dos carros através de suas pálpebras, via os faróis que passavam, em um fluxo interminável de tráfego, como tinha sido a noite toda. Ela sentiu vontade de chorar.

Caitlin sentia-se vazia por dentro, como uma péssima mãe por não ter sido presente o suficiente para Scarlett – por não ter acreditado nela, por não entendê-la, por não estar lá em sua hora

de necessidade. De alguma forma, Caitlin se sentia responsável por tudo o que estava acontecendo.

Sentia como se estivesse morrendo ao pensar que ela poderia nunca mais ver sua filha novamente.

Caitlin começou a chorar, ela abriu os olhos e rapidamente enxugou as lágrimas. Caleb estendeu sua mão e agarrou a dela, mas ela o afastou. Caitlin se virou para olhar para fora da janela, querendo privacidade – querendo ficar sozinha, querendo morrer. Sem sua menina em sua vida, ela percebeu que não tinha mais nada.

Caitlin sentiu uma mão reconfortante em seu ombro. Ela se virou para ver Sam inclinado para a frente.

“Nós dirigimos a noite toda”, disse ele. “Não há nenhum sinal dela em lugar nenhum. Nós cobrimos cada centímetro da Rota 9. Os policiais estão lá fora, também, com muito mais carros do que nós. Estamos exaustos e não temos idéia de onde ela poderia estar. Ela pode até estar em casa, esperando por nós.”

“Eu concordo”, disse Polly. “Digo que devemos ir para casa. Precisamos de um pouco de descanso.”

De repente veio uma alta buzina, e Caitlin olhou para cima e viu um caminhão vindo diretamente para eles, eles estavam no lado errado da estrada.

“CALEB!” Caitlin gritou.

Caleb de repente saiu do caminho no último segundo e voltou para o lado correto da estrada, desviando do caminhão que buzina, por alguns centímetros. Caitlin olhou para ele, com o coração acelerado, Caleb, esgotado, a olhou de volta, seus olhos estavam avermelhados e cansados.

“O que foi isso?”, perguntou ela.

“Eu sinto muito”, disse ele. “Devo ter cochilado.”

“Isto não está fazendo bem a ninguém”, disse Polly. “Precisamos descansar. Precisamos ir para casa. Estamos todos exaustos.”

Caitlin pensou e, finalmente, depois de um longo tempo, ela balançou a cabeça, concordando.

“Tudo bem. Vamos para casa.”

* * *

Caitlin sentou em seu sofá enquanto o sol nascia, folheando um álbum com fotos de Scarlett. Ela foi inundada por todas aquelas memórias que voltavam a sua cabeça, ao ver Scarlett com idades diferentes. Caitlin esfregou seu polegar nas fotos, desejando mais do que qualquer coisa no mundo que ela pudesse ter Scarlett naquele momento com ela. Ela daria qualquer coisa, até mesmo o seu próprio coração e alma.

Caitlin pegou a página rasgada do livro que ela tinha tirado na biblioteca, sobre o antigo ritual, aquele que teria salvado Scarlett se Caitlin pudesse voltar no tempo, que a teria curado de se transformar em um vampiro. Caitlin rasgou a página antiga em pequenos pedaços e a jogou no chão.

Eles caíram perto Ruth, sua grande husky, que gemeu e se enrolou ao lado de Caitlin.

Aquela página, o ritual, que outrora significara tanto para Caitlin, era inútil naquele momento.

Scarlett já havia se alimentado e nenhum ritual poderia mais salvá-la.

Caleb, Sam e Polly, também estavam na sala, cada um absorto em seu próprio mundo, cada um caído em um sofá ou cadeira, adormecido ou quase dormindo. Eles ficaram ali com aquele silêncio pesado, todos esperavam que Scarlett andasse pela porta e todos suspeitavam que ela nunca o faria.

De repente, o telefone tocou. Caitlin pulou para alcançá-lo, sua mão tremia. Ela o deixou cair várias vezes até, finalmente pegá-lo e colocá-lo em seu ouvido.

“Alô, alô, alô?”, ela disse. “Scarlett, é que você? Scarlett!?”

“Minha senhora, é oficial Stinton”, veio uma voz masculina. O coração de Caitlin parou ao perceber que não era Scarlett. “Eu só ligando para que você saiba que não temos nenhum sinal de sua filha ainda.”

As esperanças de Caitlin foram frustradas. Ela agarrou o telefone, apertando-o, desesperada.

“Vocês não estão se esforçando o suficiente”, ela fervia por dentro.

“Minha senhora, nós estamos fazendo tudo o que pode...”

Caitlin não esperou o resto de sua resposta. Ela desligou com raiva e, em seguida, pegou o telefone, um grande aparelho fixo dos anos 80, arrancou o cabo para fora da parede, levantou sobre sua cabeça e o esmagou no chão.

Caleb, Sam e Polly todos saltaram de susto, acordando de repente e a olharam como se ela fosse louca.

Caitlin olhou para o telefone e ela percebeu que talvez estivesse mesmo louca.

Caitlin saiu do quarto, abriu a porta para a grande varanda e saiu sozinha, depois sentou-se em uma cadeira de balanço. Estava frio na madrugada, mas ela não se importava. Sentia-se insensível ao mundo.

Ela cruzou os braços e os apertou sobre seu peito, e então se balançou naquele ar frio de Novembro. Ela olhou para a rua vazia que estava se iluminando com a luz de um novo dia, não havia uma alma à vista, nem um movimento de carro, todas as casas ainda estavam escuras. Tudo quieto. A rua suburbana estava perfeitamente tranquila, nenhuma folha fora do lugar, tudo normal com deveria ser. Perfeitamente normal.

Mas nada, Caitlin sabia, estava normal. De repente, ela odiava aquele lugar que ela tinha amado por anos. Ela odiava o silêncio; ela odiava a tranquilidade; odiava a ordem. O que ela não daria para ter caos, para a quietude ser quebrada, para haver barulho, movimento, para que sua filha aparecesse.

Scarlett, ela rezou, ao fechar os olhos, chorando, *volte para mim, querida. Por favor volte para mim.*

CAPÍTULO CINCO

Scarlett Paine sentia-se flutuando no ar, havia a vibração de um milhão de pequenas asas em seu ouvido, ela sentia que estava sendo levantada, cada vez mais alto. Ela olhou para fora e viu que estava sendo içada por uma revoada de morcegos, um milhão de morcegos estavam a sua volta, agarrando a parte de trás de sua camisa, carregando-a no ar.

Scarlett estava sendo carregada por cima das nuvens, através da mais bela alvorada que ela já tinha visto, as nuvens se espalhavam e se partiam, todas queimadas de laranja, o céu parecia em chamas. Ela não entendia o que estava acontecendo, mas, de alguma forma, ela não tinha medo. Ela percebeu que eles estavam levando-a para algum lugar e, enquanto eles gritavam e vibravam ao seu redor ao içá-la para o céu, ela sentiu como se fosse um deles.

Antes de Scarlett poder processar o que estava acontecendo, os morcegos a colocaram gentilmente no chão, diante do maior castelo que ela já vira. Tinha antigas paredes de pedra e ela estava diante de uma imensa porta em forma de arco. Os morcegos voaram e sumiram e sua vibração desapareceu junto.

Scarlett ficou de frente para a porta que lentamente se abriu. Uma luz âmbar derramou-se para fora e Scarlett sentiu-se tentada a entrar.

Scarlett cruzou o limiar da porta, atravessou a luz e entrou na maior câmara que ela já tinha visto. No interior, alinhado com perfeição, de frente para ela, havia um exército de vampiros, todos vestidos de preto. Ela pairou acima deles e olhou para baixo, para eles, como se fosse sua líder. Como se fossem um, todos levantaram suas mãos e deram um tapa em seus peitos.

“Você deu à luz uma nação”, eles gritaram, sua voz era só uma, ecoando nas paredes. “Você deu à luz uma nação!”

Os vampiros soltaram um grande grito e, ao fazerem, Scarlett absorveu tudo, sentindo como se, finalmente, tivesse encontrado seu povo.

Os olhos de Scarlett se abriram rapidamente quando ela acordou com o som de vidro quebrando. Ela se encontrava deitada de barriga para baixo sobre o cimento, seu rosto estava pressionado contra o

chão, frio e úmido. Ela viu formigas rastejando em sua direção e então colocou suas palmas das mãos no cimento bruto, se sentou e as afastou.

Scarlett estava com frio e dores, seu pescoço e costas se torciam por ela ter dormido naquela posição desconfortável. Acima de tudo, ela estava desorientada, assustada por não reconhecer o que a rodeava. Ela estava embaixo de uma pequena ponte local, deitada embaixo dela sobre uma encosta de cimento, enquanto o sol nascia. Fedia de urina e cerveja velha ali embaixo e Scarlett viu que o cimento estava todo marcado com pichações, ao examinar o chão, ela viu latas de cerveja vazias, lixos e agulhas usadas. Ela percebeu que estava em um lugar ruim. Ela olhou a sua volta, piscando, sem idéia de onde estava nem como ela chegara ali.

Veio novamente o som de vidro quebrando, acompanhado de pés se arrastando e Scarlett virou-se rapidamente, seus sentidos em alerta.

A cerca de dez metros de distância, havia quatro vagabundos vestidos em trapos, pareciam bêbados ou drogados, à procura de encrenca. Eram homens velhos com barba mal feita, eles olhavam para ela como se ela fosse um brinquedinho, havia sorrisos lascivos em seus rostos, revelando dentes podres e amarelos. Mas eles eram fortes, ela podia dizer, largos e altos e, pela forma com que eles se aproximavam, com um deles jogando uma garrafa de cerveja e quebrando-a debaixo da ponte, ela sabia que suas intenções não eram das melhores.

Scarlett tentou se lembrar de como ela mesma havia chegado àquele lugar. Era um lugar que ela nunca teria ido voluntariamente. Será que ela tinha sido trazida ali? Seu primeiro pensamento foi de que talvez ela tivesse sido estuprada; mas ela olhou para baixo e se viu completamente vestida, sabia que não tinha sido isso. Ela pensou no que havia acontecido, tentou se lembrar da noite anterior.

Mas era tudo um doloroso borrão. Scarlett lembrava-se em flashes: um bar ao lado da Rota 9... uma briga... Mas era tudo tão nebuloso. Ela não conseguia se lembrar dos detalhes.

“Você sabe que está sob a nossa ponte, não sabe?”, um dos vagabundos disse enquanto se aproximavam, chegando cada vez

mais perto. Scarlett se colocou rapidamente sobre suas mãos e joelhos e, em seguida, ficou em pé, de frente para eles, ela tremia por dentro, mas não queria aparentar medo.

“Ninguém vem aqui sem pagar o pedágio”, disse outro.

“Eu sinto muito”, disse ela. “Eu não sei como cheguei aqui.”

“Esse foi o seu erro”, disse o outro, com uma voz gutural, sorrindo para ela.

“Por favor,” Scarlett disse, tentando parecer durona, mas com a voz trêmula, enquanto dava um passo para trás, “Eu não quero nenhum problema. Vou sair agora. Sinto muito.”

Scarlett se virou para sair, seu coração batia forte no peito, quando, de repente, ela ouviu passos correndo e, em seguida, sentiu um braço apertar seu pescoço, uma faca apertando sua garganta e um hálito horrível de cerveja em seu rosto.

“Não, você não sente, querida”, disse ele. “Nós ainda nem começamos a conversar”.

Scarlett lutou, mas o homem era muito forte para ela, sua barba raspava em sua bochecha enquanto ele esfregava seu o rosto contra o dela. Logo os outros três apareceram diante dela e Scarlett gritou enquanto lutava sem sucesso, então sentiu mãos terríveis escorregando pelo seu estômago. Uma delas chegou a sua linha de cintura. Scarlett resistia e se contorcia, tentando fugir – mas eles eram muito fortes. Um deles se abaixou, arrancou o cinto e o jogou, ela ouviu o barulho de metal bater no cimento.

“Por favor, deixe-me ir!” Scarlett gritou, enquanto se contorcia.

Uma quarta mão se abaixou e pegou sua calça jeans pela cintura e então começou a puxá-la, tentando arrancá-la. Scarlett sabia que, em alguns momentos, se ela não fizesse alguma coisa, ela seria machucada. Algo dentro dela estalou. Ela não entendia o que era, mas havia dominado-a completamente, uma inundação de energia passava através dela, subia por seus pés e alcançava suas pernas e seu torso.

Ela sentia como se fosse um calor escaldante, que disparava através de seus ombros e braços, percorrendo todo o caminho até a ponta de seus dedos. Seu rosto corou e seus pêlos se eriçaram por todo o corpo, ela sentiu um fogo queimando-lhe por dentro. Sentiu

uma força que ela não compreendia, sentiu que era mais forte do que todos aqueles homens, mais fortes do que o universo.

Em seguida, ela sentiu algo mais: uma raiva primordial. Era um sentimento novo. Ela não tinha mais o desejo de fugir – agora ela queria ficar ali e fazer aqueles homens pagarem. Queria parti-los, membro por membro.

E, por fim, sentia mais uma coisa: fome. Uma fome atroz profunda que lhe dava uma necessidade de se alimentar.

Scarlett se inclinou para trás e rosnou, um som que era assustador mesmo para ela; suas presas cresceram sobre seus dentes quando ela tomou impulso e chutou o homem que segurava seus jeans. O chute fora tão cruel que o homem voou pelo ar por uns 20 metros até ele bater a cabeça contra a parede de concreto. E então ele caiu, inconsciente.

Os outros recuaram e largaram Scarlett, estavam de bocas abertas em estado de choque e medo quando olharam para ela. Parecia que perceberam que haviam cometido um erro muito grande.

Antes que pudessem reagir, Scarlett se virou e deu uma cotovelada no homem que a segurava, quebrando-lhe a mandíbula com força, ele rodopiou duas vezes e caiu, inconsciente.

Scarlett se virou rosnando e encarou os outros dois, como uma fera olhando para a sua presa. Os dois vagabundos ficaram paralisados, com os olhos arregalados de medo e Scarlett, ao ouvir um barulho, olhou para baixo e viu um deles fazer xixi nas calças.

Scarlett se abaixou, pegou seu cinto do chão e caminhou para a frente casualmente.

O homem cambaleou para trás, petrificado.

“Não!”, Ele choramingou. “Por Favor! Eu não quis dizer aquilo!”

Scarlett pulou para a frente e enrolou o cinto em volta do pescoço do homem. Ela, então o levantou com uma das mãos, os pés dele ficaram pendurados acima da terra, o homem estava ofegante enquanto apertava o cinto. Ela o segurou ali, no alto, até ele finalmente parar de se mover e o deixou cair no chão, morto.

Scarlett se virou e encarou o último, ele estava chorando, com medo de ser executado. De presas à mostra, ela deu um passo para frente e as penetrou na garganta do homem. Ele balançou em seus braços e, em seguida, após alguns momentos, ele estava no meio de uma poça de sangue, inerte.

Scarlett ouviu uma correria distante, e ela olhou para ver o primeiro vagabundo despertar, gemendo, se levantando aos poucos de pé. Ele olhou para ela, seus olhos estavam arregalados de medo e então rapidamente ficou apoiado em suas mãos e joelhos, tentando fugir.

Ela partiu para cima dele.

“Por favor, não me machuque”, ele implorou, chorando. “Eu não quis dizer nada daquilo. Eu não sei o que você é, mas eu não quis dizer aquilo.”

“Eu tenho certeza que você não quis”, ela respondeu, com uma voz sombria, desumana. “Assim como eu não quero dizer o que estou prestes a fazer com você.”

Scarlett o pegou pela parte de trás da camisa, o girou e o atirou com toda a força para cima.

O vagabundo saiu voando como um míssil em direção a parte de baixo da ponte, sua cabeça e ombros esmagaram o cimento até ele sair do outro lado, ouviu-se o som de escombros caindo por todos os lados quando ele atravessou a ponte até ficar ali, pendurado com suas pernas balançando.

Scarlett correu até a parte superior da ponte em um único salto e ela o viu, sua parte superior do tronco estava presa no concreto, ele gritava, sua cabeça e ombros encontravam-se expostos, estava incapaz de se mover. Ele se contorcia, tentando se libertar. Mas não conseguia. Era um alvo fácil para qualquer carro que aparecesse.

“Tire-me daqui!”, ele exigiu.

Scarlett sorriu.

“Talvez da próxima vez”, disse ela. “Aproveite o trânsito.”

Scarlett se virou e pulou, voando para o céu, o som dos gritos do homem ficavam cada vez mais fracos à medida que ela voava mais alto, mais longe daquele lugar, sem ter idéia de onde estava, ela já nem se importava. Apenas uma pessoa apareceu em sua mente:

Sage. Seu rosto pairava diante dela, bem no centro de sua mente, seu queixo e lábios perfeitamente esculpidos, seus olhos cheios de emoção. Ela podia sentir seu amor por ela. E ela correspondi este amor.

Ela não sabia mais onde era seu lar neste mundo, mas ela não se importava, desde que estivesse com ele.

Sage, ela pensou. Espere por mim. Eu estou indo encontrá-lo.

CAPÍTULO SEIS

Maria se sentou com suas amigas à beira da plantação de abóboras, ela odiava sua vida, estava com tanta inveja delas. Todo mundo parecia ter um namorado, menos ela. E quem não tinha parecia ter uma ligação muito forte com os amigos, eram inseparáveis.

Maria se sentou sobre uma pilha de abóboras, Becca e Jasmine ficaram ao seu lado, mas ela realmente não sabia mais onde se encaixava. Maria costumava ter uma panelinha tão forte, um grupo de amizade eterna e indissolúvel, eram sempre as quatro, ela, Becca, Jasmine e, é claro, sua melhor amiga, Scarlett. Elas sempre foram inseparáveis. Se uma delas não tinha namorado, as outras estavam sempre presentes. Ela e Scarlett tinham prometido que nunca brigariam, que iriam para a mesma faculdade, seriam dama de honra do casamento uma da outra e que morariam sempre perto.

Maria sempre tivera tanta certeza sobre suas amizades, sobre Scarlett, sobre tudo.

E então, nas últimas semanas, tudo de repente caiu por terra, sem aviso prévio. Scarlett tinha roubado Sage bem debaixo de seu nariz, o único garoto por qual Maria tinha ficado realmente obcecada em muito tempo. O rosto de Maria corou ao se lembrar da humilhação; Scarlett a fizera parecer uma idiota. Ela ainda estava tão brava com sua amiga por isso, achava que nunca iria perdoá-la.

Maria se lembrou de sua última briga, Scarlett se defendera, disse que Sage gostava dela e que ela não queria roubá-lo. No fundo, uma parte de Maria sabia que provavelmente ela estava certa.

Ainda assim, ela precisava culpar alguém, era muito mais fácil do que culpar a si mesma.

Alguém esbarrou nela e Maria escorregou da pilha de abóboras, caindo no chão, sua calça jeans ficou suja de barro.

“Cuidado!”, ela gritou, irritada.

Ela olhou e viu que era um dos garotos bêbados. Várias pessoas de sua classe estavam reunidas ali, como sempre faziam por tradição. Um dia após a festança de outono, havia o evento de colheita de abóboras da escola. Todo mundo sabia que ninguém realmente colhia abóboras, todos apenas se sentavam ao redor do campo de abóboras, enchiam a barriga de cidra de maçã quente e donuts, enquanto uma parte da classe misturava sua cidra com gin. E foi um desses rapazes que tinha esbarrado nela. Ele sequer havia percebido o que fizera, aumentando mais ainda o insulto, e saiu cambaleando por aí. Maria o conhecia e sabia que todos aqueles meninos daquela idade que já bebiam assim acabariam não fazendo nada com suas vidas de qualquer maneira e, pelo menos por isso, ela se consolava.

Maria precisava esfriar a cabeça. Ela não agüentava mais passar por tudo aquilo. Só queria fugir.

Ela ainda estava muito chateada e agora ela sequer sabia o porquê. Perder sua melhor amiga, mesmo com Jasmine e Becca ali, a fazia se sentir deslocada. E, para piorar, ela ainda se sentia atraída por Sage. Pensar nele a estava deixando louca.

Maria se levantou e começou a andar.

“Onde você vai?”, perguntou Jasmine.

Maria deu de ombros.

“Só vou tomar um pouco de ar fresco.”

Maria abriu caminho através da multidão, indo cada vez mais longe, para fora no campo da fazenda nos arredores da cidade, ela olhou para todos aqueles alunos segurando canecas, sentados por

ali e rindo, todos pareciam tão felizes. Todos, menos ela. Naquele momento, ela odiava todos eles.

Maria chegou à beira da multidão e continuou andando, até encontrar um bloco de feno solitário na base da plantação de milho.

Ela colocou a cabeça entre as mãos e segurou as lágrimas. Estava se sentindo deprimida e não sabia o porquê. Principalmente, ela pensou, era porque Scarlett estava fora de sua vida. Ela costumava mandar lhe mensagens de texto centenas de vezes por dia. Ela também não entendia por que tudo tinha acontecido daquele jeito. E ela não podia parar de pensar em Sage, mesmo sabendo que ele não gostava dela. Ela fechou os olhos e desejou fortemente que ele aparecesse.

Sage, eu daria qualquer coisa, ela pensou. Venha aqui. Eu quero você. Eu preciso de você.

“O que uma garota tão bonita como você está fazendo sentada aqui sozinha?”, veio uma voz sombria e sedutora.

Maria se encolheu ao abrir os olhos e ficou completamente chocada quando viu o que estava a sua frente. Não era Sage. Mas era um rapaz, se possível, ainda mais belo que Sage. Ele usava botas de couro pretas, calças de couro pretas, camiseta preta, um colar preto de dentes de tubarão e uma jaqueta de couro também preta. Ele possuía olhos castanhos, cabelos castanhos e ondulados e tinha um pequeno sorriso, perfeito. Tinha mais *sex appeal* do que qualquer outro garoto que ela já tinha visto: parecia uma estrela do rock que tinha pisado fora do palco apenas para ela.

Maria piscou várias vezes e olhou ao seu redor, se perguntando se aquilo era uma piada. Mas ela era a única lá, ele estava falando com ela e com mais ninguém. Ela tentou responder, mas suas palavras ficaram presas em sua garganta.

“Bonita?”, foi tudo o que ela conseguiu responder, seu coração batia rápido em seu peito.

Ele riu, e foi mais o som bonito que ela já tinha ouvido.

“Vamos lá, eles estão se divertindo tanto. Por que você não?”

Rapidamente, ele se aproximou dela graciosamente, estendeu-lhe a mão e, mesmo sem perceber, ela pegou a mão dele, se levantou da pilha de feno e o seguiu, logo, os dois estavam andando

de mãos dadas pela plantação de milho. Ela estava tão atraída por ele que sequer parou para pensar nem percebeu que aquilo não era exatamente normal. Sua fantasia havia se materializado e a tinha surpreendido completamente. Mas ela não estava exatamente a ponto de começar a fazer perguntas.

“Um... Quem é você?”, ela perguntou, hesitante, com a voz trêmula, arrebatada pela sensação de sua mão na dela.

“Eu estava procurando um par para a plantação de milho,” ele disse com um sorriso quando eles adentraram a plantação. “Este é o meu dia de sorte. Maria, certo?”

Ela olhou para ele, admirada.

“Como você sabe o meu nome?”

Ele abriu um sorriso e riu.

“Você vai logo saber mais sobre mim”, disse ele, “eu sei quase tudo. E, sobre o meu nome: você pode me chamar de Lore.”

* * *

Lore caminhou lado a lado com a amiga de Scarlett, impressionado de como fora fácil seduzi-la.

Os seres humanos eram muito frágeis, muito ingênuos, aquilo realmente não era justo. Ele quase não precisara usar seus poderes e, em poucos segundos, ele a tinha na palma de sua mão. Uma parte dele queria se alimentar dela, drenar a energia de seu corpo e depois descartá-la como ele tinha feito com outros seres humanos.

Mas outra parte lhe dizia para ser paciente. Afinal, ele tinha voado por todo o campo e pousara apenas para ela. Lore estava procurando uma maneira de conseguir Scarlett e, ao voar, ele sentiu fortes sentimentos de Maria pairando no universo; ele sentiu seu desejo por Sage, seu desespero. Isto o atraiu como um ímã.

Lore tinha visto Maria com seus olhos de águia no alto e, ao mergulhar, ele percebeu que ela seria a armadilha perfeita, afinal, alguém tão só, tão vulnerável e tão próxima de Scarlett. Se alguém conhecia uma maneira de encontrar Scarlett, este alguém era ela. Lore decidiu que faria amizade com ela, a usaria para encontrar Scarlett e, depois de usá-la, ele iria matá-la. Nesse meio tempo, ele

poderia muito bem se divertir com ela. Aquela humana patética iria acreditar em qualquer fantasia que ela quisesse.

“Hum... Eu não entendo...”, disse Maria, enquanto caminhavam, com a voz trêmula, nervosa.

“Explique-me novamente. Você disse que você é tipo... novo por aqui?”

Lore riu.

“De certa forma”, disse ele.

“Então, você vai tipo frequentar nossa escola?”, perguntou ela.

“Eu não acho que eu tenha tempo para escola”, ele respondeu.

“O que você quer dizer? Você não é da minha idade? “, ela indagou.

“Sou. Mas eu terminei a escola há muito tempo.”

Lore quase disse séculos atrás, mas ele se deteve no último segundo, por sorte.

“Muito tempo atrás? O que você quer dizer? Você é um gênio ou algo assim?”, ela o olhou com olhos arregalados e admirados, e ele sorriu de volta para ela.

“Algo parecido com isso”, disse ele. “Então, suas amigas estão lá atrás, na festa?”, acrescentou.

Maria assentiu.

“Sim, todas, exceto... Bem, eu não sou amiga dela mais, então sim, todas.”

“Exceto o que?”, perguntou Lore, intrigado.

Maria corou.

“Bem, minha ex-melhor amiga. Ela não está lá. Mas como eu disse, nós não somos mais amigas.”

“Scarlett?”, ele perguntou logo em seguida, imediatamente se arrependendo de ter falado demais.

Maria olhou para ele, desconfiada.

“Assim, como você sabe tudo isso? Você por acaso tem me perseguido?”

Lore começou a sentir que ela estava se afastando dele, mas ele não queria perdê-la. Ele olhou para ela, segurou seu rosto, obrigando-a a olhar para ele e então olhou nos olhos dela. Ela

piscou, e, logo em seguida, ele eliminou os últimos trinta segundos daquela conversa de sua memória.

Maria piscou várias vezes, ele pegou a mão dela e eles continuaram a caminhar.

Essa foi por pouco, ele pensou. Vamos começar de novo.

“Então, suas amigas estão lá atrás, na festa?”, acrescentou.

Maria assentiu.

“Sim, todas, exceto... Bem, eu não sou amiga dela mais, então sim, todas.”

“Exceto o que?”, perguntou Lore, intrigado.

Maria corou.

“Bem, minha ex-melhor amiga. Ela não está lá. Mas como eu disse, nós não somos mais amigas.”

Lore fez uma pausa naquele momento, pensando sobre o que falaria.

“O que aconteceu entre vocês duas?”, perguntou ele, cauteloso.

Maria deu de ombros e eles continuaram a andar em silêncio, suas botas esmagavam o feno.

“Você não tem que me dizer”, disse Lore, por fim. “De qualquer forma, eu sei como é ser

afastado de um amigo. Meu primo Sage. Já fomos tão próximos quanto irmãos. Agora nós nem sequer conversamos.”

Maria olhou para ele com compaixão.

“Isso é terrível”, disse ela. “O que aconteceu?”

Lore deu de ombros.

“Longa história.” *Longos séculos*, ele queria acrescentar, mas se conteve.

Maria concordou, sentindo claramente uma simpatia por ele.

“Bem, já que você parece entender,” ela disse, “então eu vou lhe contar. Eu não sei por que, tipo, eu nem o conheço, mas sinto que você entenderia.”

Lore sorriu, tranquilizando-a.

“Parece que eu tenho este efeito nas pessoas”, disse ele.

“De qualquer forma,” Maria continuou, “minha amiga, Scarlett, ela, tipo assim, roubou um cara que eu gostava. Não que eu me importe mais com ele.”

Maria parou de falar e Lore sentia que ela queria dizer algo mais, então ele leu sua mente: *Bem, não desde que conheci você, é claro.*

Lore sorriu.

“Roubar o parceiro de alguém”, disse Lore, balançando a cabeça. “Não há nada pior do que isso.”

Ele apertou-lhe a mão com mais força e Maria lhe deu um meio sorriso.

“Então vocês não são mais amigas?”, disse Lore, se intrometendo.

Maria balançou a cabeça.

“Não. Eu tipo cortei relações. Eu meio que me sinto mal com isso. Quero dizer, ela ainda está nos meus contatos favoritos e ainda somos amigas no Facebook e tal. Eu ainda não cheguei a este ponto. Mas ainda não liguei nem mandei mensagens a ela. Costumávamos trocar centenas de mensagens por dia.”

“Você pelo menos tentou lhe escrever algo?”

Maria balançou a cabeça.

“Eu realmente não quero falar sobre isso”, disse ela.

Lore sentiu que estava pressionando demais. Haveria tempo de sobra para ele seduzi-la, para saber tudo o que precisava saber sobre Scarlett. Nesse meio tempo, ele tinha que fazê-la confiar nele – e confiar completamente.

Eles chegaram ao centro da plantação de milho, os dois pararam e ficaram ali. Maria olhou para o lado e Lore podia sentir como ela estava nervosa.

“Então, tipo, e agora?”, perguntou ela, com as mãos tremendo. “Talvez devêssemos voltar?”

Acrescentou.

Ele leu sua mente:

Espero que ele não queira voltar. Espero que ele me beije. Por favor, me beije.

Lore estendeu sua mão, segurou seu rosto, se inclinou e a beijou.

A princípio, Maria resistiu, indo para trás. Mas, em seguida, ela se derreteu em seu beijo. Ele podia senti-la se entregando completamente, e ele sabia que, agora, ela era totalmente sua.

CAPÍTULO SETE

Scarlett voava pelo céu da manhã, enxugando suas lágrimas, ainda abalada com o incidente sob a ponte, tentando entender tudo o que estava lhe acontecendo. Ela estava voando, ela mal podia acreditar. Não sabia como, mas asas haviam brotado e ela tinha acabado de decolar, levantando no ar como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ela não conseguia entender por que a luz machucava seus olhos, por que sua pele estava começando a coçar sob o sol. Por sorte, era um dia nublado e isso lhe dava um pouco de alívio; ainda assim, ela não se sentia como ela mesma.

Scarlett se sentia tão perdida, tão só, não sabia para onde ir. Ela sentia que não podia voltar para casa, não depois de tudo o que tinha acontecido, não depois de descobrir que sua mãe queria que ela morresse,, que todos a odiavam. Ela tampouco podia procurar suas amigas; afinal, Maria a odiava agora e parecia que ela tinha feito suas outras amigas ficarem contra ela também. Ela não podia voltar para a escola, não podia simplesmente voltar à sua vida normal, ainda mais depois de sua grande briga com Vivian na festa.

Uma parte de Scarlett só queria se encolher como uma bola e morrer. Ela sentia que não tinha mais nada para ela no mundo.

Scarlett sobrevoou sua cidade natal e, ao passar por sua casa, teve uma sensação muito estranha ao olhá-la por cima. Scarlett voou alto o suficiente para não ser vista por ninguém, ela viu sua cidade por uma visão panorâmica, a qual ela nunca tivera. Ela viu os quarteirões perfeitamente formados, as grades retangulares, as ruas limpas, o alto campanário da igreja; viu as fiações em todos os lugares, as cabines de telefone, os telhados inclinados, alguns de telhas, outros de ardósia, a maioria tinha centenas de anos de idade. Ela viu pássaros empoleirados nos telhados e um balão roxo solitário flutuando em sua direção.

O vento de novembro era frio ali em cima e lhe chicoteava o rosto, Scarlett sentia frio. Ela queria descer e se aquecer em algum lugar.

Enquanto Scarlett voava e voava, tentando pensar, a única pessoa que ela via, o único rosto que continuava piscando em sua mente era o de Sage. Ele não tinha aparecido como prometido para fugirem; ele a deixara esperando e ela ainda estava brava com isso. Scarlett achava que ele não queria vê-la novamente.

Então, novamente, ela não tinha realmente certeza do que acontecera. Talvez, apenas talvez, ele tivesse algum motivo por não aparecer. Talvez ele a amasse apesar de tudo.

Quanto mais pensada sobre isso, mais Scarlett sentia que precisava vê-lo. Ela precisava ver um rosto familiar, alguém no mundo que ainda se importasse com ela, que a amasse. Ou, pelo menos, que a tivesse amado alguma vez.

Scarlett tomou uma decisão. Ela se virou e foi para o oeste, em direção ao rio, para onde ela sabia que Sage morava. Ela continuou voando fora dos limites da cidade, olhando para as principais estradas abaixo dela, usando-as como pontos de referência enquanto flutuava. Seu coração batia rapidamente ao perceber que iria chegar em pouco tempo.

Enquanto voava fora da cidade, a paisagem mudou: em vez de quarteirões e casas perfeitamente estabelecidos, havia menos casas, terrenos maiores e mais árvores... Os terrenos aumentaram de dois hectares para quatro hectares, seis e, em seguida, dez, vinte... Ela estava entrando na seção dos casarões.

Scarlett chegou à beira do rio e, quando ela fez uma curva para voar ao longo dele, abaixo dela, ela podia ver todas as mansões, repletas de suas longas e largas calçadas, emolduradas por carvalhos antigos e formidáveis portões. Tudo cheirava a riqueza e história, dinheiro e poder.

Scarlett passou pela maior e mais elegante de todas as mansões, afastada da estrada por vários hectares, bem próxima à margem do rio, uma velha casa de pedra antiga, com as mais belas espirais e torres, parecia mais um castelo do que uma casa. Suas quinze chaminés se projetavam para o céu como um farol para o paraíso.

Scarlett nunca tinha percebido o quão bela era casa de Sage até vê-la do alto.

Scarlett voou para baixo, mergulhando, seu coração batia forte, estava nervosa. Será que Sage ainda queria vê-la de novo? E se ele não quisesse? Se não, ela não saberia para onde ir.

Scarlett desembarcou diante da porta da frente, descendo suavemente, suas asas foram retraindo, ela olhou para o edifício de pedra – e ao fazê-lo, ela sentiu seu coração congelar por dentro. Ela não conseguia entender o que estava vendo: a casa inteira, cada parte dela, estava com tábuas de madeira na frente. No lugar dos belos vidros ornamentados, havia madeiras compensadas, apressadamente pregadas; no lugar de toda a atividade que ocorrera lá na última em sua última visita, não havia nada.

Estava deserto.

Scarlett ouviu um rangido. Ela olhou para o lado e viu um portão enferrujado balançando levemente, chiando com o vento. Era como se ninguém vivesse ali há mil anos.

Ela voou até os fundos da casa, pousando na grande praça de mármore e olhou para a fachada; a mesma coisa. A casa estava completamente vazia, cheia de tábuas. Como se nada tivesse acontecido, como se nunca tivesse acontecido.

Scarlett se virou e olhou para as terras ao seu redor, que iam até o rio, olhou para o horizonte cheio de nuvens, o céu escurecia, ameaçando uma tempestade, e ela olhou para todos os lados em busca de Sage.

Ela não o sentia ali. Não na casa. Nem em nenhum outro lugar.

Ele se fora.

Scarlett não podia acreditar. Ele realmente não estava lá.

Scarlett se sentou, colocou as mãos sobre seus joelhos e chorou. Será que ele realmente a odiava tanto assim? Será que ele nunca a amara de verdade?

Scarlett ficou ali, chorando, até se sentir vazia, entorpecida. Ela olhou fixamente para o nada, pensando no que fazer. Uma parte dela queria invadir a casa, apenas pelo motivo de obter calor e abrigo. Mas ela sabia que não poderia fazer isso. Ela não era uma criminosa.

Scarlett ficou sentada com a cabeça entre as mãos pelo que parecia uma eternidade, sentindo uma pressão intensa entre os olhos, sabendo que ela tinha que ir a algum lugar, fazer alguma coisa. Mas onde?

Por alguma razão, Scarlett pensou em suas amigas mais uma vez. Maria a odiava; mas não havia nenhuma razão para que as outras também a odiassem. Elas já foram eram tão próximas. Mesmo que ela não pudesse falar com Maria, talvez ela pudesse conversar com Becca ou Jasmine. Afinal, Scarlett não tinha feito nada para elas. E para que serviam os amigos, se não fosse para ajudar em um momento como este?

Scarlett se levantou, enxugou as lágrimas, deu três passos e saltou para o ar. Ela iria encontrar suas amigas, pedir-lhes que a acolhessem, apenas por uma noite e depois descobriria o que fazer com sua vida.

CAPÍTULO OITO

O padre McMullen ajoelhou-se diante do altar, suas mãos tremiam quando ele apertou o rosário, rezando por esclarecimento. E também, ele tinha que admitir, orando por proteção. Sua mente ainda mostrava imagens daquela menina, Scarlett, trazida por sua mãe alguns dias antes, daquele momento em que, mesmo ali, em um lugar santo, cada janela fora estilhaçada. O padre olhou para cima e olhou ao seu redor, como se quisesse saber se aquilo havia realmente acontecido – e ele sentiu um nó no seu estômago quando lhe veio a dolorosa lembrança, as antigas janelas agora estavam tapadas com madeira compensada.

Por favor, Pai. Envie-nos proteção. Envie sua proteção. Salve-nos dela. E salve-a de si mesma. Peço um sinal.

O padre McMullen não sabia o que fazer. Ele era um padre de uma pequena cidade, com uma pequena paróquia, e ele não tinha as habilidades para lidar com uma força espiritual

daquela magnitude. Ele havia lido lendas a respeito, mas nunca soubera se eram verdadeiras, e certamente nunca havia testemunhado algo assim com os próprios olhos.

Agora, depois de passar toda a sua vida orando a Deus, depois de passar a vida falando com as pessoas sobre as forças do bem e do mal, ele havia testemunhado algo daquele tipo por si mesmo.

Forças espirituais verdadeiras estavam batalhando, ali na terra, expostas para que todos pudessem vê-las. Agora, ele havia realmente tido uma experiência sobre o assunto – tudo o que ele já tinha lido e conversado com outros – ele mesmo.

E isso o assustava demais.

Pode tal mal realmente existir na terra? ele perguntou. Da onde que ele vem? O que ele quer? E por que tudo foi para o seu caminho, caiu em seu colo?

O padre McMullen tinha contatado o Vaticano imediatamente, relatando o que havia acontecido, pedindo ajuda, orientação. Acima de tudo, ele queria saber a melhor forma de ajudar aquela pobre moça. Havia alguma antiga oração, alguma cerimônia, que ele não conhecesse?

Mas, para seu espanto, ele não recebera retorno.

O padre se ajoelhou ali, orando, como fazia todas as tardes, agora, rezava com mais empenho que nunca. De repente, o padre estremeceu quando as enormes portas de madeira em arco da igreja se abriram, a luz invadia o ambiente atrás dele, uma brisa fria tocava suas costas. Ele sentiu um arrepio – e não era apenas devido ao tempo.

Ele sentiu que algo sombrio havia entrado no lugar.

O padre, com o coração acelerado, ficou rapidamente em pé e se virou, de frente para a entrada, perguntando-se o que poderia ser. Ele apertou os olhos contra a luz. Entraram as silhuetas de três homens com seus sessenta anos, de cabelos brancos, todos vestiam preto, usavam golas altas pretas e batinas. Ele os examinou com espanto; havia algo diferente neles, algo sinistro. Eles não se pareciam com nenhum dos sacerdotes que ele já tinha visto.

“Padre McMullen?”, perguntou um deles.

O padre se manteve firme quando eles se aproximaram, e acenou de volta, trêmulo.

“Quem é você?”, perguntou. “Como posso ajudá-lo?”

“Você entrou em contato conosco”, disse um deles.

O pai olhou para ele, intrigado.

“Eu entrei?”

Eles chegaram perto dele e, ao fazê-lo, um deles estendeu-lhe um pedaço de papel.

O padre o pegou. Era do Vaticano.

“Eles nos mandaram aqui para investigar”, disse um deles.

O pai sentiu algum alívio, mas, mesmo assim, ele os examinou com apreensão, atentando-se à suas aparências austeras.

“Sinto-me honrado por vocês terem vindo da Itália para cá”, disse ele. “Obrigado por terem vindo. Como posso ajudá-los?”

Porém, os homens o ignoraram, todos se viraram, examinando as tábuas nas janelas, trocando olhares pensativos, como se tivessem visto aquilo antes, como se soubessem exatamente o que havia acontecido.

“Esta menina que você descreve,” disse um deles, sua voz era sinistra e baixa. “Qual é o nome dela?”

“O nome dela é Scarlett,” o padre McMullen respondeu.

“E sobrenome?”, o mesmo homem perguntou.

O pai olhou para ele, incerto do que responder. Ele não sabia se deveria proteger sua paróquia, proteger a privacidade daquela garota. Mas ele sabia que era bobagem; aqueles homens pertenciam à Igreja.

“Paine”, respondeu ele, sentindo-se cada vez mais hesitante.

Um deles escrevia enquanto ele falava.

“E onde é que ela mora?”, ele insistiu.

Agora, o padre sentiu-se ainda mais incerto. Ele limpou a garganta.

“Com todo o respeito, gostaria de perguntar por que você está fazendo todas estas perguntas?”

Os três homens se entreolharam com desaprovação e, em seguida, um deles deu um passo para frente. Ele se aproximara demais então, o padre deu meio passo para trás.

“Se formos para ajudá-la”, disse ele lentamente, sua voz era sinistra, “precisamos saber de tudo.” Ele se inclinou para frente. “Tudo”.

O pai limpou a garganta e desviou o olhar.

“Bem...” o padre começou e então parou. “Eu gostaria de saber como você está pensando em ajudá-la. Talvez eu possa trazê-la aqui para a igreja para realizar o serviço?”

O padre queria que aqueles homens, de quem ele sentia insegurança, permanecessem em terreno neutro.

“Padre”, um deles disse, dando um passo para frente e apertando uma mão com firmeza em seu ombro, “Eu acho que você não está entendendo. Nós não viemos para ajudar quem frequenta sua paróquia. Viemos para *deter* essa menina.”

“Detê-la?”, O padre perguntou, atônito. “O que isso quer dizer exatamente? Ela é apenas uma adolescente.”

O homem sacudiu a cabeça.

“Ela é muito mais que isso. Ela é uma antiga alma demoníaca, e ela irá desencadear uma destruição diferente do que tudo que você já viu no mundo. Nosso trabalho, como membros da Igreja, é impedi-la – por qualquer meio necessário.”

O padre empalideceu.

“Nosso trabalho é curar o nosso povo”, disse ele, incrédulo. “Eu não escrevi para o Vaticano para isso. Eu acho que tudo o que você deve fazer é sair agora. Eu não queria isso.”

O homem apertou ainda mais seu ombro e o padre gritou. Seu aperto fora tão forte, que uma dor nas partes superiores e inferiores de sua coluna vertebral.

O homem olhou para ele com olhos penetrantes e frios como aço e o padre sentiu como se estivesse olhando para as profundezas do inferno.

“Podemos não ser o que você queria”, disse ele sombriamente, “mas estamos aqui. E não iremos partir até essa garota da qual você falou – Scarlett – esteja morta.”

CAPÍTULO NOVE

Caitlin olhou para baixo e ficou confusa ao ver uma bela cidade medieval europeia flutuando debaixo dela. Ela tentou descobrir onde ela estava examinando as torres das igrejas, os telhados de terracota, um rio que cortava a cidade – atravessado por pontes baixas e arqueadas... De repente, ela percebeu: Veneza. Não é a Veneza modernizada de hoje, mas a pura, intacta Veneza medieval, com estradas de paralelepípedos, pisadas por cavalos e carruagens e povos de vestes arcaicas.

Caitlin sentiu alguém segurando sua mão enquanto as nuvens tocavam seu rosto e ela olhou para seu lado e viu Caleb com ela, voando a seu lado. Ela não entendia o que estava acontecendo, como ela estava voando, como Caleb estava com ela nem o que ela estava fazendo ali. Ela se sentia mais forte do que nunca, como se pudesse conquistar o mundo sozinha. Como se ela não fosse humana.

Caitlin era liderada por Caleb enquanto eles aceleraram para baixo, cortando o ar. Eles logo alcançaram uma ponte e pousaram no centro dela. Ao redor deles, a cidade estava cheia de pessoas vendendo seus produtos, navegando em todas as barracas. Caitlin olhou em volta e viu berloques de ouro em todos os lugares e ela se deu conta: eles estavam na Ponte Vecchio. A ponte de ouro. Um dos lugares mais românticos do mundo.

Caitlin não conseguia entender o que eles estavam fazendo ali, mas ela sentia como se tivesse estado naquele local antes. Em algum outro momento. De alguma forma, ela tinha memórias vívidas daquele lugar.

Caleb a levou para uma das tendas e escolheu um belo anel de ouro, repleto de diamantes. Ele, então, a levou até a borda da rua de pedra e se ajoelhou diante dela.

“Caitlin”, disse ele, olhando para nos olhos dela, “você gostaria de estar ao meu lado? Para sempre?”

Antes que Caitlin pudesse responder, se viu andando a cavalo, em meio às ondas que se quebravam no mar, abaixo dos penhascos Aquinnah e a ilha Martha's Vineyard. À sua direita, havia belas falésias de barro vermelho, enquanto eu à sua frente havia pedregulhos enormes pré-históricas, espalhados pelo oceano. Ela e Caleb riam sinceramente enquanto cavalgavam pela água, espirrando água em volta deles, em direção ao pôr do sol.

Eles finalmente pararam e desmontaram e Caleb pegou a mão dela e a beijou.

Caitlin sentiu o mundo abrandar enquanto ele a abraçava, as ondas quebravam em torno deles.

Ela olhou em seus belos olhos e sabia que eles ficariam juntos para sempre.

Antes que ela pudesse fechar seus olhos mais uma vez, ela viu um lampejo de algo no pôr-do-sol e ficou horrorizada ao ver duas longas presas saindo da boca de Caleb. Ela se assustou quando ele, de repente, se inclinou e afundou suas presas em sua garganta.

Caitlin engasgou, a sensação era, ao mesmo tempo dolorosa e extasiante.

Caitlin se sentou em um sobressalto, respirando com dificuldade. Ela abriu os olhos, desorientada e olhou a sua volta, ela estava sentada em seu sofá, em sua casa, em Rhinebeck. Ela estava sozinha na sala.

Ela balançou a cabeça, tentando se livrar daquele sonho louco. Ela percebeu que tinha adormecido ali na sala de estar, com Caleb, Sam e Polly, todos eles ali com ela. Agora, porém, ela estava sozinha.

"Olá?", ela gritou.

Caitlin se levantou e atravessou a sala e, ao fazê-lo, ela olhou para o chão e viu páginas rasgadas por todos os lugares, cobrindo todo o chão. Ela pegou uma delas e percebeu que era uma página de um diário. Elas estavam por toda sua casa, cobrindo tudo.

Ela olhou para cima e viu, com espanto, que estavam em todo o teto, também.

Caitlin, sem entender o que estava acontecendo, sentiu-se compelida a ir para a porta da frente, e ela caminhou em direção a ela como se estivesse em transe, pensando em Scarlett, sentindo

que talvez ela estivesse lá de alguma forma, atrás daquela porta. Seu coração batia forte quando ela se aproximou.

De repente, a porta se abriu. Um vendaval frio e forte soprou as páginas por todas as partes, em toda a casa, o barulho era ensurdecedor enquanto Caitlin ficou lá, com seu coração batendo rápido, em êxtase ao ver Scarlett diante dela, aparentemente bem.

“Scarlett?”, perguntou ela, incapaz de acreditar. “Onde você esteve?”

Caitlin correu em direção a ela, preparando-se para abraçá-la, foi então que Scarlett abriu a boca, projetando duas presas, deu um passo adiante e as enfiou na garganta de Caitlin. A dor era insuportável quando Caitlin caiu de joelhos, o mundo girava ao seu redor.

Caitlin abriu os olhos e se sentou, gritando. Ela respirava com dificuldade, agarrando seu pescoço e então olhou a sua volta. Ela segurava a borda do sofá enquanto gritava, se debatendo, e Caleb, Sam, e Polly apareceram diante dela imediatamente.

“Caitlin?”, perguntou Caleb. “O que foi?”

Caitlin respirava ofegante, olhando ao seu redor lentamente, até que finalmente, depois de um tempo, ela percebeu que tudo tinha sido apenas um sonho. Um sonho cruel após outro. Ela estava bem, em sua casa. Tudo estava normal. Caleb era normal. Sam e Polly ainda estavam lá.

Caitlin olhou para fora das janelas abertas e viu que um novo dia amanhecia. Ela olhou para o chão procurando as páginas, mas não havia nenhuma para ser encontrada. Ela olhou para a porta da frente, mas estava fechada, tal como estivera na noite anterior.

Foi tudo um pesadelo. Um, pesadelo horrível, terrível.

De repente, Caitlin se lembrou do pesadelo de sua vida real. Ela se virou para Caleb.

“Scarlett?”, perguntou ela, agarrando o braço dele. “Alguma coisa?”

Caleb sacudiu a cabeça tristemente, e o coração de Caitlin apertou. Ela estendeu a mão e olhou para o telefone.

“Eu já verifiquei”, disse Caleb.

Caitlin quis olhá-lo de qualquer maneira e viu que não havia novas mensagens de voz. Nem de texto. Nem novas chamadas. Nada.

Scarlett, seu bebê, realmente havia partido.

“E a polícia?”, ela perguntou.

Polly e Sam balançaram a cabeça.

“Nós já ligamos. Três vezes desde o nascer do sol. Ninguém viu nada. Ela se foi.”

“Mas nós *temos* que encontrá-la”, disse Caitlin, saltando sobre seus pés. “Nós temos! Minha filha está lá fora!”

“Ela é minha filha, também,” Caleb respondeu calmamente, “e estamos fazendo tudo que podemos fazer.”

“Nós não estamos fazendo o suficiente!” Caitlin pressionou.

“O que você quer que a gente faça?”, perguntou Caleb, exasperado.

“Vamos voltar lá fora”, disse ela. “Vamos nos dividir. Vamos com nossos próprios carros. Dirigir quarteirão por quarteirão de novo.”

“Dirigir quarteirão por quarteirão onde?”, indagou Caleb. “Nós já cobrimos cada quadra dez vezes. Como isso vai nos ajudar?”

“E se nós sairmos de casa,” Sam acrescentou, “nós podemos perdê-la. Você ouviu o que os policiais falaram: Scarlett provavelmente virá nos procurar.”

“Não podemos simplesmente ficar aqui”, Caitlin insistiu.

“Então o que devemos fazer?”, perguntou Caleb, com as mãos nos quadris.

Caitlin pensou, forçando seu cérebro. Seus sonhos a assombravam, ela olhou e viu seu diário ali no parapeito e algo de repente lhe ocorreu: Aiden.

Aiden estava certo desde o início. Ela não lhe dera ouvidos, estupidamente, até que fosse tarde demais. E, agora, sem ter a quem recorrer, ele era o único que saberia o que poderia ser feito.

Caitlin pegou seu telefone e, com as mãos trêmulas, ligou para ele. Ela caminhou até a sala de visitas para que os outros não pudessem ouvi-la, para que não pensassem que ela estava louca.

Ela ficou ali, chorando baixinho, enxugando as lágrimas enquanto o telefone chamava e chamava.

Por favor, atenda, ela pensou. Por favor.

“Alô?”, finalmente, veio a voz rouca.

Caitlin soltou um suspiro de alívio.

“Aiden!”, ela disse. “Sou eu, Caitlin. Eu preciso ver você. *Agora.* Você pode me encontrar? Você pode? Por favor. Eu preciso falar com você sobre Scarlett. *Por favor.*”

Ela falou tudo com pressa, e veio um longo silêncio do outro lado.

Finalmente, ele falou:

“Venha ao meu escritório imediatamente”, disse ele. “Vou cancelar meus compromissos.”

Caitlin desligou com as mãos trêmulas, ela correu e pegou suas chaves e, sem sequer pôr o casaco, se dirigiu para a porta.

“Espere!” Caleb gritou. “Aonde você está indo?”

Ela olhou para Caleb, esquecendo-se completamente.

“Ver o Aiden”, ela simplesmente respondeu.

Caleb olhou para ela.

“Para a cidade!?”, perguntou. “E quanto a Scarlett?”

“Isto é para Scarlett”, disse Caitlin.

Ela se virou para ir embora, mas logo sentiu a mão de Caleb em seu ombro.

“Espere um minuto”, disse ele. “Eu vou com você.”

Caitlin se virou e olhou para ele, ela podia sentir o amor e apoio em seus olhos e ela balançou a cabeça, agradecida.

Caleb pegou as chaves e abriu a porta da frente para ela, eles olharam para Sam e Polly.

“Não se preocupe”, disse Polly. “Nós vamos permanecer aqui. Vocês devem ir. Para obter algumas respostas.”

CAPÍTULO DEZ

Scarlett voou durante toda a noite, circulando por cima de sua cidade natal, olhando para todas as casas que se iluminavam na

escuridão. Todas pareciam tão acolhedoras dali de cima, havia um milhão de centelhas bruxuleantes entre as árvores pelas quais ela atravessava. Scarlett imaginou as famílias que deviam estar naquelas casas, talvez sentadas à mesa para jantar, rindo e se divertindo, famílias normais e sem problemas, se reunindo como faziam todas as noites. Talvez eles jantariam, e depois assistiriam à TV e, em seguida, fariam a lição de casa. Perfeito, famílias felizes, sem nenhuma preocupação no mundo.

Scarlett ansiava por uma família naquele momento, mais do que nunca.

Ela enxugou as lágrimas enquanto pensava em sua própria casa, sua própria família. Por fora, eles pareciam ser uma família perfeita, numa cidade perfeita, pareciam perfeitamente normais; Porém, ela sentia como se sua família estivesse despedaçada, problemática como qualquer outra família problemática. Scarlett havia se sentido ligada à sua mãe, sua vida inteira, mas, depois de ler aquilo em seu diário, Scarlett não podia deixar de sentir como se sua mãe quisesse que ela morresse.

Scarlett também se sentia próxima de seu pai, mas ela não conseguia entender: como ele podia ter deixado sua mãe se sentir daquela maneira em relação a ela? Ele era cúmplice?

Eles a olharam agora como se ela fosse algum tipo de aberração, algum tipo de monstro; ela sentia que, agora, tudo o que sentiam em relação a ela era desaprovação, não importava o que ela fizesse. Eles simplesmente não a entendiam. Eles não lhe davam tempo para ouvi-la, para entender seu ponto de vista; eles estavam sempre julgando-a rápido demais, reprovando-a rápido demais. Por mais que ela os amasse, ela realmente odiava esta parte deles. Por que não podiam simplesmente conversar com ela, apenas tentar descobrir o que estava lhe acontecendo, em vez de logo condená-la?

Scarlett sobrevoou sua casa no alto e a viu ali, em algum lugar lá embaixo, no meio das luzes piscantes entre as árvores. Ela sabia que seria tão fácil simplesmente mergulhar e entrar lá. E, no entanto, o caminho mais fácil também era o mais difícil. Scarlett sentia que não podia ir para casa, sentia que ela realmente não tinha mais um lar. Algo dentro dela tinha mudado irrevogavelmente. Ela realmente não

confiava mais em seus pais, ela não confiava neles para entender o que ela estava passando.

Ela não queria estar com eles, pelo menos não naquele momento, naquele tempo difícil. Por enquanto, ela queria estar com Sage. Sentia, de alguma forma, que ele a entenderia melhor do que sua família. Ela queria Sage e mais ninguém.

Scarlett enxugou suas lágrimas, sabendo que Sage se fora, onde quer que ele estivesse. Ele havia pregado tábuas em sua casa e fugido como um ladrão na noite. Era como se ele nunca tivesse existido.

Scarlett chorou enquanto voava pelo ar, o pensamento era devastador para ela. Ela se preocupava com ele. Será que ele não sabia disso?

Scarlett voou por horas, circulando sem rumo, tentando pensar, tentando decidir para onde ir.

Talvez ela devesse apenas deixar aquela cidade, pensou, apenas ir embora de vez.

Mas algo dentro Scarlett não estava pronto para deixar tudo para trás ainda. Ela ainda não se sentia completamente segura em relação ao que acontecera com Sage, ela sentiu que precisava tentar descobrir mais sobre isso. Ela não podia simplesmente ir embora. E, quando ela se perguntou sobre como poderia descobrir mais, ela não parava de pensar em sua escola, nas outras pessoas que poderiam tê-lo visto.

Ela pensou mais uma vez em suas amigas, sobre seu plano de visitá-las. Ela se lembrou da última vez que as vira, na fogueira da escola; o encontro não fora bom. No entanto, ao pensar sobre isso, Scarlett percebeu que ela não se importava mais se elas a odiavam; ela só precisava encontrar Sage.

E elas eram as únicas pessoas que ela conhecia que poderiam ter ouvido alguma coisa a respeito.

Enquanto Scarlett dava voltas, ela decidiu, pelo bem de Sage, engolir seu orgulho e procurar suas amigas. Ela não podia procurar Maria, não depois da briga que elas tiveram. Jasmine, porém, sempre fora capaz de falar com razão. Mesmo que Maria tivesse virado Jasmine contra ela, talvez ela poderia ouvir a versão vindo de

Scarlett, pelo menos o suficiente para lhe dizer se ela sabia alguma coisa sobre onde Sage estava. Isso era tudo o que ela precisava. Isso, e talvez para um lugar para ela passar a noite até que ela pudesse descobrir para onde ir.

Decidida, Scarlett se virou e voou para longe da cidade, em direção à periferia, para as áreas mais rurais, os bairros com os ranchos com uma construção, picapes nas calçadas, terrenos grandes e calçadas de cascalho, até encontrar a casa de Jasmine, ela era fácil de localizar do alto, por sua picape antiga e vermelha na frente da casa e sua grande escultura de plástico no jardim – a qual era jamais descobrira o que era.

À medida que Scarlett voava para baixo, ela viu que a casa estava toda iluminada e sentiu uma sensação de alívio. Pelo menos ela estava em casa.

Scarlett pousou atrás da casa de Jasmine, atrás das árvores, onde ninguém a veria. Ela caminhou pela grama, que se quebrava sob seus pés devido à geada e subiu os degraus de trás da casa de Jasmine, como ela tinha feito um milhão de vezes antes, quando elas eram amigas. Agora se sentia estranha como se fosse uma intrusa.

O coração de Scarlett batia nervosamente enquanto ela se perguntava se aquilo era uma má idéia, será que Maria tinha conseguido deixar Jasmine completamente contra ela?

Scarlett caminhou até a porta, a varanda rangeu sob seus pés e tocou a campainha. Ela esperou, seu coração acelerado e, enquanto estava lá, ouviu muita atividade dentro, as crianças riam, conversavam umas com as outras, havia música tocando – ouvia-se batidas suaves de uma canção de Britney Spears no fundo. Ela se perguntou o que estava acontecendo, quando ouviu alguém andando em direção à porta.

Scarlett preparou-se quando viu Jasmine abrir a porta. Jasmine parou ali, olhando para ela em estado de choque.

“Minha nossa”, disse Jasmine lentamente. “Scarlett! Tipo, eu pensei que você estivesse morta. Todo mundo pensava.”

Ambas ficaram ali, sem saber o que dizer naquele silêncio constrangedor.

“Bem, eu estou viva,” Scarlett disse, finalmente, “como você pode ver.”

“Nossa, tipo o que aconteceu com você? Tipo, onde você esteve?” Jasmine insistiu.

Scarlett começou a brincar com seu cabelo inconscientemente, estava nervosa.

“É uma longa história”, disse ela. “Eu realmente não quero entrar em detalhes agora. Eu só queria se eu posso tipo... passar a noite aqui.”

Jasmine hesitou, seus olhos arregalados de surpresa, e seu olhar ficou sério.

“Scarlett, nós éramos tipo melhores amigas, mas depois do que fez com a Maria, é realmente difícil tipo, ainda ser sua amiga. Tipo nossa amizade era como ouro. Você não pode roubar o cara de outra pessoa. Tipo eu jamais faria isso com você. E é realmente difícil confiar em você agora sabendo que você fez isso com Maria.”

Scarlett franziu a testa, meio que esperando algo como isto. Maria sempre tinha tido muita influência sobre Jasmine e Becca.

“Essa é a perspectiva de Maria,” Scarlett apontou. “Eu não roubei ninguém. Sage me procurou. Ele gosta de mim. Ele nunca gostou de Maria. Se ele gostava dela, ele poderia ter ficado com ela e ela poderia ter ficado com ele. Eu nunca teria me intrometido no caminho. Mas ele não o fez. Eu não posso fazê-lo gostar de alguém que ele não tem interesse. Como a culpa pode ser minha?”

Jasmine mordeu os lábios, sem saber.

“Bem”, disse ela, hesitante, “não foi isso que eu ouvi. Ouvi dizer que você tipo o roubou.”

“Isso não é verdade.”

“Olha, Scarlett, isto é, tipo assim, muito estranho”, disse ela. “Eu não quero ser colocada entre você e Maria. Eu sou tipo realmente muito amiga de Maria e...”

De repente, a porta se abriu mais, e a garganta de Scarlett ficou seca quando ela viu Maria em pé, atrás de Jasmine, olhando para ela.

Scarlett se preparou para o discurso a seguir. Ela se sentiu mortificada por Maria estar ali, por ter estado ali aquele tempo todo,

escutando. Quando ouviu o barulho por trás da porta, Scarlett imaginou todas as garotas que estariam na casa, e se sentiu mortificada por ter sido vista, por terem ouvido tudo aquilo. Ela tinha pensado que poderia encontrar consolo ali, mas ela tinha involuntariamente entrado no meio de algum tipo de festa.

“Jasmine, está tudo bem”, disse Maria, colocando a mão em seu ombro e apontando para Scarlett. “Deixe-a entrar.”

“Hum, o quê?”, disse Jasmine, confusa. “Eu pensei que você tipo a odiasse.”

Scarlett estava confusa também. Ela tinha tanta certeza que Maria a desprezava.

“Isso realmente não importa mais”, disse Maria. “Eu já superei o lance com Sage. Completamente. Ela pode ficar com ele sem problemas. Tenho alguém novo na minha vida que faz Sage parecer que nada.”

Scarlett notou que Maria estava radiante, podia ver que ela estava genuinamente feliz. Era o olhar Maria tinha sempre que arranjava um novo namorado.

Scarlett estava feliz por ela, aliviada e um pouco confusa também por Maria não estar chateada com ela. Scarlett não entendia como ela poderia ter encontrado alguém tão rapidamente, mas ela estava grata por isso. No início, ela se perguntou se Maria estava brincando; mas quando Maria se adiantou e estendeu a mão, ela percebeu que estava sendo genuína.

“Trégua?”, perguntou Maria.

Maria abriu um sorriso largo e Scarlett estendeu a mão e apertou a mão dela, Maria se aproximou e a abraçou.

“Quem se importa com meninos afinal de contas?”, perguntou Maria. “Eles vêm e vão. Mas nós somos tipo para sempre, você sabe disso né?”

Scarlett a abraçou de volta e, por cima do ombro, viu a expressão de Jasmine suavizar. Becca veio, também, e ficou claro que, se Maria tinha reconciliado com ela, as outras também estavam dispostas a ficarem de bem. Becca e Jasmine se aproximaram e abraçaram Scarlett, ela sentiu toda a tensão se dissipar no ar.

“Feche a porta, está frio”, disse Jasmine.

Scarlett entrou e Jasmine fechou a porta atrás dela. Scarlett seguiu as meninas que andavam pela casa, um pouco curiosa.

“O que está acontecendo aqui?”, perguntou Scarlett. “E esta música? Estou ouvindo vozes?”

“No porão”, disse Jasmine. “Estamos fazendo um esquentão esta noite.”

“O que tem hoje à noite?” Scarlett perguntou, confusa.

“Dã, é o Bannerman”, disse Becca. “Todos os anos, na noite após a fogueira, não se lembra?”

Bannerman, Scarlett pensou e então ela se lembrou. Era aquela pequena ilha, abandonada no meio do Hudson. Ela se lembrou do ano passado, de todos os alunos indo de lancha para lá, uma pequena ilha abandonada, com as ruínas de um castelo sobre ela. Eles haviam virado a noite, acendendo fogueiras, bebendo cerveja e assando marshmallows. No ano passado, isso parecia tão ousado e divertido para ela.

Agora, porém, o pensamento lhe parecia apenas frio e desgastante. Não era o que Scarlett queria.

Ela só queria ter um pouco de paz e tranquilidade, fugir do mundo e descobrir tudo o que podia sobre Sage.

Mas, à medida que Scarlett as seguia, descendo os degraus, ela percebeu que não seria assim. O porão estava cheio com uma dúzia de jovens, amigos de amigos, sentados por ali, rindo, bebendo cervejas em copos de plástico. Quando Scarlett olhou para todos os rostos, seu coração parou de repente, Blake estava ali. Ele estava em um canto com alguns de seus amigos bobos, rindo muito alto, ela imediatamente virou a cabeça e foi para o canto mais distante, esperando que ele não a tivesse visto.

“Então, você tem que nos contar”, disse Becca, quando todas elas se reuniram em torno de Scarlett. “Tipo o que aconteceu com você?”

“O que você quer dizer?”, perguntou Scarlett, ficando nervosa.

“Ouvimos dizer que você acabou com a Vivian na noite passada”, disse Becca. “Que você era mais forte do que Deus. E que você foi embora tão rápido que ninguém pode encontrá-la.”

“E tipo sua mãe e seu pai mandaram mensagens de texto para a escola inteira procurando por você”, acrescentou Jasmine.

“Eu ouvi que a polícia estava lá fora procurando por você”, acrescentou Maria. “Como se você estivesse desaparecida ou algo assim.”

Scarlett sentiu uma pontada de culpa ao pensar em quão chateados seus pais deveriam estar, de como eles deviam estar por aí procurando por ela. Uma parte dela queria voltar para eles; mas outra parte precisava de mais tempo para entender por que sua mãe queria que ela morresse.

Por enquanto, ela só precisava acalmar suas amigas e fazer com que elas parassem de pressioná-la; Scarlett odiava ser o centro das atenções.

Ela encolheu os ombros.

“Meus pais sempre surtam quando eu não chego imediatamente em casa”, disse Scarlett. “Eles chamam a polícia muito facilmente. Mas não foi nada. Não se preocupem.”

As meninas assentiram, compreendendo.

“Meus pais também são ridículos”, disse Jasmine. “A única razão pela qual todo este pessoal está aqui esta noite é porque eles estão fora da cidade. Mas quando eu vou para qualquer lugar, eles quase chamam o exército para ficar de olho em mim.”

“Você parece estar bem, para mim”, disse Becca.

“Eu estou bem,” Scarlett assegurou.

“E, tipo, o que aconteceu entre você e Sage?”, perguntou Maria.

Scarlett olhou para ela, preocupada por ela ter levantado o tópico, mas ela podia ver que não havia ciúme em seus olhos – apenas curiosidade genuína. Scarlett suspirou.

“Ele me deixou esperando”, disse ela. “Eu não sei onde ele está.”

Becca revirou os olhos.

“Meninos. Eles são terríveis. Eu odeio passar por isso. Você deveria dar um for a nele.”

Scarlett franziu as sobrancelhas.

“Alguma de vocês viram ou ouviram algo sobre isso? Quero dizer, sobre onde ele está?” Scarlett perguntou, olhando para cada uma, esperançosa.

Todas elas balançaram a cabeça.

Jasmine disse:

“Por que se preocupar se ele nem apareceu?”

“Eu só preciso falar com ele”, respondeu Scarlett.

“Por que você não manda tipo uma mensagem de texto ou liga para ele?”, perguntou Becca.

“Ele não está pegando o celular”, disse Scarlett. “Então, alguma de vocês ouviu falar alguma coisa?”

Todas elas se entreolharam sem expressão e balançaram ou a cabeça.

“Se eu soubesse algo, eu diria a você”, disse Becca. “Mas esse cara, ele é tipo um homem misterioso. Ninguém nunca vê-lo por mais de um segundo.”

O coração de Scarlett parou. Ela estava realmente esperando que uma de suas amigas tivessem visto ou ouvido alguma coisa a respeito. Era sua melhor aposta, já que elas eram seus olhos e ouvidos dentro do colégio. Ela ficou cabisbaixa e sentiu vontade de chorar por dentro. Talvez ele realmente tivesse partido.

“Maria está com um novo garoto”, disse Jasmine, sorrindo, mudando de assunto.

Scarlett sorriu para Maria, feliz por ela e Maria corou.

“Que bom para você, Maria,” Scarlett disse. “Quem é?”

“Apenas o cara mais lindo que eu já vi”, disse ela. “Ele é tipo um homem, não um menino. Ele dirige um impressionante Maserati e veste as roupas mais caras. E disse que esta semana iria me levar para a cidade. Vocês podem imaginar?”

Scarlett olhou para ela, querendo saber quem esta pessoa poderia ser. Parecia bom demais para ser verdade.

“Só tenha cuidado”, advertiu Scarlett.

A expressão de Maria enrijeceu.

“Do que eu preciso ter cuidado? Ele é perfeito.”

Scarlett ergueu a palma da mão.

“Eu só estou dizendo.”

“Aí está você,” veio uma voz.

Scarlett virou e seu estômago deu um nó ao ver Blake a sua frente, sorrindo, vestindo uma camisa xadrez, com as mãos nos

bolsos da frente da calça jeans. Seu cabelo estava desgrenhado, e ele estava com a barba por fazer. Ele olhou para ela como se fosse íntimo dela.

“Você é tipo a pessoa mais difícil de encontrar hoje em dia”, disse ele. “Você recebeu alguma das minhas mensagens?”

Scarlett olhou para ele fixamente, sem ter a menor idéia do que ele estava falando.

“Que mensagem?”

“Eu tenho enviado um monte de mensagens para você.”

“Desculpe, meu telefone não está funcionando”, disse ela.

Ele deu de ombros.

“De qualquer forma, aqui está você. Você vem com a gente hoje à noite? Para o Bannerman?”

Scarlett olhou para as outras, incerta, e todas elas balançaram a cabeça vigorosamente de volta para ela.

“Você tem que vir”, disse Maria, dando um passo à frente, ficando de braços dados com ela.

“É claro que ela vai”, Maria confirmou para Blake. “Ela não iria perder essa.”

“Ótimo”, disse Blake. “Nós vamos ficar no mesmo barco.”

Scarlett foi com as outras para o sofá e se sentou, olhando para o nada, pensando, ela não quis tomar a bebida que ofereceram a ela. Todos os outros bebiam e música ficou mais alta, riam e se divertiam e, estavam tão alegres que ninguém percebeu que Scarlett estava sentada ali, desesperada, querendo estar em qualquer lugar menos ali, sem saber o que fazer, desejando que o mundo acabasse.

CAPÍTULO ONZE

Caitlin caminhou rapidamente com Caleb subindo os degraus intermináveis do campus da Universidade de Columbia, seus passos ecoavam enquanto se apressava pelo imponente edifício onde ficava o escritório de Aiden. Parecia surreal para Caitlin estar ali de volta,

naquele lugar onde ela tinha passado tantos anos de sua vida, seu coração estava acelerado enquanto ela se dirigia para o edifício, temendo o que Aiden poderia dizer. Caitlin se sentia mais segura por ter Caleb ao seu lado, ambos estavam desesperados para ver Aiden de novo, mas também temiam o que estaria por vir. Na última vez em que ela tinha estado ali, ele a aconselhara a matar sua própria filha. E ela havia jurado nunca mais voltar.

Mas agora ela se via em uma situação desesperadora, e ela percebeu que, ironicamente, naquele momento, Aiden era a única pessoa a quem ela poderia recorrer. Ela só rezava para que o resultado fosse diferente nesta vez, que ele tivesse algo a dizer que pudesse ajudar Scarlett. Não havia mais ninguém que tivesse estudado mais sobre o assunto do que ele e, se havia alguém no mundo que soubesse como guiá-la, este alguém era ele.

“Tem certeza de que isso é uma boa idéia?”, perguntou Caleb. “Como pode um professor de idade nos ajudar a ter nossa filha de volta?”

Eles caminhavam rapidamente, Caitlin estava ofegante enquanto falava.

“Não é apenas um professor”, disse ela, “ele é um gênio e um estudioso. Ele possui toda a biblioteca da universidade em sua cabeça. Se alguém souber onde procurar, este alguém é Aiden.”

“Mas procurar o que? Como isso irá nos ajudar a encontrar Scarlett?”

Caitlin sacudiu a cabeça.

“Você não entende. Não é apenas Scarlett que estamos procurando; é a motivação por trás de onde ela pode estar. Precisamos saber o que está conduzindo ela. O que tomou conta dela. A menos que tenhamos esse entendimento, não poderemos saber onde procurá-la. E, acima de tudo, precisamos de uma cura. Aiden pode nos dar uma luz sobre tudo isso.”

Caleb sacudiu a cabeça.

“Eu penso que nós estamos perdendo tempo aqui. Eu não tenho o seu conhecimento sobre todo este material acadêmico. Eu nunca tive. Mas eu a respeito. Se você acha que este é o caminho, que assim seja.”

“Temos que tentar”, disse ela. “Por favor, não seja tão cético. Você foi cético uma vez e você estava errado. Lembra?”

Ele olhou para ela e acenou com a cabeça, finalmente, ela podia ver que ele entendia.

“Eu estou pronto para ouvir”, ele admitiu. “Depois do que eu vi, eu estou pronto para ouvir qualquer coisa.”

Eles chegaram ao topo da escada e, quando Caitlin olhou para cima, ela se surpreendeu ao ver Aiden do lado de fora da porta do edifício, os aguardando ansiosamente. Seu rosto apresentava sinais de preocupação, ele se apressou e a cumprimentou, colocando uma mão reconfortante em torno de seu ombro, levando-a para dentro.

“Estou sinto muito mesmo”, disse ele, sua voz gravemente preocupada, ela podia ver a compaixão em seu rosto. Ela percebeu que estava errada sobre ele; ele nunca teve a intenção de lhe causar nada, só queria o melhor para ela, e havia lhe dito aquilo por preocupação.

“Obrigado por nos receber”, disse Caitlin.

“Você foi seguida?”, Perguntou.

O coração de Caitlin parou quando ela pensou sobre isto pela primeira vez; ela se virou e olhou para trás, assim como Caleb, e balançou a cabeça.

“Venham comigo”, ele disse rapidamente. “Eu não quero que ninguém ouça nossa conversa.”

Aiden parecia muito nervoso e, em seguida, se virou e abriu a porta, eles o seguiram por vários lances de escada, depois por um corredor e, finalmente, alcançaram seu escritório.

Eles lotaram a pequena sala, Caitlin e Caleb ficaram sentados lado a lado nas duas pequenas carteiras de estudantes, Aiden fechou a porta firmemente atrás deles e se sentou diante dos dois.

Aiden se inclinou sobre a mesa e colocou seus cotovelos sobre ela, as mãos sob seu queixo, um de seus olhos se contraía nervosamente. Caitlin podia ver como tudo aquilo o afetava também, ela podia ver que ele era um bom homem, que nunca quisera realmente nenhum mal para Scarlett.

“Sinto muito que tenhamos chegado a este ponto”, disse ele. “Tenho certeza que você sabe que eu só queria o melhor para todos

vocês. Eu disse o que eu disse, porque eu também não queria que nenhum mal se abatesse sobre a humanidade. Esta é uma reviravolta infeliz. Muito infeliz.”

Caitlin se mexeu na cadeira e, antes que ela pudesse falar, Caleb se inclinou para frente, ansioso, e disse:

“Você pode nos dizer onde nossa filha está?”

Aiden se inclinou para trás, suspirou e balançou a cabeça tristemente.

“Infelizmente eu não posso”, disse ele. “Mas eu posso ser capaz de ajudá-los de outras maneiras. Talvez eu possa ajudá-los a entenderem o que a motiva. E o que vocês podem esperar.”

“O que quer dizer com esperar?” Caleb exigiu.

Aiden recostou-se na cadeira, que rangeu com este movimento.

“O vampirismo existe há milhares de anos”, explicou. “Sua filha foi a última. Agora que ela se alimentou de outra pessoa, eu temo que esta praga não esteja mais contida. Não sabemos quantos outros ela já infectou, nem quantos outros sua vítima também infectou. É tarde demais para o confinamento. Agora, temos de encontrar uma solução.”

“Uma solução?”, perguntou Caitlin esperançosa. “Existe uma?”

Aiden fechou os olhos, parecendo triste.

“Esta é uma questão que tem atormentado os estudiosos, historiadores, vítimas, os aflitos, a igreja e até caçadores de bruxas por milhares de anos. Será que uma solução para o vampirismo existe?”

Alguém poderia pensar que sim. Afinal, sua filha era o último vampiro remanescente na Terra. Mas você vê, o problema é que a cura – se ela existe – tem sido escondida. Ninguém sabe por quem, nem quando, nem porquê. Este não é um conhecimento livremente compartilhado, como você pode imaginar, mas vou lhe dizer que os estudiosos, historiadores e outros têm procurado por séculos.

Houve muitas pistas promissoras, até mesmo rumores de descoberta. Mas ninguém jamais produziu uma prova concreta. Em muitos aspectos, somos cavaleiros em busca do Santo Graal, da Arca Perdida. Há tantas teorias, é difícil saber em quem acreditar. Eu mesmo nunca vi provas.”

“Pode dizer-me: há esperança?” perguntou Caitlin, desesperado. Aiden a examinou, seus olhos carregados de inteligência.

“Se você me perguntar”, disse ele com cuidado, “eu diria que sim. Outros não concordariam.”

“Isso é uma grande notícia”, disse Caitlin.

“Não necessariamente”, disse Aiden. “Eu acho que há um Santo Graal, também, mas isso não significa que eu ache que eu possa encontrá-lo. Ou que alguém possa. Há tantos séculos de estudos para examinar, tantas pistas falsas para rastrear. Eu não sei se alguma vez uma pesquisa fora feita cuidadosa e meticulosamente o suficiente. Não sei se isto poderia ser alcançado em nossa vida. ”

“*Eu* posso alcançá-lo”, disse Caitlin, determinada. “Apenas me diga onde procurar. Você me conhece: eu posso estudar milhares de livros por dia, se eu precisar. É a vida da minha filha em jogo. Você mesmo disse...”

Aiden levantou uma mão.

“Eu nunca conheci ninguém com a sua mente acadêmica, Caitlin”, disse Aiden “, mas mesmo com sua incrível velocidade e compreensão é uma tarefa e tanto. Você deve entender, você estaria procurando duas coisas diferentes: tanto uma cura para o vampirismo – para Scarlett – e uma arma para matar – as pessoas que ela se transformou. Você vai precisar de ambos. As lendas contam que só é possível 'curar' vampiros que são puros e inocentes de coração, como sua filha. Aqueles com espíritos mais sombrios terão que ser mortos. E é exatamente por isso que eu acredito que sua filha foi o último dos vampiros. Eu acredito que todos os outros vampiros foram mortos. O último vampiro, o puro, de bom coração, não poderia ser morto da mesma maneira. Eu acredito que a relíquia para matar vampiros foi encontrada, mas não a relíquia para curá-los.”

Ele suspirou e se recostou.

“Mas você me pegou pela tangente e isso é tudo irrelevante agora”, disse ele. “Ambas estão perdidas há muito tempo, onde quer que estejam.”

Caitlin se concentrou apenas sobre a possibilidade, ela sentiu uma nova onda de determinação; ela queria saber apenas disso.

“Você falou sobre pistas”, disse Caitlin. “Você pode dá-las a mim?”

Aiden a encarou e balançou a cabeça.

“Você é assim mesmo”, disse ele. “Se você colocar algo em sua cabeça, você nunca aceita um não como resposta.” Ele suspirou. “Eu posso lhe dar uma biblioteca cheia delas”, acrescentou. “Mas você é apenas uma pessoa. Você não será capaz de vasculhar tudo. As chances de seu estudá-la a tempo...”

“Aiden, por favor”, Caitlin insistiu, implorando. “Eu tenho que tentar. É minha filha. Eu tenho que trazê-la de volta para mim. Eu vou tentar qualquer coisa – mesmo complicada.”

Aiden pensou por um longo tempo em silêncio. Finalmente, ele assentiu.

“Tudo bem”, ele admitiu. “Eu acredito que você vai embarcar em uma tarefa inútil, mas muito bem. Como quiser. Sua primeira etapa da jornada deve ser visitar a biblioteca mais completa sobre o tema: A coleção da biblioteca de Yale.”

Aiden levantou uma caneta-tinteiro pesada e um bloco de notas do meio do amontoado de livros sobre a mesa, ele se debruçou e começou a escrever furiosamente enquanto falava.

“Você vai precisar examinar todos esses títulos”, disse ele, escrevendo. “Eles são enciclopédias de pesquisas ocultas confiáveis. Você vai encontrar uma dúzia das melhores teorias neles. Se você vai chegar a algum lugar, isso é outra história.”

“Obrigada”, disse Caitlin significativamente, tomando o pedaço de papel.

Aiden olhou de um para o outro, de Caitlin para Caleb.

“Antes que você vá, há algo que eu ainda não entendo sobre a sua história”, disse Aiden. “Você disse que entrou naquele bar e encontrou Scarlett?”

“Não”, disse Caleb. “Ela estava na salinha dos fundos do bar. Primeiro, tivemos uma briga.”

“Uma briga?”, ele perguntou, levantando a voz com alarme.

“Sim, com quem estava lá”, disse Caleb. “Na verdade, isso não estava indo nada bem. Mas um garoto apareceu, e ele nos ajudou.”

Aiden inclinou para frente, intrigado.

“Um *menino*, você diz?”

“Sim”, disse Caleb.

“Não era normal”, Caitlin acrescentou, se lembrando. “Era como se ele tivesse super-força. Eu nunca vi ninguém mover tão rápido.”

Aiden a estudou, claramente preocupado.

“Por que este menino estava lá?”, ele perguntou, Caitlin podia detectar o alarme em sua voz.

“Ele disse que estava procurando por Scarlett.”

Aiden se inclinou para trás e pensou por um longo tempo, sua sobrancelhas franzidas.

“Por que você pergunta?” Caitlin finalmente indagou, ficando preocupada por sua expressão.

“Eu acho que pode haver uma outra força em jogo aqui”, finalmente disse Aiden.

“O que você quer dizer?”, Perguntou Caitlin.

Aiden suspirou.

“Há uma profecia que diz que, quando o último vampiro aparecer na terra, os Imortais irão morrer.”

“Imortais?”, perguntou Caleb.

Aiden assentiu.

“Uma antiga raça lendária, uma raça destinada a viver precisamente dois mil anos de idade. Não é exatamente imortal – um nome equivocado, como você pode ver. Mas eles têm a capacidade de tornarem imortais, de estender suas vidas para sempre. Eles precisam do último vampiro para continuar vivendo...”

Ele fez uma pausa.

“Pode ser que Scarlett se viu no meio de uma guerra dos Imortais. Se a lenda for verdadeira, pode ser que ela é seja sua última esperança para a sobrevivência. Isso poderia explicar o menino.”

“Isso tudo soa muito impossível para mim”, disse Caleb, inclinando-se para trás, cruzando os braços. “Você não é um erudito? Você realmente acredita em tudo isso?”

Caitlin sacudiu a cabeça, confusa.

“Não”, ela disse para Aiden. “O menino definitivamente estava lá para nos ajudar.”

“Para ajudá-los a encontrá-la”, corrigiu Aiden.

“Isso soa muito surreal”, respondeu Caitlin.

“E ainda assim foi você quem me contou esta história”, Aiden respondeu. “Não confio no que seus instintos lhe dizem.”

“E daí?”, perguntou Caleb. “Eu não me importo com nada disso, honestamente, eu só quero minha filha de volta.”

“Mas você *tem* que se preocupar com tudo isso, Sr. Payne”, disse Aiden. “Você vai precisar saber disso para recuperá-la. Procurar pelas ruas não vai ajudar. Sem desvendar tudo o que precisa, você nunca vai encontrá-la e você certamente nunca irá salvá-la.”

Ele se virou para Caitlin.

“Vá para Yale”, disse ele. “Procure por pistas para a cura e a arma. Eu mesmo vou procurar este menino, fazer mais pesquisas sobre os Imortais. Eu sinto que eles podem ser uma parte importante neste quebra-cabeça.”

“E o que eu devo fazer?”, perguntou Caleb.

Aiden se virou para ele.

“A primeira vítima de sua filha está lá fora em algum lugar, agora certamente já se transformou”, disse ele. “Em breve, ele vai transformar outros. Você deve encontrar este homem e impedi-lo antes que Caitlin encontre a resposta.”

Ele se inclinou, se aproximando.

“Você está me ouvindo?” Aiden repetiu, enfático. “Neste momento, a vítima é a coisa mais grave ameaçando à humanidade que nós conhecemos. Acima de tudo, você deve detê-lo.”

CAPÍTULO DOZE

Kyle percorria a Rota 9, sentindo como se tivesse nascido de novo, mais forte do que nunca, ele revivia em sua mente mais uma e outra vez a morte daqueles policiais. Nada lhe dava mais alegria.

Ele mataria mais, se pudesse.

Kyle forçou seu braço, flexionando seus músculos, ele não conseguia entender de onde sua força recém-descoberta vinha. Ele sentia o bombeamento de sangue em suas veias a uma velocidade insana, como se tivesse recebido dez infusões de sangue. Ao dirigir ao longo da estrada, ele se sentia como um garoto de dezoito anos, invencível, pronto para enfrentar o mundo. Mal podia acreditar quanta energia ele tinha sob seu controle; sentia que estava pronto para festejar a noite toda.

Kyle sabia que ele deveria ter medo, sabia que ele era um assassino de policiais agora, e que em breve todo os oficiais estariam procurando por ele. Também pensou que, provavelmente, ele não deveria estar andando visivelmente pela Rota 9, como se ele não tivesse medo do mundo.

Mas, por alguma razão, ele não tinha medo. Mais do que isso, sentia-se ousado, invencível até.

Ele havia deixado todo o medo para trás, tinha a sensação mais louca que não importasse o que acontecesse, ele não poderia ser morto. Ele sentia a maior confiança de sua vida, e queria testá-la.

A estrada, à noite, estava escura, os primeiros sinais da aurora estavam apenas começando a aparecer no horizonte, o céu ainda tinha uma cor cinza do crepúsculo e Kyle estava determinado a testar seus limites. Em vez de ficar ao longo do acostamento, ele foi para o meio da estrada. Ele andava lentamente, casualmente, bem no centro, sabendo que os carros não poderiam vê-lo a tempo – sabia que iriam acertá-lo.

Ele *queria* que eles o atingissem. Ele queria ver se ele realmente era invencível.

Em pouco momentos, luzes inundaram o horizonte e uma van veio acelerando pela Rota 9. Kyle ouviu os pneus no pavimento, seguido por uma estridente buzina e o grito dos pneus cantando. Kyle se manteve firme e enfrentou a colisão, sorrindo, sabendo que era tarde demais para que eles parassem.

Os ocupantes o viram, seus rostos apavorados se chocaram contra o pára-brisa quando houve a colisão. O impacto quebrou o pára-choque da van, depois seu pára-brisa, o que fez a van parar logo em seguida – como se ela tivesse atingido uma parede. O

motorista e o passageiro, um casal de meia-idade, voaram através do pára-brisa e caíram na calçada, em um conjunto sangrento, imóvel. A van ficou lá, soltando fumaça, a sua buzina estridente tocando permanentemente.

Kyle ficou ali se examinando e percebeu, espantado, que saíra ileso. Havia alguns hematomas em seus braços, mas era só isso – e, ao olhar para eles, eles se curaram diante de seus olhos.

Kyle abriu um largo sorriso.

Nada pode me parar agora, pensou. Se ao menos eu tivesse esse tipo de poder na prisão... Ele sonhou acordado com todos os guardas que ele teria matado, todos os companheiros de prisão que ele teria libertado. A matança que teria acontecido.

Kyle se virou e viu o casal de meia-idade deitado no chão, morto, e se sentiu satisfeito.

Eles não deveriam estar dirigindo assim tão cedo de qualquer maneira, ele pensou. Serviu-lhes de lição.

Kyle se virou e começou a marchar de volta para onde ele estava ido: o bar Pete. Ele estava com sede e queria uma cerveja e muito mais do que isso.

* * *

Kyle começou a correr para o bar Pete e ficou surpreso ao perceber que ele chegou lá em apenas alguns passos, atravessando centenas de quilômetros em segundos. Ele piscou e se viu na porta do bar. Se perguntou o que estava acontecendo com ele. Estaria imaginando tudo isso? Era algum tipo de sonho incrível?

Kyle deu um passo até a porta e viu ela estava com suas dobradiças quebradas, curvada devido ao ocorrido da noite. Ele sentia que aquele era o lugar certo para ir; ele precisava saber mais sobre aquela garota que o mordera – Scarlett – e aquele era o único lugar que ele sabia que ela tinha estado. Alguém ali deveria saber algo sobre ela.

Kyle arrombou a porta e entrou, olhando ao redor. A luz parecia extraordinariamente brilhante para ele e, por alguma razão, seus olhos arderam.

“Desculpe, amigo, bar fechado,” veio uma voz.

Kyle olhou para cima e viu o bartender, ele parecia abatido, limpando o bar. Uma pequena TV estava ligada em um canto e o lugar estava sem clientes.

“Ei, você não ouviu o que eu disse? Estamos fechados”, disse o barman, mais firmemente, quando Kyle entrou.

Kyle o ignorou, andando por todo o lugar, em direção ao balcão. O lugar fedia como se ele tivesse acabado de ser esfregado com amônia.

“Eu disse que o local está fechado”, o bartender estalou, sua voz mais grave.

Como Kyle chegou ao balcão, o barman olhou para ele com mais atenção e parou de falar, seu rosto congelado em surpresa.

“Ei, espere um minuto, você não é o cara de hoje à noite?”, o bartender disse, confuso. “Espere um segundo. Eu achei que – caramba – espera, eles não o levaram embora?”

Agora, o barman o examinou, em dúvida e Kyle o observou, ele podia ver a confusão se transformando em medo no rosto do homem.

Kyle, a alguns centímetros de distância, estendeu o braço, agarrou-o do outro lado do balcão e o levantou acima de sua cabeça.

“Ei, cara, me larga!” gritou o barman, debatendo-se inutilmente contra a força superior de Kyle. “Ei, cara, qual é o seu problema!?”

“Eu não gosto que me falem que o bar está fechado”, disse Kyle lentamente, sua voz sinistra. “Eu não vou pedir duas vezes: eu quero uma Guinness e um shot de Jack. Dose dupla. Prepare-os agora.”

O barman olhou para Kyle enquanto balançava no ar, com os olhos arregalados de medo, e então ergueu as palmas das mãos.

“Ei, cara, o que você quiser!”, disse. “Você pode ter as suas bebidas.”

Kyle sorriu e abaixou lentamente o homem no chão. Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma nota de cinquenta, que ele havia tirado da carteira de um policial, uma nota de dinheiro honesto, gasta em um bar.

“Fique com o troco”, disse Kyle.

O barman olhou para ele, impressionado. Ele olhou por cima do ombro para Kyle, claramente assustado, enquanto tirava a cerveja da máquina; ele nem sequer notara a espuma que derramava sobre a sua mão.

“Estou à procura de uma menina”, disse Kyle, “a menina que estava aqui hoje à noite. A ruiva. Adolescente. Você a conhece?”

O barman se virou e colocou a bebida no balcão diante de Kyle e olhou para ele, inquieto.

“Eu não sei nada sobre ela.”

“Não?”, disse Kyle, olhando nos olhos do homem.

Kyle sempre sabia quando alguém estava mentindo; ele considerava isso um de seus grandes talentos.

Kyle tomou as duas doses de Jack, tomou um longo gole em sua caneca de Guinness e, então, sem aviso, de repente quebrou o vidro sobre as pontas dos dedos do barman, esmagando-as e prendendo sua mão.

O barman gritou de dor.

“Seu filho da puta!”, ele gritou.

Kyle se inclinou para perto.

“No próximo passo”, Kyle rosnou, “eu quebrarei este copo e cortarei sua garganta. Agora vá em frente: mentir para mim novamente.”

O bartender, gemendo, suando, assentiu com a cabeça às pressas.

“Ela frequenta o colégio da cidade, cara, isso é tudo que eu sei”, disse em isso. Isso é tudo que eu sei!”

Kyle o soltou e o homem puxou sua mão de volta a mão, apertando-a, sentindo dor.

Kyle abriu um largo sorriso.

“Viu?”, disse. “Não foi tão difícil.”

“O que você quer dela, afinal?”, perguntou o barman. “Por que você não a deixa simplesmente em paz? Você já teve sua diversão. A menina está desaparecida ou algo do tipo. Você realmente fez mal para ela.”

De repente, a TV fez barulho e, sobre o ombro de Kyle, ele ouviu o locutor de notícias.

“Notícias recentes: a polícia está à procura de Kyle Vicious, procurado pelo assassinato de dois policiais na Rota Nove. Isto aconteceu após sua fuga da prisão local nesta noite local.”

Kyle virou e viu uma foto sua na tela e ficou surpreso por parecer tão bonito. Kyle voltou a encarar o bartender que o olhava com medo, de boca aberta.

“Não acredite em tudo que você ouve”, disse Kyle. “Eu não escapei. Eu cumpri minha pena.”

“Você tem que sair agora”, disse o barman, entrando em pânico.

Kyle sorriu, ignorando-o.

“Meu último nome”, disse Kyle. “Você provavelmente pensa que é falso, né? Mas não é. Dá para acreditar? Eu fui apropriadamente batizado: eu nasci para matar.”

O barman ergueu as palmas das mãos.

“Olha, cara”, disse ele, a voz trêmula: “Eu não tenho nenhum problema com você. Eu não me envolverei. Eu não vou dizer nada.”

Kyle ouviu a voz do homem tremendo. E sorriu.

“Você sabe”, disse Kyle, “depois de todos esses anos de prisão, há uma habilidade que eu aprendi muito bem: como saber quando um homem está mentindo” Kyle olhou diretamente para ele. “E você, meu amigo, está mentindo.”

O barman balançou a cabeça.

“Você vai me dedurar no segundo em que eu sair por aquela porta.”

O barman balançou a cabeça vigorosamente.

“Não, eu juro!”

Kyle ouviu um zumbido, olhou para baixo e viu o celular do homem vibrando abaixo do balcão.

Kyle o pegou antes que o homem e ele o leu. Kyle viu que o homem tinha mandado uma mensagem para a polícia.

“Como eu disse,” Kyle acrescentou: “Eu sempre sei quando alguém está mentindo.”

O barman se abaixou atrás do balcão, tirou um bastão e o ergueu.

“É melhor você dar o fora daqui agora!”, ele gritou, sua voz embargada. “Os policiais estão chegando! Eles vão matá-lo! E, se não o fizerem, eu irei!”

Kyle riu.

“Você vai?”, ele zombou.

Um segundo depois, o lugar foi inundado por luzes piscantes e sirenes, Kyle ouviu carros da polícia cantando os pneus por trás da porta, ouviu botas apressadas pelo cascalho e, um momento depois, a porta foi chutada e se abriu.

Dezenas de policiais correram pela sala, armas em punho.

“Parados! Mãos na cabeça! AGORA! ”

Kyle sentou-se no banquinho, sorrindo, de costas para eles, o barman assistiu em choque Kyle beber lentamente o resto de sua caneca de Guinness. Ele bebeu e o líquido escorreu pelo queixo e molhou sua camisa, até que ele finalmente abaixou a caneca.

Kyle arrotou.

“Cerveja boa demais”, disse ele. “Muito ruim ser desperdiçada em um lugar sujo como este.”

Kyle se virou e sorriu.

“Estou pronto agora”, disse ele. “Terminei a cerveja.”

“Eu disse mãos para cima!” gritou um oficial.

Todos seguravam as armas em punho, Kyle sorriu pois podia sentir o medo de todos.

“E se eu não quiser?”, perguntou Kyle.

Kyle deu um passo em direção a eles, e, de repente, tiros irromperam.

Kyle sentiu as balas atingindo seu peito, estômago, braços e ombros, seu corpo tremia quando ele foi derrubado no chão depois de dezenas de tiros. Ele ficou deitado no chão até que o tiroteio parou. Ele podia sentir o cheiro da fumaça das pistolas e, finalmente, tudo ficou quieto ali dentro.

Kyle de repente se levantou em um salto. Ele ficou ali, encarando o grupo de policiais atônitos, todos de bocas abertas, atordoados demais para reagirem.

“A mãe de vocês não disse para não trazer uma faca para um tiroteio?”, perguntou Kyle, sorrindo largamente.

Kyle se projetou para a frente com um grito gutural, sentindo ainda mais potência e mais velocidade do que ele já tinha. Antes que qualquer um dos policiais pudesse reagir, Kyle desencadeou um mundo de dor na sala, correndo no meio da multidão, distribuindo cabeçadas e cotoveladas, socos e chutes.

Num piscar de olhos, todos foram abatidos no chão, imóveis, com maxilares, narizes e membros quebrados. Kyle ficou ali admirando sua obra e, em seguida, casualmente, se abaixou, pegou duas das pistolas, examinou a munição e as colocou em seu cinto, sorrindo.

“Não vai se importar se eu pegá-las”, disse ele ao oficial morto.

Kyle se virou para sair e, logo em seguida, ouviu o rangido de uma tábua no chão. Ele olhou para trás, se lembrando o barman.

O barman estava lá, agachado, segurando o bastão, sem força, diante dele. Kyle se aproximou e o barman derrubou o bastão e levantou suas mãos trêmulas.

“Por favor”, suplicou ele. “Eu tenho uma esposa! Eu tenho filhos!”

Kyle parou e o examinou a partir alguns centímetros de distância, olhando em seus olhos.

“Lá vai você”, disse Kyle “, mentindo de novo.”

Kyle ouviu um barulho de pingos e, ao olhar para baixo, viu o barman fazendo xixi nas calças. Kyle estendeu a mão, pegou a nota de cinquenta do bar e agarrou outra caneca de Guinness.

“Você serviu o Guinness do jeitinho certo”, disse Kyle. “Sem espuma demais. Isso é difícil de fazer, você sabe. Muito difícil. Você é um homem de sorte. Um homem de muita sorte.”

Kyle se virou, com a cerveja na mão, e passou por cima dos cadáveres enquanto se dirigia para a porta, para a noite, continuando sua busca por aquela garota.

Scarlett, ele pensou.

Agora as coisas estavam prestes a ficarem interessantes.

CAPÍTULO TREZE

Scarlett sentou-se na parte de trás do pequeno barco a remo, que balançava com as fortes correntes do rio Hudson, e apertou seu sobre seus ombros para afastar a brisa fria que saía da água.

Ela tinha esquecido o quão frio o Hudson poderia ser em novembro; também tinha esquecido o quão forte as marés poderiam ser, ela se preparou contra os respingos, parecendo ondas em um oceano.

Havia muitas pessoas à bordo – Maria, Jasmine e Becca, Blake que estava remando e uns dois amigos seus – e Scarlett olhou para fora, tremendo, não confiando naqueles rangidos do barco antigo, grata por ver que a ilha de Bannerman se aproximava rapidamente, a apenas trinta jardas de distância.

Scarlett tinha sentimentos mistos sobre ir àquele lugar. Ela se lembrava de algumas vezes no passado, quando ela gostava de ir à Bannerman, uma ilha pequena, abandonada no meio do Hudson, com uma enorme ruína desmoronada de um castelo, uma relíquia de uma época antiga, há muito abandonada, estruturalmente instável, carregada de videiras. Na verdade, toda a ilha era coberta de matas espinhosas, videiras e heras venenosas, um lugar muito condenado pelo tempo, esquecida pela história.

Scarlett gostava de imaginar como aquele local era em sua antiga glória, cem anos atrás, quando um rico proprietário lunático vivia ali, um homem que tinha, de alguma forma, usado sua força de vontade para erguer e construir um castelo em uma ilha no meio do Hudson. Que romântico, pensava ela, mesmo que ele fosse um traficante de armas. Ela gostaria de tê-lo conhecido, visto como era seu castelo em toda sua glória.

Mas isso foraem uma outra era, acabada há muito tempo. Quando ela olhou para Blake e seus amigos, todos rindo muito alto, bebendo cerveja e jogando as latas vazias para a água, ela percebeu que não havia mais nada romântico sobre aquilo. Toda a cavalaria, as grandes noções de romance, pareciam ter morrido. Aquele castelo era uma prova disso. Agora era apenas uma outra ruína largada no Hudson, um lugar onde jovens endiabrados podiam ir para beberem ou ficarem doidões ou fazerem qualquer coisa que

eles quisessem longe dos olhos de seus pais curiosos. Era um lugar onde podia-se fazer festa a noite toda sem precisar se preocupar em destruir a casa nem ter vizinhos ligando para a polícia. De certa forma, era uma pena que o ideal romântico de Bannerman terminara, cem anos mais tarde, daquele jeito.

No entanto, a ilha de Bannerman era também um lugar traiçoeiro para ir – uma ilha coberta de hera venenosa e espinhos, as estruturas perigosas estavam prestes a entrarem em colapso, era também um lugar perigoso para se chegar, as marés tiravam a vida de uma pessoa, pelo menos uma vez por ano em algum lugar ao longo o Hudson. E, em uma noite de novembro como aquela, não estava nada divertido estar ali, exposta ao frio da água e do tempo. Especialmente quando Scarlett sentia-se mal do estômago, sem desfrutar a companhia de seus amigos, sem aproveitar a companhia de ninguém. A única coisa em sua mente era Sage.

Scarlett não sabia por que ela havia concordado em vir. No momento, ela se sentira encurralada, pressionada para isso, ela sentiu que não podia voltar para casa. Agora que Sage tinha ido embora, ela não tinha como encontrá-lo, uma parte dela sentia que tudo o que tinha eram seus amigos, e ela não queria abandoná-los. Ela não estava com vontade de ficar sozinha, não naquele momento e então ela concordou em ir junto. Isso lhe daria tempo, pelo menos, para decidir o que fazer depois. Além disso, como aquilo era uma festa, Scarlett esperava que poderia haver pessoas ali que tivessem visto ou ouvido algo sobre Sage. Ela *tinha* que encontrá-lo. Se não o fizesse, ela sentia que iria simplesmente morrer.

“Eu não posso acreditar que ele não respondeu minha mensagem de texto”, disse Maria.

Maria se sentou ao lado dela, irritada, segurando seu celular com raiva, olhando para ele como se estivesse esperando uma mensagem divina. Scarlett podia ver a frustração em seu rosto.

“Quem?”, Perguntou Scarlett.

“O novo cara”, Jasmine provocou. “Larry”.

“O nome dele é Lore,” Maria corrigiu, ríspida.

“Desculpe-me”, disse Jasmine. “Tanto faz o nome dele. Quem se importa com o nome dele se ele não responde sua mensagem?”

Maria corou, ficando chateada.

“Eu não disse que ele não vai me mandar mensagem”, disse ela, na defensiva. “O que eu quis dizer foi que ele disse que ia me encontrar, mas quando eu lhe disse que estava indo para uma ilha, ele não respondeu.”

“Talvez ele tenha medo de água”, disse Becca, rindo.

“Talvez ele seja um vampiro?” Blake entrou na conversa.

Todo o barco entrou na conversa rindo – todos, menos Scarlett – e Maria parecia cada vez mais envergonhada. Scarlett ficou em silêncio, ela sentiu compaixão por Maria, que ficou sentada lá, embaraçada, olhando para seu telefone em frustração. Scarlett podia ver o quanto ele significava para ela.

“Você realmente gosta deste cara, não é?”, perguntou Scarlett, compreensiva.

Maria olhou para ela e, seus olhos, de repente, de forma imprevisível, brilharam com raiva.

“Não fale comigo sobre garotos”, ela retrucou e virou as costas para Scarlett.

Scarlett foi pega de surpresa. Ela não entendeu a reação dela. Não tinham feito as pazes? Não tinham superado aquela briga?

Aparentemente não. Isto deixou uma sensação pesada no peito de Scarlett. Aquela noite estava indo de mal a pior, agora ela só queria ir para casa.

Mas ela estava presa naquele barco, sem ter como sair. Ela desejou que não tivesse concordado em ir, que eles apenas voltassem. Tinha sido estúpido da parte dela. Ela não deveria ter confiado em Maria.

Houve um zumbido súbito, um motor choramingando e Scarlett se encolheu quando uma grande lancha passou bem por ela, ela pulou de frio quando foi atingida pela água gelada do rio. O barco a remo balançava violentamente e Scarlett se agarrou com força à borda, como se protegesse sua vida.

Scarlett ouviu uma risada zombeteira no ar, ela olhou para o lado e ficou perplexa ao localizar Vivian com um grande grupo de amigos em uma nova lancha elegante, com todos os adolescentes populares e ricos da escola, vestidos com suas blusas Ralph Lauren à bordo,

eles passaram acelerando a lancha de cem mil dólares do papai. E iam em direção à ilha, chegando nela em segundos.

“Isso foi Vivian?” Scarlett perguntou, as palavras presas em sua garganta. Justamente quando ela pensou que a noite não poderia ficar pior. “O que ela está fazendo aqui?”

Becca suspirou.

“O que você acha? Metade da escola está aqui. É uma grande festa.”

Scarlett sentiu uma profunda sensação de pavor. Ao se aproximarem da terra, ela já podia ouvir a música, vindo de algum lugar de dentro das ruínas, podia ver as fogueiras ao longe, que se espreguiçavam através das moitas e árvores. Ela percebeu que todos estavam ali. Ela ficaria presa naquela ilha com pessoas que ela odiava. Pessoas como Vivian. Ela queria morrer.

Scarlett observou quando Vivian virou a cabeça na lancha e zombou diretamente dela. Ela viu o ódio em seus olhos enquanto ela e todos os seus amigos, com bebidas em suas mãos, riram dela.

Vivian ajeitou seu casaco Burberry apertado ao redor de seus ombros, virou as costas e saiu do barco. Scarlett apertou seu casaco molhado contra seu corpo, sentindo inveja. O que ela não faria por um casaco quente em uma noite como aquela.

Seu barco a remo aproximou-se e bateu contra a costa, Scarlett balançou um pouco junto com os outros. Os amigos de Blake saíram e o arrastaram para a areia, Scarlett saiu junto com os outros, dando um grande passo na areia, ninguém estendeu a mão para ajudá-la. O barco balançava muito e, ao sair, uma onda veio e, em vez de pisar na areia seca, Scarlett se viu pisando em uma água gelada batendo em seus tornozelos, enxarcando suas meias e sapatos.

Ótimo, pensou ela. Agora ela não só estava deprimida e com frio, mas molhada também.

Scarlett andou com os outros, suas meias pingavam água, enquanto caminhavam pela ilha, passando por moitas de espinhos coberta com hera venenosa, os meninos abriram um caminho improvisado para as ruínas de Bannerman, as fogueiras iluminavam a noite. A música foi ficando mais alta, assim como o

som dos estudantes rindo e aplaudindo. Scarlett viu Blake e todos os outros que passando um pequeno frasco.

“Quer um pouco?”, perguntou.

Scarlett se virou e viu Blake em pé ao seu lado, sorrindo para ela, segurando o frasco. Ela balançou a cabeça, embora ela realmente sentisse que poderia uma bebida lhe seria útil. Qualquer coisa para acalmá-la, para esquecer todos os seus problemas, para relaxar.

Mas ela não aceitou. Ela não era esse tipo de garota.

“Obrigado, eu estou bem”, disse ela.

Blake pareceu desapontado, ele mesmo tomou outro gole e foi se juntar aos outros, deixando Scarlett bem para trás.

Scarlett assistiu Jasmine, Maria, e Becca conversando entre elas, passando de uma fofoca para outra, falavam tão livremente ela se perguntou novamente o que estava fazendo ali. Mais uma vez ela estava começando a se sentir excluída. Eles não foram deliberadamente deixando-a de lado, mas ela tampouco se sentia incluída. Parecia que Maria estava chateada com Lore e ela estava culpando Scarlett e descontando nela. Ela estava imaginando coisas? Ou era ainda mais sinistro do que ela pensava? Maria tinha apenas fingido que elas eram amigas de novo? Será que somente a convidara ali para se vingar, para afastá-la ainda mais?

Scarlett sentiu um peso em seu estômago quando todos eles saíram do meio das moitas e entraram nas ruínas de Bannerman, passando debaixo do arco de pedra desmoronado da entrada, chegando ao salão vazio do que outrora fora um castelo.

Apesar de tudo, Scarlett tinha que admitir que, uma vez no interior das ruínas, ela sentia um pouco de magia ali, com aquelas paredes históricas, as fogueiras iluminando as ruínas, as chamas bruxuleantes deixavam tudo claro no interior daquele lugar abandonado no meio do Hudson. Ela quase podia ser transportada para outro lugar mágico, em outra época.

Porém sua ilusão foi destruída por todas aquelas adolescentes, gritando, bebendo, tocando música, rindo, sentados em volta de fogueiras, compartilhando baseados. Era como qualquer outra festa, mas naquele lugar diferente. Eles também deviam ter vindo do porão de outra pessoa.

Scarlett seguiu seu grupo até uma pequena fogueira, todos eles se sentaram em torno dela, Scarlett sentou-se o mais perto possível do fogo para tentar se aquecer, ficando um pouco afastado dos outros. Alguém estava distribuindo espetos com marshmallows para assar, juntamente com biscoitos e chocolate, Scarlett pegou uma das varetas e a segurou sobre o fogo.

Ela se sentou lá e assistiu os marshmallows queimarem. Estava morrendo de fome, seu estômago doía enquanto ela observava a cena. Quando tudo estava derretido, ela estendeu as mãos para tirar um pedaço de marshmallow do espeto, e então, de repente, ela foi colidida por trás, e acabou empurrando sua comida para o chão.

Scarlett se virou e viu Vivian de pé, perto dela, olhando para baixo com um sorriso maligno.

“Desculpe”, disse Vivian, “errei.”

Vivian riu com seu grupo de amigas, em seguida, se virou e se afastou dela, juntando-se às meninas populares, do outro lado das ruínas.

Scarlett se virou e olhou para seus marshmallow, agora cobertos de terra, a dor em seu estômago estava aumentado. Aquela noite não poderia ficar pior. Ela só queria sair dali. Ficar longe de aquele barulho. E ficar com Sage. Onde quer que ele estivesse.

“Não se preocupe com ela, ela é apenas chata,” veio uma voz.

Scarlett se virou e viu Blake, que se aproximou e se sentou, sorrindo. Ela não sabia o que dizer, então permaneceu calada. Ela apreciava sua simpatia, mas era demasiado pouco, e era tarde demais; ela tinha tantos sentimentos conflitantes em relação a Blake. Então ela apenas olhou para seus marshmallos cobertos de terra e se perguntou como se sentia.

“Pegue os meus”, disse ele.

Scarlett o viu entregando-lhe seu espeto de marshmallows derretidos com um sorriso. Ela hesitou; mas, em seguida, sua fome falou mais alto e ela aceitou e comeu rapidamente, saboreando os marshmallow quentes e o chocolate derretido.

“Obrigada”, ela disse suavemente.

“Ouça”, Blake suspirou. “Eu sei que tenho sido um super idiota. Estou na esperança que você vai me dar outra chance. Eu realmente

não sou um cara tão ruim. Eu fui apenas estúpido. E eu realmente gosto de você.”

Scarlett olhou em volta para ver se suas amigas estavam escutando e ficou surpresa ao ver que elas haviam saído dali, tinham se juntado à fogueira de outra pessoa, deixando-a sozinha ali com Blake. Ela se sentiu menosprezada por elas não a terem convidados para ir junto com elas. Elas realmente eram amigas de novo? Sentia-se mais confusa do que nunca.

Scarlett olhou para Blake, viu seus olhos azuis brilhando à luz do fogo e lembrou-se que tinha se sentido atraída por ele uma vez. Ele era um garoto bonito, um atleta, o cara por qual a maioria das meninas na escola morreria para tê-lo. Houve um tempo em que ela realmente o desejava. Em seguida, ela conheceu Sage.

Mas Sage havia desaparecido de sua vida agora. Ele a tinha deixado, a deixara esperando.

Ou não?

Talvez Blake estivesse sendo sincero, ela pensou. Talvez ela devesse lhe dar outra chance.

“Não era realmente eu”, disse Blake. “Eu estava tipo sob muita pressão, sabe? Por causa da Vivian e...”

“Você vai ficar sentado a noite toda com essa garota solitária?”, veio uma voz.

Os pêlos de Scarlett se arrepiaram quando ela escutou a voz de Vivian; ela olhou para ela e Vivian se agachou do outro lado de Blake, pousando uma mão em torno de seu ombro. Blake parecia desconfortável, encolhendo os ombros.

“Eu estou bem, obrigado”, disse ele.

“Por que você iria querer se sentar com essa perdedora?”, disse Vivian. “Quero dizer, tipo todo mundo odeia ela. Ela não tem amigos na escola. Vem com a gente.”

“Vivian, você está fora de linha”, disse Blake.

“Ela é uma *aberração*”, disse Vivian. “E todo mundo sabe disso.”

Scarlett ficou ali sentada, sentindo uma raiva crescendo por dentro, sentindo vontade de bater em Vivian. Mas uma parte dela não se importava mais; ela se sentia derrotada pela vida, não se importava mais com o que as outras crianças pensavam sobre ela.

Ela não queria estar ali, não queria estar em nenhum lugar, só queria ficar com Sage.

“Ouça, Vivian”, disse Blake, de pé, “Eu sei que você pode não gostar dela. Mas não é legal tratá-la assim. E a resposta é não. Eu não quero ficar com você. Então, volte para os seus amigos e nos deixe em paz, ok?”

Vivian levantou-se e fez uma careta para ele, seu escurecimento transparecia em seu rosto.

“Você é patético”, ela o criticou. “Nunca mais fale comigo novamente.”

Vivian saiu de sopetão e Scarlett ficou ali em estado de choque, impressionada por Blake ter ficado do lado dela. Talvez ele tivesse mudado depois de tudo. Talvez ela o tivesse subestimado.

Talvez ela devesse lhe dar outra chance.

Ele olhou para ela e sorriu desculpando-se.

“Desculpe sobre ela”, disse ele. “Quer dar uma volta?”

Blake estendeu a mão e Scarlett ficou ali, pensando.

“Para onde?”, Perguntou ela.

Ele deu de ombros.

“Eu não sei”, disse ele. “Para qualquer lugar, menos aqui.”

Ela pensou, olhando para os lados, em seguida, finalmente, depois de um longo tempo, ela estendeu a mão e a colocou sobre a dele, permitindo que ele a ajudasse a se levantar.

Para qualquer lugar, menos aqui. Isso soou bom para ela.

* * *

Scarlett caminhou ao lado de Blake, esmagando ervas daninhas sob seus pés enquanto eles se aventuravam pelas trilhas da ilha. Ela olhou para o céu noturno, repleto de estrelas distantes e respirou o ar frio de novembro, tentando limpar a cabeça. Seu coração se encontrava repleto de emoções contraditórias. Ela sentia que não sabia mais quem ela era; ela não sabia o que ela queria, ou para onde ela queria ir.

Enquanto caminhavam juntos, em um silêncio confortável, esmagando as ervas daninhas, Scarlett olhou para a escuridão e se

perguntou para onde eles estavam indo.

“Eu sei que você ama aquele cara”, disse Blake, quebrando o silêncio. “o Sage, não é? Sei lá qual o nome dele. De qualquer forma, eu sei que não sou ele. Mas ele não está aqui. E ele não vai voltar.”

“O que você quer dizer?”, perguntou Scarlett, seu coração acelerou com o pensamento.

Blake deu de ombros.

“Isso é o que eu ouvi. Ele tipo fez as malas e partiu. Então, eu estou aqui, você está aqui, e isso é real. Por que não podemos apenas aproveitar a companhia um do outro?”

“Aproveitar a companhia um do outro?”, ela perguntou.

Blake atirou sua garrafa no meio dos arbustos, se virou e se inclinou, pegou o rosto dela e a beijou repentinamente, pegando-a completamente desprevenida. O cheiro de álcool em seu hálito era forte e ele a beijou sem delicadeza.

Scarlett, assustada, se afastou, tentando ficar longe dele, não tinha gostado de ser tratada daquele jeito, não gostou de suas ações abruptas, ela sentia que ele estava bêbado. Sentiu-se magoada e chocada, quando eles pareciam finalmente estar se dando bem, ele se aproximara demais, totalmente do nada. Ele era a única pessoa em que ela podia confiar naquele lugar – e ele também podia contar com ela. Mas ela não tinha gostado de seu comportamento.

Scarlett estendeu a mão, tentando afastá-lo, mas ele se empurrou sobre ela, forçando a beijá-lo.

“Fique longe de mim!”, ela finalmente foi capaz de dizer, empurrando-o.

Mas Blake era muito mais forte e, para sua surpresa, ele não recuou; em vez disso, encorajado, ele a agarrou pelos ombros, puxou-a para mais perto de si e a beijou com mais ousadia ainda.

“Você sabe que você quer ficar comigo”, disse ele entre beijos, enquanto ela lutava. Ele passou as mãos pelos ombros delas e então começou a levantar sua camisa, tentando despi-la.

O coração de Scarlett acelerou quando ela percebeu o que ele estava realmente tentando se aproveitar dela. Ela se sentiu uma dor no estômago e, sem pensar, uma reação súbita, visceral, tomou

conta dela, um poder percorreu seu corpo, ela não conseguia se controlar.

Scarlett estendeu sua mão, com sua palma realmente quente, e empurrou Blake no peito; como isso, ela sentiu um calor tremendo através de seu corpo, como um relâmpago.

Blake de repente saiu voando para trás, uns bons 3 metros no ar, até cair em uma moita de espinhos e ervas daninhas. Blake ficou ali por alguns momentos, atordoado, olhando para Scarlett com surpresa e algo mais – medo.

Scarlett olhou para ele, seu coração bata rápido, ela não tinha certeza do que tinha acontecido, e não tinha certeza se ela queria saber. Pelo menos, ficou aliviada, de tê-lo afastado dela.

“Eles estão certos sobre você”, ele finalmente disse. “Você é uma aberração.”

Scarlett começou a chorar, se virou e saiu correndo pela trilha, voltando para a beira do rio. Ela não agüentava mais: precisava sair dali. Tudo estava indo tão mal; ela odiava tudo sobre esse lugar.

Não sabia o que ela estava pensando quando concordou em ir para lá.

Scarlett, chorando, enxugou suas lágrimas enquanto corria através do ar frio, tropeçando em raízes, passando por trilhas desconhecidas, até que, finalmente, ela alcançou a margem do rio. Ela viu os barcos a remos e hesitou. Era seu único bilhete de volta.

Uma parte dela queria apenas entrar nele e ir para casa, remando sozinha. Mas a correnteza da água estava forte e ela não queria deixar suas amigas, independentemente do que elas tivessem feito, encalhadas na ilha, sem um barco. Outra parte dela queria apenas decolar e voar para longe; mas, apesar de ela desejar que suas asas aparecessem, elas não responderam. Por alguma razão, seus poderes não estavam funcionando muito bem naquele local.

Scarlett ficou ali, pensando. Aos poucos, ela parou de chorar e começou a se recompor. Pelo menos, ela estava sozinha agora, estava tranquilo ali, longe de todos os outros.

Scarlett finalmente decidiu que iria esperar; ela iria ficar no barco e esperar ali até que a festa terminasse e suas amigas voltassem. Elas teriam que retornar eventualmente, e ela não as abandonaria

naquela ilha. Ironicamente, porém, ela tinha certeza de que elas não fariam o mesmo por ela.

Scarlett entrou no barco, ainda encalhado na areia, deu um passo em direção à ponta do mesmo e sentou-se ali, dobrando os joelhos contra o peito, envolvendo seus braços em torno deles. Ela abaixou a cabeça e chorou baixinho, desejando que o mundo desaparecesse.

“Bem, ali está ela, a aberração em sua casa”, veio uma voz desagradável.

Scarlett olhou para cima e seu coração apertou ao ver Vivian, marchando para a praia com uma dúzia de seus amigos, segurando uma garrafa de licor. Ela tomou um gole e a jogou para a areia, em seguida, limpou a boca com as costas da mão dela e marchou para o barco a remos onde Scarlett estava.

De repente, antes de Scarlett perceber o que ela estava fazendo, Vivian empurrou o barco com força. Scarlett se agarrou às laterais, em pânico, o barco de repente cambaleou e metade dele entrou na água, balançando descontroladamente.

Vivian riu enquanto ela segurava a borda, balançando-o.

“O que você está fazendo?” Scarlett gritou, apavorada. “Puxe o barco de volta!”

“E por que eu deveria?”, ela disse.

“Viv, pare com isso”, um de seus amigos disse, agarrando seu ombro. “Você já se divertiu o suficiente.”

Mas Vivian afastou as mãos deles, havia fúria nos olhos, ela correu para a frente, inclinou-se e empurrou o barco com toda sua força.

Um momento depois, Scarlett sentiu o barco à deriva, alcançando as fortes correntezas; para piorar, ela viu que os remos ficaram na areia. Lá estava ela, sozinha no barco, sem remos, flutuando descontroladamente, sendo levada pela força da água. Ela não tinha como manejar o barco, que balançava para cima e para baixo nas agitadas ondas de sessenta centímetros, a correnteza a afastava rapidamente da ilha de Bannerman. E seu barco girava em todas as direções.

Mas, ao mesmo tempo, quando Vivian correu para empurrar seu barco, Scarlett viu que ela acabou escorregando. Scarlett ouviu seu grito quando Vivian caiu para frente, de cara, diretamente nas águas profundas do Hudson.

Vivian gritou e se debateu quando as marés a levaram para longe, rio abaixo, rápido demais para qualquer um de seus amigos conseguir agarrá-la, embora nenhum deles tenha tentado. Talvez tudo tivesse acontecido muito rapidamente, talvez eles estivessem bêbados demais, talvez eles estavam apenas em estado de choque ou talvez nenhum deles fosse destemido o suficiente para saltar e arriscar suas vidas para salvá-la. As águas estavam congelando, a corrente estava muito forte e, resgatar Vivian, que já estava uns 15 metros rio-abaixo, provavelmente seria uma sentença de morte.

“Socorro!” Vivian gritou, se agitando acima da água.

Suas amigas gritavam de medo, algumas começaram a ligar de seus telefones celulares, mas nenhuma ousou ir atrás dela.

Scarlett, sentada no seu próprio barco, balançando descontroladamente, sentiu um pouco de vingança; afinal, Vivian tinha feito aquilo com ela mesmo devido ao seu ato cruel. Mas, ao mesmo tempo, enquanto Scarlett observava Vivian afundando nas águas, ela sabia que ninguém merecia morrer – nem mesmo Vivian. Mesmo sendo malvada e cruel, Scarlett simplesmente não podia deixá-la morrer. Mesmo que Vivian quisesse que Scarlett morresse. Aquilo simplesmente não era certo.

Sem pensar, Scarlett, de repente, se levantou e mergulhou para fora de seu barco, ela entrou nas águas geladas com um choque. Ela abriu os olhos debaixo d'água e, para sua surpresa, ela foi capaz de enxergar. Ela viu parte inferior do corpo de Vivian ao longe, viu as pernas dela chutando a água.

Os poderes do Scarlett voltaram correndo para ela: ela sentiu um calor por dentro, apesar do frio, e ela sentiu um curso de poder surreal atravessar suas pernas quando ela as movimentou. Com apenas um pontapé ela avançou 10 metros e conseguiu pegar Vivian debaixo d'água.

Scarlett agarrou Vivian ao redor da cintura e, no mesmo movimento, usou seus poderes para saltar para fora da água, contra

a corrente, em direção ao ar. Ela saltou para fora do rio e voou com Vivian, por pelo menos 15 metros, aterrissando com ela na margem arenosa da ilha Bannerman, em seguida, a colocou no chão com segurança.

Vivian ficou ao lado dela, tremendo, batendo os dentes, olhando para Scarlett, seus olhos estavam arregalados de terror. Todos os seus amigos se aglomeraram ao redor de Vivian e a abraçaram, aquecendo-a, nenhum deles se preocupou em tentar ajudar Scarlett.

Scarlett ficou ali, atordoada por suas próprias ações, ela olhou para Vivian, esperando que ela lhe agradecesse por salvar sua vida.

Mas Vivian, ao invés disso, apenas olhou para Scarlett e, eventualmente, balançou a cabeça.

“Você é uma aberração”, disse Vivian lentamente. “Você realmente é. Nunca mais chegue perto de mim.”

Com isso, Vivian se dirigiu até suas amigas e todas foram para a lancha caríssima, entraram nela e, rapidamente, saíram da ilha.

Scarlett ficou ali, enxarcada e tremendo, assistindo aquele grupo ir embora. O cheiro da combustão do escapamento lentamente foi dissipando, assim como o gemido do motor, e elas nunca se viraram para trás para olhá-la.

Scarlett sentiu oprimida pela noite; ela viu outros barcos a remos em terra, ela sabia que suas amigas iriam encontrar algum outro jeito de voltar para casa. Mas ela não queria mais esperar ali por elas. Ela não queria ver nenhuma delas, nunca mais. Ela precisava ficar sozinha.

Scarlett caminhou pelas trilhas, desta vez elas a levaram para o outro lado da ilha Bannerman, para uma praia distante, rochosa, na qual ela nunca tinha posto os pés, lá estava escuro como breu, e o som da música estava muito distante. Completamente sozinha, ela se sentou ali, olhando para a margem oposta e, quando o silêncio a envolveu, ela começou a sentir que ela era a única pessoa que sobrou no mundo.

Ela olhou para o céu, para as milhões de estrelas e não conseguiu se controlar, logo ela começou a chorar, sentia-se mais triste do que jamais sentira. Ela agora não via mais nenhum motivo para viver, todas as suas amigas estavam contra ela, sua família

estava contra ela, todos que ela conhecia estavam contra ela, e Sage tinha partido. Ela olhou para as estrelas e orou.

Por favor, Deus. Dê-me um sinal. Deixe-me saber se eu deveria ir em frente.

Quando Scarlett abriu os olhos lentamente, ela olhou para cima e viu uma aparição descendo, em direção a ela. Ela piscou, confusa, perguntando se estava vendo coisas.

Mas logo ela percebeu que ela definitivamente não estava.

Ali, voando em direção a ela, estava o homem que ela pensou que nunca mais veria outra vez, o amor de sua vida.

Ali, estava Sage.

CAPÍTULO QUATORZE

Caitlin caminhou rapidamente pelo campus da Universidade de Yale, segurando seu casaco, fino demais para o tempo que fazia, ao redor de seus ombros enquanto uma brisa forte açoitava. Era o novembro mais frio que ela já vira, Caitlin se sentia congelada até aos ossos enquanto ela andava pelo campus, mantendo a cabeça baixa, tentando se proteger do vento enquanto ela fazia o caminho para a Biblioteca Sterling Memorial. Caitlin olhou para ela, um edifício gótico maciço como uma igreja medieval que subia para o céu, que dominava o campus, ela sentiu como se estivesse se aproximando de outra era. Aquela construção ficava tão fora de contexto ali, naquela universidade moderna, naquela cidade moderna, como um portal para outro tempo e lugar.

Mas era justo, pensou ela, que aquela biblioteca abrigasse alguns dos livros mais raros existentes, os volumes mais preciosos e obscuros onde o sobrenatural se encontrava com estudos acadêmicos.

Era neste assunto que Caitlin estava interessada. Ela não queria ir a uma fonte puramente oculta, nem queria procurar uma pista puramente acadêmica. Ela queria informações de primeira mão,

queria descobrir o que ninguém tinha sido capaz de descobrir durante séculos e analisar tudo isso de uma maneira que ninguém mais tinha feito. Aiden a enviara diretamente para o lugar certo, já lhe dando dezenas de pistas sobre volumes para ela encontrar as coordenadas corretas. Claramente, ele mesmo já tinha ido bem longe nesta pesquisa, ela percebeu, e ele tinha desistido.

Tempo demais, não tenho anos suficientes, ele tinha dito a ela.

Ela podia ver em seus olhos que Aiden, infelizmente, queria continuar, queria encontrar as respostas por ele mesmo. Mas ele acabou finalmente desistindo, achou que o assunto era muito vasto, muito ambicioso, mesmo para ele.

Caitlin dificilmente poderia culpá-lo. Afinal de contas, aquele era o Santo Graal dos estudiosos, dos ocultistas e dos historiadores há séculos, a busca para encontrar a cura para o vampirismo mítico e a lendária arma para erradicá-la – ou, mais especificamente, até mesmo encontrar uma prova de que o vampirismo existia. Caitlin, é claro, não precisa de qualquer prova. Ela tinha visto uma prova com seus próprios olhos, sua própria filha. Mas a cura e a arma eram assuntos diferentes.

Caitlin subiu os degraus de pedra que levavam à grande porta, para aquele lugar que parecia uma antiga catedral e tentou empurrar os pensamentos de sua filha perdida em algum lugar para fora da sua cabeça. Doía-lhe pensar sobre isso. Uma parte dela queria virar e correr de volta para seu carro e voltar o mais rápido possível para Rhinebeck e continuar procurando por ela.

Mas ela se forçou a levantar o queixo e continuar marchando através das portas, sabendo que voltar atrás não seria nada bom. Afinal, o que ajudaria procurar em todos os quarteirões? Nada, agora ela estava no lugar onde ela seria útil. Eles precisavam dividir seus esforços. Ela tinha que tentar algo novo, por mais remota que suas chances fossem.

Caitlin entrou na biblioteca, grata por sair do frio. Ela nunca tinha estado ali antes, apesar de todos os seus anos de pesquisas e estudos e, quando ela olhou para o corredor principal, ela ficou completamente extasiada. O teto subia dezenas de pés de altura, em arcos, que lembravam as grandes igrejas medievais da Europa.

As paredes eram feitas de pedra e vidro manchado, tudo isso a fazia se sentir como se estivesse em um santuário sagrado ou algo do tipo. Ela tinha viajado no tempo?

Especialmente com aquela iluminação suave na sala, tudo ficava tão desorientador; ela sentiu como se tivesse acabado de entrar em uma igreja do século XV, na Escócia.

Com todo o silêncio e reverência no ar, parecia uma igreja, embora, neste caso, a reverência se referisse à palavra escrita, e não a Deus. Várias pessoas se sentavam às mesas, calmamente debruçadas sobre livros, não havia nenhum som no ar. Havia um silêncio pesado de respeito, como se estivessem todos adorando em seus próprios templos privados.

Caitlin viu as fileiras de computadores, e foi e se sentar perante uma, instintivamente sabendo exatamente o que procurar depois de todos aqueles anos de estudiosa, todos aqueles anos de catalogação de livros raros.

Não demorou muito tempo para ela entrar nas entranhas do catálogo, utilizando várias dezenas de combinações de palavras-chave: *Vampiros. Histórias de vampiro. Mitos de vampiro. Lendas de vampiros. Rituais de vampiro. Vampiro cura. Vampiro arma. Estudos. Provas. Fatos.*

Sua pesquisa trouxe à tona uma grande variedade de livros. Ela olhou para os títulos rapidamente, seu olhar de especialista era capaz de eliminar os que não serviam, ela imediatamente excluiu livros que eram muito recentes, livros de editoras de má reputação, livros com títulos que eram muito sensacionalistas, livros que não tinham o sentido de história e erudição por ela desejados. Ela estava à procura de livros que eram mais velhos, que tinham sido impressos há séculos, lançados por editoras respeitáveis, escritos por estudiosos e historiadores. Se os livros existissem há tempo suficiente, há séculos, então era mais possível que houvesse algo útil neles. Livros que se encaixavam em seus critérios exatos eram poucos e com idades distantes entre si.

No entanto, Caitlin escolheu meia dúzia de títulos, livros sobre a história do vampiro, pesquisas desbancando o mito, a evidência arqueológica de vampiros, e pesquisas arqueológicas sobre raças de

vampiros. Ela imprimiu os números de catálogo e correu para a mesa da bibliotecária, entregando a lista para a funcionária.

A funcionária pegou lista sem dizer uma palavra e estudou os títulos. Ela então olhou para Caitlin com uma expressão de desgosto. Caitlin corou, envergonhada, percebendo o que ela devia estar pensando. Ela provavelmente pensou que ela era uma espécie de louca invadindo uma biblioteca de estudiosos sérios.

“Eu vou trazê-los das estantes para você”, disse a mulher, rispidamente.

Sem outra palavra, a mulher se virou e entregou a lista para um homem pequeno, talvez de cinquenta anos, frágil, vestia um velho blazer de tweed, muito apertado, uma gravata borboleta torta e óculos de lentes grossas sobre a ponta de seu nariz. Ele caminhou ao redor da mesa e Caitlin o seguiu, juntos, eles entraram no salão principal.

“Você sabe que há um limite de seis livros, não é?”, ele disse com firmeza, sua voz anasalada, sem olhar para ela nem sorrir, como se ele estivesse ocupado demais para ser incomodado com seu pedido.

“Eu já solicitei apenas seis livros”, disse ela.

Ele olhou para ela, obviamente, não gostando de ser corrigido. Então deslizou seus óculos pelo nariz e olhou para os títulos. Ele olhou para ela com a mesma expressão da secretária.

“Acredito que você seja algum tipo de escritora paranormal à procura de ideias?”, ele disse, falando para ela como se ela fosse uma vendedora de carros usados.

Caitlin franziu a testa, odiando sua atitude de julgamento, desinteressada em compartilhar sua vida com ele. Ele não entenderia de qualquer maneira.

“Algo assim”, foi tudo que ela disse.

“Bem, eu tenho um monte de solicitações urgentes de acadêmicos nas estantes, que devem vir antes do seu pedido. Pode me levar algum tempo, devido à... natureza do assunto.”

Caitlin estava farta; ela agarrou seu pulso, também com firmeza, não tendo a intenção, mas também incapaz de soltá-lo. Ele parou e olhou para ela, amedrontado.

“Não me toque, minha senhora”, ele retrucou, levantando a voz.

Ela soltou lentamente seu aperto.

“Sinto muito”, disse ela, “mas eu não tenho tempo. Meu assunto é urgente.”

“Seu assunto?”, perguntou ele com desdém. “Livros de fantasia?”

Caitlin corou. Ela não sabia o que dizer para fazê-lo entender o quanto aquilo era urgente.

“Eu preciso dos livros agora”, disse ela. “*Agora*, você me entende !?”

Suas palavras ecoaram alto demais para aquela sala em silêncio, as pessoas sentadas em silêncio levantaram seus olhos dos livros e olharam para eles.

O bibliotecário, claramente envergonhado, fez uma careta para ela. Sem dizer uma palavra, ele se virou e foi embora, seus passos ecoaram pelo corredor, ele subiu os degraus de metal para o nível superior, em direção às pilhas intermináveis.

Caitlin se virou e viu os clientes olhando para ela, ela lentamente olhou para longe, envergonhada. Então andou até uma das mesas de leitura e sentou-se ali, esperando.

Caitlin descansou a cabeça entre as mãos e fechou os olhos, imaginando quanto tempo o bibliotecário levaria até que ele voltasse com seus livros. Ela percebeu que ela devia parecer maluca e se perguntou se aquilo era tudo apenas um desperdício de tempo. Como Aiden disse, os estudiosos estavam em busca daquilo há séculos. O que ela poderia realmente esperar alcançar em um espaço de tempo tão curto?

Assim que Caitlin sentou lá, com a cabeça entre as mãos, veio um estrondo ao seu dela e ela pulou de susto. Viu seis livros grossos pousados na mesa ao lado dela, o bibliotecário que ali os colocara tinha passado por ela, sem reconhecê-la.

O coração de Caitlin acelerou pela surpresa; ela estava ao mesmo tempo irritada com ele por assustá-la e grata por obter os livros tão rapidamente. Que homenzinho mais rancoroso ele era, pensou.

Caitlin não perdeu tempo. Ela abriu o primeiro livro, um tomo antigo do século XIX, grosso, com encadernação de couro. Quando ela virou suas páginas frágeis e quebradiças, entrou em modo de

alta velocidade de leitura, foi lendo as páginas mais rápido do que nunca, procurando palavras-chave, lugares, locais, ideias. Tudo o que levasse a um outro livro, outra ideia, outra hipótese, outra pista.

Qualquer coisa com substância.

Caitlin examinou e observou atentamente as páginas e, apesar de encontrar detalhes interessantes aqui e ali, não havia nada que realmente chamasse sua atenção. O livro tratava mais sobre estudiosos desbancando as teorias do vampirismo, explicando que as teorias eram ilegítimas, que nunca houvera nenhuma evidência científica provando a existência de vampiros na história. Houve cadáveres descobertos na Idade Média, na Europa, com tijolos na boca, cadáveres cujos corações haviam sido perfurados por estacas – contudo, nada disso era prova de que eles tinham sido vampiros. Os moradores locais, eles acreditavam, eram supersticiosos.

Caitlin avançou através de fábulas, rumores e lendas, milhares de páginas que abrangiam todos os tempos, culturas e sociedades; ela se aprofundou nos supostos avistamentos de vampiros e assassinatos. Leu todo o contexto acadêmico, uma e outra vez, os estudiosos desmascaravam cada prova.

Horas se passaram e Caitlin começou a se sentir deprimida ao chegar ao último livro da pilha, *Explorações arqueológicas sobre o mito dos vampiros*, científico e acadêmico como todos os anteriores, ela sentia cada vez mais que este livro era outro beco sem saída.

Foi somente quando ela folheou o último capítulo, prestes a fechar o livro, que ela tropeçou em algo que a fez se sentar ereta, em alerta. Ela voltou e lê-lo novamente com atenção:

...Isso não quer dizer que se pode descontar a noção de uma sociedade vampiro perdida. Se uma suposta raça de vampiros existiu, isto nunca poderia ser provado. Mas a quantidade de evidências que sugerem uma cidade perdida tampouco pode ser descartada. Nós não sabemos se ela era, necessariamente, uma cidade de vampiros. Esta poderia ter, por exemplo, uma antiga cidade de religiosos fervorosos ou fanáticos. No entanto, com base em minha pesquisa, pode-se dizer que a existência de tal lugar é realmente inteiramente provável.

Caitlin leu a passagem de novo e de novo, sua a cabeça doía, tentando entender o que o autor estava dizendo. Ela folheou algumas páginas, até chegar ao fim do livro, cada vez mais confusa por suas longas frases acadêmicas e rebuscadas, havia sinais de sua qualificação em cada palavra sua.

Ela não encontrou nenhuma menção no livro de uma cura nem arma. Mas suas palavras a fizeram pensar. A raça perdida dos vampiros. A cidade perdida dos vampiros...

Por um lado, isso poderia levá-la ainda mais longe de seu foco; Por outro lado, isso poderia ser exatamente a pista que ela precisava. Se houvesse de fato uma raça perdida de vampiros ou uma cidade, significa que ela foi erradicada. E só poderia ter sido erradicada por uma arma ou uma cura.

Talvez, ela percebeu, ela estivesse pensando sobre o assunto da maneira errada. Talvez ela não devesse estar à procura de uma arma ou uma cura. Talvez ela devesse focar em uma civilização perdida. Uma raça perdida. Uma cidade perdida. Um livro perdido

Caitlin se levantou, incentivada, devolvendo os livros para o funcionário da biblioteca e voltou para o computador. Ela mudou seus termos de pesquisa de palavras-chave. *Cidades perdidas. Cidades míticas. Cidades lendárias. Cidades de vampiro. Raças de vampiros. Raças perdidas. Raças extintas...*

Caitlin tentou dezenas de combinações, desta vez, ela acabou com uma improvável extensa lista de livros, centenas deles, que tinham a ver com as civilizações perdidas, cidades perdidas e raças extintas. Eles eram em sua maioria sobre mitologia e arqueologia geral, e não sobre vampiros. No entanto, ela achou aquilo encorajador. Talvez ela precisasse pensar sobre os vampiros como uma raça perdida, um povo perdido, uma cidade perdida.

Caitlin voltou para o bibliotecário com uma lista recém-impressa, ele olhou para baixo e franziu a testa.

"Há setenta e um livros nesta lista", disse ele com firmeza. "Você sabe o limite."

"Vou levar os seis primeiros", disse Caitlin.

Ele suspirou alto, claramente irritado.

“É quatro e meia, minha senhora. A biblioteca fecha em 15 minutos”.

Ele ficou ali, claramente sem querer ir de novo para as estantes para ela.

“Então vá rapidamente”, respondeu ela, não cedendo.

Ele tentou desencorajá-la, mas, finalmente, ele pegou a lista de sua mão, se virou e subiu os degraus, seus passos ecoaram sobre o metal.

Caitlin voltou para a sua mesa, encorajada e ansiosa. Ela só tinha 15 minutos, e não era permitido levar os livros. Não havia nenhuma maneira que ela pudesse voltar amanhã; com Scarlett lá fora, ela não tinha o luxo do tempo. Ela tinha que pensar em alguma outra forma.

Enquanto Caitlin quebrava a cabeça, ela percebeu o que tinha que fazer: ela precisava chegar lá em cima, nas estantes, passar por aquele homem. Ela precisava passar a noite ali, naquele lugar. Para poder ver cada livro em sua lista. Não havia outra maneira.

As luzes da biblioteca de repente piscaram e veio uma voz pelos alto-falantes: “A biblioteca será fechada em 15 minutos,”

Um momento depois, o bibliotecário voltou, trazendo mais seis livros para ela e, desta vez, ao fazê-lo, Caitlin ouviu um zumbido. O homem enfiou a mão no bolso, olhou para o celular e fez uma careta.

“Crianças”, ele disse para si mesmo. “Eu disse a minha filha para parar de mandar mensagens de texto. Mas ela não para.”

Caitlin olhou para o celular dele e viu que ele tinha o mesmo modelo que ela e então ela teve uma idéia. Com a nova tecnologia de seu telefone, podia-se trocar informações de contato instantaneamente, apenas tocando os aparelhos.

Caitlin deliberadamente deslizou um livro para fora da mesa, deixando-o cair com um estrondo e o homem, como tinha previsto, se abaixou para pegá-lo; ao fazê-lo, ela levantou o celular dele furtivamente, enquanto ele estava distraído, e encostou os dois aparelhos.

Ela olhou para baixo e viu que eles tinham trocados seus números de celular. Agora ela o tinha em seus contatos.

O bibliotecário, sem nem perceber o que tinha acontecido, voltou para as pilhas. Caitlin sabia que essa era sua chance; que era agora ou nunca. Especialmente quando um outro anúncio veio pelo alto-falante.

Caitlin se sentiu mal fazendo isso, mas a vida de sua filha estava em jogo e ela tinha que tentar fazer algo para passar despercebida por ele. Caitlin rapidamente bloqueou seu número para que seus textos viessem de um número privado e, em seguida, enviou a mensagem:

Você ultrapassou o limite para mensagens de texto do mês. Você tem um excedente de 782 dólares. Se você não entrar em contato conosco dentro dos 10 minutos, o serviço será desconectado.

Caitlin clicou em enviar.

Ela ficou ali sentada, esperando, com certeza, momentos depois, ela ouviria uma reação. Ela ouviu passos quando ele rapidamente se apressou para descer as escadas de metal, ela se virou e o viu correndo, muito pálido, segurando o telefone, indo em direção ao salão principal para poder ligar.

Caitlin percebeu que aquela era sua chance. As luzes piscaram novamente, outro anúncio foi feito e, enquanto todos os clientes começaram a sair do hall, Caitlin agarrou os livros diante dela e foi contra o tráfico. Ela olhou para os dois lados, tirou os sapatos e caminhou calmamente até os degraus de metal que levava às estantes. Com todo mundo indo na outra direção, ninguém pareceu notá-la.

Caitlin chegou ao topo e olhou à sua volta, viu uma biblioteca infinita de livros acadêmicos, infinitas estantes preciosas. Segurando os números de catálogo na mão, ela sabia exatamente para onde ir.

Primeiro, porém, ela encontraria o canto mais escuro que ela pudesse encontrar e esperaria. Em breve, as luzes iriam se apagar.

E a biblioteca seria dela.

CAPÍTULO QUINZE

Scarlett olhou para a noite negra e estrelada, exaltada, seu coração flutuou de alegria quando ela viu Sage voando baixo, descendo em direção a para ela. No início, ela tinha certeza de que era um truque de seus olhos, um sonho esperançoso. Mas, à medida que Sage chegava mais perto, ela viu seus lindos olhos brilhando sob a luz da lua e ela sabia que era verdade. Era realmente ele.

Os olhos de Scarlett se encheram de lágrimas quando ele pousou diante dela, deu um passo para frente e, sem palavras, a abraçou, bem perto dele, suas calças de couro pretas ficaram amassadas.

Ela também o apertou com força, não querendo nunca soltá-lo. Ela sentiu as lágrimas escorrendo por sua bochecha, repleta de gratidão por ele estar vivo, por ele ter voltado para ela.

“O que você está fazendo aqui?”, ela perguntou por cima do ombro.

“Eu vim encontrar você”, respondeu ele.

O som de sua voz a tranquilizou imediatamente, um som que ela nunca poderia esquecer. Era realmente ele, ali, em carne e osso. Ela se agarrou a ele, sentindo-se como se estivesse segurando a pedra mais preciosa de seu mundo, a única coisa restante que a fazia querer continuar vivendo. Ela percebeu que, sem Sage do mundo, sua vida ficava sem sentido. Ele tinha se tornado seu mundo inteiro.

Agora, ali estava ele, de volta para ela como um sonho e ela o apertava com força, desejando nunca soltá-lo. Ela se sentiu no meio de emoções conflitantes. Estava brava com ele por deixá-la sozinha, grata por ele ter voltado para ela, e triste por saber que seus dias estavam contados, que ele não viveria para sempre. Ela chorou enquanto o abraçava, sabendo que o amor deles era passageiro, sabendo que ele estava destinado a morrer. Uma parte dela queria morrer com ele.

“Eu não quero que você morra”, ela sussurrou em seu ouvido quando ele a abraçou com força.

Ele não respondeu durante o abraço. Afinal de contas, o que poderia dizer?

“Deixe que eles me levem”, disse ela, “deixe que me matem. Isto permitirá que o seu povo viva.

Permitirá que *você viva.*”

Sage a afastou para trás e balançou a cabeça enquanto a encarava.

“Prefiro morrer mil vezes do que deixar alguma coisa acontecer com você.”

Ele se inclinou e eles se beijaram, a sensação de seus lábios a eletrificou. Ela sabia que ele era o único e verdadeiro amor de sua vida, a única pessoa destinada para sempre a ela. Ela não conseguia explicar, mas havia algo sobre ele, algo diferente de todos os outros.

“Como você me encontrou?”, ela perguntou, se inclinando para trás e olhando em seus olhos.

“Eu estive procurando por você desde que você fugiu”, disse ele. “Não poderia encontrá-la em qualquer lugar. Então, enquanto eu estava voando e procurando, eu senti algo. Eu senti você me chamando. Eu senti isto tão intensamente, você me convocando, como um farol no meio da noite. E segui meu instinto e ele me trouxe aqui, até você.”

Ele pegou a mão dela e os dois caminharam pelas trilhas à beira da praia e das pedras. Eles encontraram um lugar na areia, junto às margens tortuosas do Hudson e, ao se sentarem, Sage passou o braço em torno dela e eles olharam para a noite estrelada.

Sage balançou a cabeça, seu rosto estava sombrio.

O mundo inteiro estava quieto, exceto pelo som das ondas. Mesmo naquela fria noite de novembro, com o vento vindo das águas, Scarlett se sentia aquecida nos braços de Sage, sentia o calor que emanava dele. Tudo parecia perfeito no mundo.

“Eu fui a sua casa”, disse Scarlett. “Estava cheia de tábuas. Eu pensei que você tivesse ido embora.”

Ele balançou a cabeça tristemente.

“Minha família partiu”, disse ele. “Pela primeira vez em mil anos.”

“Para onde eles foram?”, ela perguntou, curiosa.

“Há uma convocação”, disse ele. “De todos de nossa espécie, de todo o mundo. Eles estão se reunindo para os dias finais. Todos sabem que estamos prestes a morrer. Alguns não aceitam isso. Alguns têm feito companhia uns aos outros; alguns têm consolado outros; e outros, porém, têm causado estragos sobre o mundo. Eles

desejam fazer com que as pessoas sofram antes de eles morrerem. Querem desencadear um grande terror sobre a humanidade, deixar tudo em chamas ardentes. Nenhum deles quer partir calmamente, não depois de dois mil anos de vida. Todos querem partir com um estrondo.”

O coração de Scarlett bateu mais forte, suas palavras a aterrorizavam.

“Não se preocupe”, disse ele, segurando sua mão, “eles estão muito longe daqui.”

De repente, Sage teve em um acesso de tosse. Scarlett podia sentir todo o seu corpo enfraquecido, ela ficou alarmada, seus olhos se encheram de lágrimas. Ele parecia muito pálido. Parecia estar à beira da morte.

“Você está morrendo?”, ela lhe perguntou sem rodeios, com medo de saber a resposta.

Ele desviou seu olhar dela e, finalmente, assentiu fracamente.

“Quanto tempo você tem?”, ela perguntou.

“A lua está diminuindo”, disse ele. “Em poucos dias será lua nova. Assim que esta lua sumir, minha espécie também sumirá.”

Scarlett ficou apavorada com este pensamento.

“Eu não posso permitir que você me deixe”, disse ela. “Se você morrer, eu vou morrer com você.”

Ela chorou ao abraçá-lo.

Sage balançou a cabeça.

“Não vamos nos concentrar na morte”, disse ele em voz baixa. “A morte virá para todos nós. Hoje à noite, nós temos vida. Temos nós. Temos este momento. Vamos nos concentrar no agora. Vamos viver. Vamos viver de verdade. Vamos ser feliz aqui, juntos, enquanto estamos vivos. Enquanto ninguém tenta nos separar.”

Ele olhou nos olhos dela.

“Eu tenho alguns bons dias antes de morrer. Eu quero gastá-los com você. Amanhã, quando o sol se levantar, eu quero levá-la a um lugar especial. Um algum lugar que você nunca foi. Eu quero que seja um dia apenas nosso.”

As mãos de Scarlett tremeram com a idéia.

“Não há nada que me agradasse mais”, disse ela, sentindo uma mistura de emoção e tristeza. “Para onde vamos?”

“Tenho uma surpresa para você”, disse ele com um sorriso. “Você irá amá-la.”

Scarlett não pôde deixar de sorrir, feliz pela primeira vez desde que ela conseguia se lembrar.

“Eu quero que você se lembre de mim para sempre”, disse ele. “Afim de contas, você é imortal agora. Eu morrerei. Mas você é a única que vai viver para sempre.”

Sage olhou para a lua e então desviou o olhar.

Os olhos de Scarlett lacrimejaram novamente. Ela não queria viver para sempre. Não com Sage morto.

Os dois deitaram na areia sob as estrelas, ouvindo o som das ondas, ela o abraçava com força, sentindo seu calor, querendo que aquela noite nunca acabasse. Todo o desgosto que ela tinha passado, todo o sofrimento, todo o tormento e confusão com suas amigas, todas as pessoas mesquinhas em sua escola e em sua cidade – todas as coisas que ela odiava – tudo isso não significava nada para ela agora. Tudo fora esquecido por aquele momento. Tudo o que passara nada significava graças àquele momento nos braços de Sage.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Caleb entrou na delegacia da polícia local, com Sam ao seu lado, ficou de mal humor ao pensar na complexidade do problema diante dele. Ele estava determinado a enfrentar esse predador Kyle, o homem que tentara machucar sua filha. Ele precisava olhá-lo nos olhos, para saber se tudo aquilo era um absurdo ou se Scarlett tinha, de fato, transformado Kyle em um vampiro.

No fundo, Caleb não queria acreditar em nada disso; ele ainda queria acreditar que estava vivendo um pesadelo horrível, que todos estavam completamente enganados. Ele queria descobrir que Aiden

não sabia do que ele estava falando, que Scarlett não era realmente um vampiro e que ela tinha voltado para casa e tudo estava bem. Ele só queria que tudo voltasse a ser como era antes.

Todos eles eram tão felizes, eram uma família feliz, tudo era tão perfeito em suas vidas. Ele amava Scarlett e ela o amava. Como tudo deu errado tão rapidamente?

Caleb mal podia esperar para olhar Kyle nos olhos, ouvir o que ele tinha a dizer sobre sua filha.

Ele não sabia exatamente o que estava procurando, mas ele sentia que saberia assim que olhasse para aquele homem. Se nada disso ajudasse, ele gostaria de nocauteá-lo – se é que ele já não estava atrás das grades.

Caleb caminhou lado a lado com Sam através do saguão do posto policial e, ao se aproximarem da recepção, Caleb foi atingido por um pensamento aterrorizante: e se tudo fosse realmente verdade? E se Scarlett fosse mesmo um vampiro? Como ele iria impedi-la? Será que ele teria que matá-la? Ele estremeceu com o pensamento. Ele jamais faria isso. Preferia matar a si mesmo.

Mas então ele teve outro pensamento: e se Kyle fosse realmente um vampiro? Como ele iria matá-lo? Vampiros, ele sempre tinha ouvido falar, não podiam ser mortos, a não ser de uma maneira específica. Ele não tinha idéia do que isso se tratava. A bala de prata? Uma estaca no coração? Ele estava indo para a guerra despreparado?

Quando Caleb se aproximou da mesa do chefe de polícia, o chefe, um oficial sério – com uns cinquenta anos, de cabelos grisalhos e bochechas largas, fez uma careta para ele, um homem que Caleb conhecia há muito tempo.

“Chefe”, Caleb disse, balançando a cabeça.

O chefe, normalmente atencioso, apenas olhou para ele cautelosamente, seu olhar era frio e sombrio.

“Não temos nenhuma notícia sobre sua filha”, disse ele. “Eu lhe disse que ia ligar.”

Caleb sacudiu a cabeça.

“Eu não estou aqui por causa disso”, disse ele. “Bem, não diretamente, de qualquer maneira.”

O chefe o encarou.

“O que é então? Você veio em um dia ruim para o nosso departamento.”

“O que você quer dizer com isso?”, perguntou Caleb, surpresa, percebendo que algo estava realmente errado ali. “O que aconteceu?”

O chefe balançou a cabeça, Caleb podia ver seus olhos se encherem de lágrimas. Caleb perguntou o que poderia ter acontecido; ele nunca tinha visto o chefe demonstrar sentimentos, nem uma sequer vez em vinte anos.

“Dois dos nossos”, disse ele. “Morreram”.

O coração de Caleb apertou.

“Eu sinto muito”, disse ele. “Como?”

O chefe balançou a cabeça, soluçando.

“É sobre este assunto da sua filha”, disse ele.

O coração de Caleb acelerou quando ele sentiu um crescente sentimento de pavor.

“Minha filha?”, perguntou. “O que Scarlett tem a ver com isso?”

O chefe suspirou.

“O pervertido que nós prendemos no bar”, disse ele. “Kyle. Os meninos estavam trazendo-o para cá, na parte de trás de um dos nossos carros. De alguma forma, ele conseguiu se libertar. Não sei como. Isto nunca aconteceu antes. Matou dois dos meus garotos. Desse jeito.”

Caleb sentiu seu coração disparar com a notícia, cheio de medo. Kyle tinha se libertado de um carro de polícia e depois matou dois oficiais. Sozinho. Desarmado. Parecia sinistro. Sobrenatural.

“Eu mesmo vou matá-lo quando eu encontrar este desgraçado,” disse o chefe. “Eu juro que vou.”

“Encontrá-lo?”, perguntou Caleb. “O que você quer dizer? Eu vim aqui para falar com ele.”

“Falar com ele?”, respondeu o chefe. “Você está louco? O cara é um assassino de sangue frio. Ele não está aqui, de qualquer maneira. Como eu disse, ele se foi.”

“O que quer dizer com isso?” Caleb pressionou. “Para onde eles o transferiram? Eu preciso falar com ele.”

O chefe balançou a cabeça, se inclinou e bateu as palmas das mãos sobre a mesa.

“Você não vai conseguir”, ele retrucou. “Ele *se foi*. Significa que *fugiu*. Ele escapou.”

“Fugiu?”, perguntou Caleb, atordoado.

O chefe assentiu.

“Todo mundo da minha força, a polícia estadual e até mesmo a federal estão procurando por ele. Nós vamos pegar esse filho da puta e vai haver sangue derramado até o final desta noite.”

Caleb pensou sobre suas palavras, desejando poder acreditar nele. Mas ele tinha um sentimento de desespero, no fundo de seu coração, ele achava que, se eles pegassem Kyle, os únicos que seriam mortos seriam eles mesmo.

* * *

Caleb dirigia pela Rota 9, com Sam no banco do passageiro, ele revirava de novo e de novo em sua mente a conversa que ele teve com o chefe de polícia. Ele ainda não podia acreditar no que tinha ouvido. Tudo parecia terrivelmente real – como se pudesse haver alguma verdade naquilo tudo – mas ele não queria acreditar. Ele queria ouvir que Kyle estava preso, que ele era apenas um cara normal ruim. Ele não queria ter ouvido sobre ele escapar. Ele não queria ter ouvido sobre ele ter matado policiais e fugido.

E ele certamente não queria ouvir que aquelas coisas talvez tivessem alguma coisa a ver com a sua filha. Caleb se perguntou se o chefe o culpava, ou o odiava.

“Você não acha que isso é um desperdício de tempo?”, perguntou Sam.

Caleb voltou à realidade. “O bar Pete foi o último lugar que alguém o viu. Talvez alguém lá saiba alguma coisa. Qualquer coisa. Talvez ele tenha dito para onde estava indo.”

“O cara é um assassino de policiais”, disse Sam. “Se encontrá-lo, você está pronto? Porque eu estou.”

Sam abriu o porta-luvas e, ao fazê-lo, uma pequena pistola veio deslizando para fora. Sam a pegou e a segurou em suas mãos,

pesando-a. Os olhos de Caleb se arregalaram de surpresa. Ele nunca imaginara isso.

“Nunca soube que você tinha isso”, disse Caleb.

“Eu nunca carreguei isso”, disse Sam. “Até agora. Se acharmos que cara que feriu Scarlett, e ele tentar alguma coisa, eu não tenho nenhum problema em usá-las.”

Caleb concordou de volta.

“Eu estou pronto para fazer o que eu tenho que fazer”, disse ele. “Não use todas as balas. Guarde uma para mim.”

Caleb parou no estacionamento do bar Pete, esmagando o cascalho sob os pneus. Ele estacionou e ambos saltaram do carro e marcharam até os degraus de madeira deterioradas. Quando se aproximaram da porta, Caleb ficou chocado ao ver a fita de crime policial em todo o lugar, a porta estava quebrada, o lugar parecia como se tivesse sido atingido por uma bomba. Ele não se lembrava de lugar estar assim quando ele saíra de lá. Algo mais tinha acontecido ali?

Caleb e Sam atravessaram o que restava da porta rangendo e, ao entrarem no bar pouco iluminado, Caleb ficou surpreso ao vê-lo parecer ainda pior no interior. Havia vidro quebrado em toda parte, parecia uma zona de guerra. O lugar estava vazio e a polícia havia passado fita em todos os lugares.

Ouviram um arrastar de pés e Caleb viu um barman, machucado e com cortes, pegando pedaços de vidro do chão e colocando-os no bar.

“Estamos fechados”, ele retrucou, sem olhar para eles. “Não é possível ver o sinal?”

Caleb marchou na direção dele, com Sam ao seu lado e, ao fazê-lo, ele trouxe de volta memórias frescas de sua briga com os homens. Caleb não tinha nenhum sentimento positivo em relação àquele lugar, ou àquele barman, ou qualquer coisa sobre o bar, que ele associava com o pior dos lugares, o local onde sua filha quase fora morta.

“Não está mais fechado”, respondeu Caleb.

O barman de repente se mexeu por trás do balcão, pegou uma espingarda e apontou para eles.

Caleb e Sam pararam na hora.

“Eu não terei mais ninguém invadindo este bar. Já aconteceu uma vez. Então, vocês dois, melhor apenas se virarem e darem o fora daqui.”

O barman estendeu a arma e Caleb pensou duas vezes. Mas ele não estava disposto a recuar.

“Eu faria isso”, disse Caleb, “mas minha filha está desaparecida e eu preciso de respostas. Eu acho que você é a melhor pessoa para me ajudar.”

O bartender piscou, baixando a arma enquanto ele estudava Caleb.

“Você é o pai?”, perguntou.

Caleb acenou de volta e o homem largou a arma.

“Desculpe por isso. Estou nervoso nesses últimos dias.”

Caleb viu como ele estava ferido e então teve um pressentimento.

“Kyle?”, perguntou Caleb. “Ele fez isso com você?”

O barman olhou para trás, surpreso.

“Como você sabia?”, ele perguntou.

Caleb se aproximou do balcão e o barman guardou a arma e levantou um copo.

“Cerveja?”, ele ofereceu.

Caleb sacudiu a cabeça.

“Não”, Caleb disse: “Eu não bebo. Eu só quero respostas. Preciso encontrar a minha filha.”

“Nós todos queremos algo”, disse o barman. “Eu quero que o meu nariz quebrado sare logo. Eu quero aquele desgraçado Kyle morto – assim como um monte de outras pessoas. Assassino de policiais. Você pode imaginar? Sou sortudo por ele não ter me matado.”

“Eu preciso saber para onde ele foi”, disse Caleb.

O barman olhou para ele como se ele fosse louco.

“E se você encontrá-lo, o que você vai fazer? Ele é um assassino de policiais. Você acha que vai impedi-lo?”

“Eu sei que eu vou”, disse Caleb, determinado.

O barman olhou para ele, ouvindo a seriedade em sua voz.

“Será o seu próprio funeral”, ele encolheu os ombros. “Eu diria a você se eu soubesse. Mas eu não sei.”

“Você não entende”, disse Caleb. “Eu preciso encontrar a minha filha.”

O barman ergueu a sobrancelha.

“Isso é engraçado”, disse ele. “Isso é a mesma coisa que Kyle queria, quando ele voltou aqui.”

Os cabelos da nuca de Caleb se arrepiaram.

“Kyle perguntou sobre Scarlett?”, disse Sam.

O barman assentiu.

“Por que ele estaria fazendo isso?”

“Eu não tenho idéia. Parece que ele está obcecado com sua filha. Acho que ele não consegue encontrar ninguém da sua idade.”

Caleb fez uma careta, furioso.

“E onde é que você disse a ele que minha filha estava?”

“Como eu poderia saber?”, O bartender disse, na defensiva. “Eu não tenho nenhuma idéia de onde ela está. Eu lhe disse isso. Que não sabia nada sobre ela. Tudo o que eu sabia era que ela ia pro colégio.”

Sam franziu o cenho.

“Você *disse* isso a ele?”, perguntou Sam. “Você disse a ele que ela vai para o colégio local? O quão estúpido você é?”

“O que há de errado com isso?”, retrucou o barman, confuso. “Você realmente acha que ele irá até a escola?”

Caleb sacudiu a cabeça.

“Isso é exatamente o que ele vai fazer”, disse. E se virou para Sam.

“Mas eu vou chegar lá primeiro.”

CAPÍTULO DEZESSETE

Caitlin sentou no chão da biblioteca entre as pilhas de livro, em silêncio, no escuro, com a visão turva, suas costas contra a armação

de metal e todos os músculos do seu corpo doíam por ela estar debruçada sobre uma pilha de livros no colo. Tinha sido uma maratona de leitura e havia livros espalhados por toda parte, como se uma avalanche deles tivesse caído em cima dela. Seus olhos estavam cansados e ela os esfregou novamente, determinada a continuar.

Caitlin lia sob a fraca luz de emergência há horas, desde que a biblioteca havia fechado e as luzes tinham se apagado. Ela estava grata por não ter sido detectado, e estava determinada a aproveitar a situação ao máximo, analisando vários volumes, devorando-os a desde que as portas para a biblioteca principal finalmente haviam sido fechadas.

Caitlin tinha tido uma noite longa e solitária, olhando livro após livro, em busca de alguma pista, alguma coisa que ela pudesse encontrar. Ela examinou através de volumes sobre cidades perdidas, raças perdidas, civilizações perdidas, leu as coisas mais fantásticas, a maior parte eram lendas, mitos. Frustrantemente, ela havia se deparado com pouco conteúdo a ver com vampiros.

Caitlin começou a ver uma luz suave sendo filtrada pelos vitrais do alto, ela sabia que estava amanhecendo. Logo as portas se abririam, todos estariam de volta e ela teria que deslizar para fora antes que a pegassem. Seu tempo ali iria acabar. Ela não achava que poderia fisicamente passar muito mais tempo lendo, de qualquer maneira, estava exausta por ter não dormido nem comido e por mal ter se mexido daquele lugar em que estava sentada.

Caitlin estava começando a se perguntar se aquilo tudo não era um enorme desperdício de tempo.

O que ela estava pensando? Será que ela realmente achava que iria encontrar algo que o próprio Aiden jamais conseguira? Ela era inteligente, é claro, assim como um monte de outras pessoas que tinham ido por esse caminho, buscando a mesma coisa. Será que ela nunca encontraria uma cura para sua filha? Uma arma para pará-la? Será que isso existe?

A única coisa que realmente importava para Caitlin era Scarlett; tudo o que ela queria era que sua filha fosse feliz e saudável, que ela voltasse a ser a garota normal que ela era. Caitlin sempre tinha

sido capaz de encontrar uma solução para tudo através de suas pesquisas, através da leitura – mas não desta vez. E isto a deixava infinitamente frustrada. Pela primeira vez em sua vida, ela estava começando a se perguntar se ela sairia de mãos abanando. Apesar de todas as suas habilidades acadêmicas e de leitura, ela não estava conseguindo desvendar o mistério para obter a sua filha a ajuda que ela precisava.

Caitlin fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás contra a estrutura de metal da pilha de livros e se encostou, acariciando sua cabeça dolorida, depois esfregou os dedos entre seus olhos e sobre suas sobrancelhas, tentando fazer com que a dor maçante fosse embora. Ela sentia vontade de chorar, estava entrando em colapso, desistindo de tudo.

Por favor, Deus, rezou. Era a primeira vez que ela orava em muito tempo, certamente desde que ela era uma criança. No entanto, ela nunca se sentira tão desesperada como agora.

Por favor, Deus. Traga meu bebê de volta para mim. Eu farei qualquer coisa. Darei qualquer coisa. Por favor. Eu não rezo para pedir riqueza ou poder. Eu só rezo para maior entendimento, para a introspecção, orientação e sabedoria. Por favor. Ajude-me a salvar a minha filha.

Um estrondo repentino assustou Caitlin, ela olhou para baixo e ficou surpresa ao ver que um dos grandes livros empoeirados que ela tinha empilhado ao seu lado tinha deslizado fora do monte e caído perto de seu joelho. Caitlin, intrigada, o examinou, era um livro enorme, pesado, encadernado em couro, quase sessenta centímetros de comprimento, ela percebeu que era um dos poucos livros que ela ainda não tinha lido.

Ela sentiu seu peso maciço ao puxá-lo do chão e colocá-lo em sua coxa. O livro devia pesar uns cinco quilos e, quando ela virou as páginas de grandes dimensões, ela percebeu que era um volume raro, de centenas de anos de idade. Ela poderia ser enviada para a prisão por estar ali, ela percebeu, por estar fazendo tudo aquilo, sentada naquele canto, invadindo uma propriedade, segurando aqueles itens de valor incalculável, deviam valer milhões. Ela sabia,

por ter trabalhado com livros raros, o quanto eles valiam. E eram todos inestimáveis.

Caitlin virou página após página, dedilhando as páginas douradas, as belas ilustrações, lendo atentamente a caligrafia elaborada. Estava em latim, mas Caitlin entendia.

O livro era sobre lugares perdidos. Caitlin leu e leu e, ao contrário dos outros livros, aquele era fascinante. Ela ficou intrigada. Seu coração começou a bater mais rápido quando ela finalmente começou a sentir como se estivesse lendo algo importante para ela.

A mítica cidade de Atlântida, é claro, pode ser encarado de duas maneiras. Uma delas é como um mito, uma metáfora para alguma das maiores civilizações, algum lugar que nós nos esforçamos para alcançar, como seres humanos. O outro é um lugar real, um lugar desaparecido debaixo d'água, talvez por uma enchente, ou por um vulcão ou algum outro evento catastrófico. A noção de uma cidade perdida, porém, não é tão rebuscada. Considere as bibliotecas perdidas. Alexandria queimada até o chão, levando consigo metade das descobertas da nossa civilização. E o que dizer da Sala dos Registros - fato ou ficção?

Caitlin piscou, processando tudo. Ela nunca tinha ouvido falar da Sala dos Registros e foi pega de surpresa por esta referência indireta a ela. Sobre que o autor se referia?

Sentindo-se um vislumbre de esperança, Caitlin virou página após página, seu coração afundando por ela não conseguir encontrar uma menção sobre isso novamente. Ela queria gritar. Ela sentia vontade de viajar de volta no tempo, agarrar e sacudir o autor, por ter provocado sua curiosidade sem esclarecê-la.

Quando ela se virou a página seguinte, porém, ela se viu em cima de uma ilustração colorida e elaborada da Esfinge do Egito, o sol brilhava por trás dela, seus raios enchiam a página, era tão brilhante que parecia como se a figura pudesse saltar para fora e, ao ler a inscrição, em letras minúsculas, ela ficou imensamente aliviada ao descobrir que o autor, finalmente, retomara o tópico: *Considerada a maior biblioteca conhecida pelo homem, a Sala de Registros é uma*

biblioteca perdida mítica contendo os manuscritos mais preciosos conhecidos pelo homem, supostamente escondida sob a Esfinge, no Egito. Várias teorias dizem que a biblioteca fora construída ali por alienígenas, por uma civilização de 10.000 anos de idade, ou por uma raça de vampiros.

Caitlin deixou cair o livro de seu colo, de boca aberta em choque, ele caiu com um baque no chão. Ela se sentou, sentindo uma faísca de esperança. De repente, ela se sentiu bem acordada, como se tivesse acabado de perder todo o senso de tempo e lugar. Ela pegou o livro de novo, sua garganta seca e leu as palavras de novo e de novo, desesperadamente, como um náufrago sedento.

Claro, houve muitas expedições arqueológicas, muitas tentativas de encontrar a Sala de Registros. As autoridades egípcias proibiram todas as expedições, em um esforço de preservar a integridade da Esfinge. Embora existam muitas pistas tentadoras, incluindo buracos visíveis dentro da própria Esfinge indicando que existe, de fato, uma cidade perdida ali embaixo; que, de fato, uma civilização perdida morava lá e, que, de fato, a maior biblioteca conhecida pelo homem está lá; ainda assim, as escavações permanecem fechadas pelas autoridades e ninguém realmente conseguiu encontrar um caminho abaixo do solo. Será que existe essa entrada? Será que as autoridades egípcias e outros têm uma razão para manter os outros de fora? O que eles estão escondendo? O que uma geração após a outra tem escondido por 10.000 anos?

Caitlin ficou ali, processando tudo, sentindo em seu coração que ela tinha tropeçado em cima de algo real, algo autêntico. As palavras ressoaram em sua cabeça. *Uma vasta biblioteca. A cidade perdida. Um povo perdido. Vampiros...* Tudo parecia certo para ela.

Quando Caitlin fechou os olhos e imaginou tudo isso, a coisa mais estranha aconteceu: de repente, uma imagem passou pela sua mente. Viu-se de pé em uma vasta cidade debaixo da terra, cercada por milhares de vampiros, todos vestidos de preto, havia tochas em toda parte e eles levantando os punhos e gritando.

Caitlin abriu os olhos, coração acelerado, se perguntando o que era aquilo que ela tinha acabado de experimentar. Foi um sonho? Ela nunca tinha experimentado nada parecido. Parecia um flashback, como uma lembrança que ela nunca teve. Ela havia se visto como um vampiro. Em uma nação de vampiros. Uma raça antiga, uma raça perdida, debaixo da terra. Ela tinha sido a líder.

Caitlin abriu os olhos, apavorada. Ela não entendia o que estava acontecendo com ela. Era por que ela estava privada de sono? Ou ela teve um genuíno flashback? Ela nunca tinha sonhado acordada antes. Era tudo verdade? Ela própria fora vampiro? Será que ela tinha vivido nesse tempo antigo e lugar?

Caitlin virou as páginas e ficou desapontado ao ver, enquanto examinava as páginas finais, nenhuma outra menção de civilizações perdidas ou da Sala dos Registros. E ainda, na página final, ela notou algo estranho: a escrita era diferente de todas as outras páginas no livro. Não fazia sentido.

Era bagunçada, ao contrário e não era em latim. Estava em hieróglifos.

Caitlin, de repente, percebeu que era uma mensagem escondida. Devido a seu conhecimento de línguas antigas, seus anos decifrando códigos perdidos e livros raros, ela foi capaz de ver um padrão nas letras, talvez um padrão que os outros não descobriram. Era um código oculto. Havia sete sentenças perfeitamente centradas na página e nenhuma fazia sentido. Mas Caitlin isolou a letra do meio de cada frase e leu indo para baixo, na vertical e uma palavra entrou para o seu ponto de vista: V...O...Y...N...I...C...H

Voynich.

Caitlin virou a palavra uma e outra vez em sua mente e então, finalmente, entendeu. O manuscrito Voynich. O livro mais raro da Terra, o livro mais controverso e mística existente, com rumores de conter segredos nunca desvendados.

Caitlin, subitamente, tinha certeza de que existia uma cidade perdida vampiro, que ficava sob a Esfinge e que a chave para descobrir a entrada seria encontrada no manuscrito Voynich.

Caitlin se sentou, percebendo que fazia todo o sentido. O manuscrito Voynich estava bem ali no campus de Yale, em outra

biblioteca. Ele tinha a chave. A chave para entrar na cidade perdida. A chave para encontrar a cura que ela precisava para salvar Scarlett.

Caitlin se levantou, deixando o monte de livros onde eles estavam, desceu correndo os degraus de metal e caminhou até a porta principal, verificando o relógio. Era um pouco antes das 06:00.

Seu coração batia e ela parou no meio de seu caminho quando viu um guarda de segurança chegando, ele estendeu a mão e começou a abrir a porta.

Caitlin rapidamente se escondeu ao lado das portas, com seu coração batendo, quando ele abriu a porta e entrou. Pensando rápido, ela pegou um lápis pequeno perto na borda e o jogou do outro lado do corredor. Ele caiu no outro extremo, ecoando.

O guarda de segurança se virou, em estado de alerta, e começou a correr pelo corredor atrás do barulho, longe da porta aberta, pra o fundo da biblioteca.

Caitlin saiu rapidamente para fora da porta abertas diretamente para o ar frio da manhã, o amanhecer iluminava o céu em tons de laranja e vermelho. Ela apertou seu paletó enquanto marchava pelo campus, se dirigindo ao lugar onde ela sabia que abrigava o manuscrito Voynich: a Biblioteca Beinecke de Livros Raros.

Ela estava a poucos passos de distância, ela sabia, de encontrar Scarlett, e nada poderia detê-la agora.

CAPÍTULO DEZOITO

Kyle marchou em direção aos degraus em direção ao colégio da cidade, apertando os olhos sob o sol, sem entender por que este lhe machucava tanto a cabeça enquanto ele se aproximava das portas da frente. Sentia-se mais forte do que nunca, mas também sofria com o sol, ansioso para entrar. Subiu os degraus, dez de cada vez, chocado com a sua velocidade e força. Em apenas três passos, ele chegou ao topo, diante do atônito guarda de segurança.

“Desculpe, a escola está em aula,” o guarda o barrou. “Você é um pai?”

Kyle o olhou de cima e para baixo. O guarda era um homem enorme, pelo menos 2 metros de altura, quase tão largo como Kyle, tinha um queixo quadrado e um olhar beligerante no rosto.

Kyle balançou a cabeça.

“Eu pareço um pai para você?” Kyle retorquiu.

Kyle passou por ele, dirigindo-se para as portas, então sentiu uma palma musculosa no seu ombro, parando-o.

“Não toque nesta porta”, disse o homem. “Você não pode entrar sem uma autorização.”

O guarda empurrou Kyle, mandando-o para trás aos tropeços, Kyle, enfurecido, pulou repentinamente para a frente e abordou o homem, fazendo os dois caírem sobre as portas fechadas.

As portas de vidro se soltaram de suas dobradiças e Kyle caiu em cima do homem, os dois derraparam sobre o chão e o vidro quebrado, deslizando pelo largo corredor.

Kyle olhou para o guarda, que estava imóvel e, em seguida, se virou para observar a destruição que ele tinha causado, as portas da frente estavam penduradas, havia vidro em todos os lugares e o segurança estava deitado no chão, inconsciente.

“Que tal essa autorização para eu passar?”, perguntou Kyle.

Kyle se levantou, limpou o vidro de seu corpo e começou a caminhar pelo corredor vazio. Não havia ninguém por ali, claramente todos ainda estavam em sala de aula, ele olhou para todas as portas fechadas enquanto andava. Ele foi entrando pelos corredores, um atrás do outro, se perguntando onde Scarlett poderia estar. Antes que Kyle percorresse outro corredor, ele olhou para trás, por cima de seu ombro e viu que algumas pessoas começaram a se reunir em torno da porta da frente, destruída e observavam o guarda, intrigadas.

O sinal da escola tocou e os corredores foram inundados por adolescentes, centenas deles, rindo, trocando empurrões, pululando pelo local. Todos estavam tão focados em seus amigos que ninguém sequer parecia notar Kyle, um homem enorme, mais alto do que todos os outros, vestido da cabeça aos pés em couro preto, coberto

de contusões e inchaços e cicatrizes, com uma carranca em seu rosto, parecia o próprio mal andando pelo meio do corredor.

Kyle olhou para os rostos, à procura de Scarlett. Ele precisava encontrá-la. Precisava de respostas. Precisava saber o que ela havia lhe feito, por que ela o mordera, como ela fora capaz de dominá-lo, por que sua cabeça doía tanto. E ele queria vingança.

Mas não importava quantas salas ele entrasse, quantas faces ele observasse, não havia nenhum sinal dela. Kyle usou sua nova visão poderosa e descobriu que ele era capaz de aumentar seu foco em qualquer coisa que estivesse longe. Era incrível. Sentia-se como uma águia.

Com isso, Kyle notou um armário semi-aberto e ele ampliou sua visão sobre uma pequena imagem que estava nele. Era uma foto de Scarlett, ele tinha certeza disso. Ele conseguiu um vislumbre desta imagem logo antes de o armário se fechar.

Kyle olhou para ver quem o tinha fechado e viu uma menina, parecia-se com uma jovem Jennifer Lopez, que estava diante do armário. Kyle abriu caminho através da multidão, dando cotoveladas nos alunos enquanto tentava chegar até ela.

“Ei, cuidado, cara,” gritou um aluno, atleta do time do colégio com uma letra em sua jaqueta, quando Kyle o empurrou longe e ele bateu em um armário.

Mas Kyle sequer olhara para trás. Ele continuou marchando em direção à menina.

“Desculpe-me, senhor”, disse uma voz.

Kyle sentiu uma mão áspera agarrando sua camisa, ele se virou e viu uma mulher mais velha, séria, parada ali.

“Quem é você? O que você acha que está fazendo nestes corredores? Será que você não percebeu que acabou de bater em um aluno? Você poderia tê-lo machucado. Desculpe-se agora, e vá para o escritório do diretor agora mesmo!”

Kyle olhou para ela, surpreso por uma mulher tão velha e frágil ter a coragem de falar com ele assim. Então, depois de um momento, ele caiu na gargalhada, que era um som gutural, quando ele olhou para ela.

“Você me faz lembrar de uma professora que tive no ensino médio”, disse ele. “Ela era o motivo pelo qual eu nunca ia para a escola. Vocês são todos iguais, não é?”

“Como você ousa falar assim comigo!”, disse a mulher. “É melhor você ir para a sala do diretor agora, antes que eu chame a segurança!”

Kyle bufou.

“Eu não acho que o guarda de segurança será de grande ajuda para você agora”, disse ele.

Kyle avançou, agarrou-a com suas duas mãos e a ergueu acima de sua cabeça. Ela ficou pendurada, balançando suas pernas, chutando o ar, desesperada.

“Ponha-me no chão agora!”, ela gritou.

Todos os alunos pararam para olhar quando Kyle se inclinou para trás e a jogou para longe.

A professora saiu voando pelo corredor, aterrissando de cara no chão escorregadio e deslizando quase trinta metros, como uma bola de boliche ela derrubou alguns alunos, criando a maior confusão no corredor. Kyle sorriu ao assisti-la. Ele desejava ter feito isso com cada professor que tinha conhecido.

Kyle se virou, irritado e impaciente, e correu para a menina Jennifer Lopez que tinha uma foto de Scarlett em seu armário. Ao aproximar-se dela, a garota ficou ali congelada, assustada com o que ele tinha acabado de fazer àquela professora. Ela olhou para Kyle com medo e temor, dando um passo para trás.

Kyle sorriu, saboreando o medo dela, ele olhou para o caderno e viu o nome dela escrito nele.

“Maria”, disse ele em voz alta, sua voz era sombria e grave. “Preciso que você me responda algumas perguntas.”

Maria, petrificada, deixou cair os livros no chão, de boca aberta. Todos os outros estudantes em torno dela começaram a recuar, temendo Kyle, alguns saíram correndo pelos corredores.

“Perguntas?”, Ela disse, com a voz rouca. “Como você me conhece?”

Kyle sorriu e deu um passo mais perto.

“É muito simples”, disse ele. “Há um pequeno jogo que eu gosto de jogar. É chamado, não minta para mim e eu não vou te matar”, disse ele, agora a apenas centímetros de distância, inclinando-se sobre ela. Ele podia vê-la tremendo.

“Por favor”, disse ela. “Não me machuque.”

“Eu quero saber sobre sua amiga”, disse Kyle. “Scarlett. Onde ela está?”

Os olhos de Maria se arregalaram. Ele podia sentir seu impasse, debatendo o que dizer a ele. Ele podia sentir que ela era uma amiga leal, não queria dar uma resposta de prontidão, mesmo com sua vida obviamente em jogo.

“Eu... não sei”, disse ela.

Kyle se aproximou, agarrou seu cabelo e o puxou. Ela gritou e ele se aproximou mais ainda, até que seus dentes roçassem seu ouvido.

“Você está prestes a perder o jogo”, disse ele.

Maria engoliu em seco, o suor escorria pelo lado do pescoço dela.

Finalmente, ela disse:

“Ok, eu a vi. Ela está indo para a casa de sua melhor amiga.”

“Agora estamos chegando a algum lugar”, disse Kyle. “E quem é essa amiga? Qual o nome dela?”

Maria se virou e sustentou firmemente o olhar dele e, finalmente, pareceu chegar a uma decisão.

“O nome dela é Vivian.”

CAPÍTULO DEZENOVE

Sage voou com Scarlett em direção ao amanhecer que despontava, sobrevoando o Hudson, o mundo se estendia diante deles em tons de roxos e rosa e, mesmo sabendo que ele estava morrendo, Sage sentia que tudo estava perfeito no mundo. Ele adorava a sensação de ter Scarlett em suas costas, com seus braços em volta do seu peito enquanto eles voavam. Ele adorava que os

dois podiam aproveitar o alvorecer juntos, olhando para o rio, as árvores e as colinas, todo o mundo estava alaranjado pelo outono. As folhas brilhavam de mil cores, em diferentes tons de vermelho, laranja e amarelo, giravam com o vento e caíam sobre o Hudson, onde revestiam as águas à medida que desciam pela correnteza, fazendo com que o rio parecesse um arco-íris vivo.

Eles voaram e voaram, seguindo os contornos do Hudson, passando por cima de uma ponte, Sage estava tão animado por estar com ela, por estar levando-a para uma grande surpresa. Ele podia sentir que também estava ansiosa, e isso o deixava ainda mais feliz.

Sage voltou a pensar sobre os momentos que eles passaram juntos na noite anterior, a noite mais mágica de sua vida, sabendo que aquela poderia ter sido sua última. Scarlett tinha adormecido em seus braços, os dois ficaram aquecidos apesar do frio, depois de conversarem metade da noite sobre as suas esperanças e sonhos, sobre a vida que eles levariam, lugares que visitariam juntos. Eles falaram sobre o quão incrível teria sido para os dois se eles pudessem passar a vida inteira ao lado um do outro. Ele disse a ela o quanto a amava mil vezes, sabendo que qualquer dia podia ser o seu último.

Sage enxergou seu destino ao longe e voou para baixo, cada vez mais, até uma clareira aberta aparecer nas margens do Hudson. Ela era limitada por uma mansão histórica com deslumbrantes jardins bem cuidados, com vista para o rio. Parecia algo de outro século.

Ele pode ouvir o suspiro Scarlett atrás dele quando tudo aquilo veio à tona.

“É tão lindo,” Scarlett disse. “O que é isso?”

Sage sorriu.

“Boscobel”, disse ele. “Uma das últimas grandes propriedades no Hudson.”

Enquanto circulavam no alto, Sage viu uma estrada de automóveis longa e arborizada, a propriedade se estendia em todas as direções e havia um enorme dossel branco ao longo da borda do rio.

“Parece um teatro,” Scarlett disse.

“Sim”, respondeu ele.

Sage escolheu um lugar bem escondido atrás da linha de árvore e mergulhou, fora da visão das pessoas.

Ele segurou a mão dela quando eles saíram do bosque e caminharam pelos jardins imaculados, indo em direção ao teatro ao ar livre.

“Um espetáculo ao nascer do sol”, disse Sage. “Eles fazem isso uma vez por ano.”

“Uma peça?”, perguntou Scarlett, sorrindo. Ele podia ouvir a emoção em sua voz.

Sage se virou para ela e sorriu.

“Sua peça favorita”, disse ele. “Romeu e Julieta. Eles irão encená-la ao ar livre, assim como costumavam fazer nos tempos de Shakespeare. Eles irão atuar bem às margens do rio Hudson, com o céu e as montanhas como pano de fundo. É a coisa mais linda que você verá.”

Scarlett sorriu e o beijou, e ele a beijou de volta, era um grande prazer ver a felicidade no rosto dela. Ele estava emocionado por gastar alguns de seus momentos finais com ela, ali, naquele teatro, assistindo àquela peça, que ele lembrava de ter visto em primeira mão nos tempos de Shakespeare.

Por um lado, os tempos haviam mudado muito; mas, por outro, eles não tinham mudado nada.

“Obrigada”, disse ela, significativamente, ele podia escutar um pouco de tristeza aparecendo.

Eles caminharam por entre a multidão e entraram no teatro, havia lugares incríveis no meio da primeira fila. Todos ficaram em silêncio enquanto os atores apareciam, caminhando pela grama, e a peça começou.

*Duas casas, iguais em dignidade,
Na formosa Verona, vos dirão
Reativaram antiga inimizade,
Manchando mãos fraternas sangue irmão*

Tudo voltou à mente de Sage. Ele se lembrava de ver aquela peça na primeira vez em que ela fora realizada, por volta de 1594. Ele a assistiu no Globo, nas margens do Tamisa, entre uma vegetação suspensa, havia milhares de pessoas amontoadas, assistindo. Lembrou-se de que ele ficara hipnotizado. E, agora, ali estava ele, 400 anos depois, tudo ainda era tão fresco em sua memória, como se fosse a primeira vez. Scarlett se inclinou e o abraçou com força, ele a abraçou de volta. Aquela peça sobre dois amantes desafortunados tinha assumido um novo significado para Sage, um significado que ela nunca teve antes. Sabendo que estava prestes a morrer, cada palavra, cada gesto, cada movimento dos atores pareciam que eram feitas só para ele. Ele sabia que seria a última vez que ele via a peça, ele queria se agarrar a cada palavra, a cada gesto.

Lá estavam eles, duas pessoas de diferentes raças, ela estava apenas começando sua imortalidade e ele, terminando a sua. Ele tinha vivido dois mil anos, ela iria viver por mais de dois mil, a tragédia era que ele não a conhecera antes. Por que ele tinha que conhecê-la quando estava morrendo, quando ela estava prestes a viver eternamente?

Todo aquele tempo, ele percebia agora, todos aqueles dois mil anos na terra, ele estava na verdade procurando por ela. Ele nunca tinha amado ninguém. E, agora, no momento de sua morte, ela estava sendo levado para longe dele. Como se o destino estivesse jogando um truque cruel sobre ele.

Sage se perdeu em seus pensamentos com aquela peça, à medida que as horas passavam, vinham flashes de sua vida em sua mente, ele ia se sentindo próximo do fim, ia se sentindo mais fraco, sabia que ele estava morrendo. Ele estava perdendo-se naquela apresentação, perdendo a noção do tempo e do espaço até que, finalmente, a peça se aproximava do fim, Romeu estava morrendo, Julieta iria encontrá-lo e encerraria com seu monólogo:

O que vejo aqui? Um copo bem fechado na mão de meu amor?

Certo: veneno foi seu fim prematuro.

Oh! Que sovina! Bebeste tudo, sem que me deixasses uma só gota amiga

*Para alívio? Vou beijar esses lábios;
É possível que algum veneno ainda se ache neles.
Para me dar alento e dar a morte.
Oh! Sê bem-vindo, punhal!
Tua bainha é aqui;
Repousa ai bem quieto e deixa-me morrer.*

Julieta se esfaqueou e o público se engasgou, em seguida, Sage, sentado ali, ficou fascinado, sentia como se tivesse sido apunhalado a si mesmo.

As cortinas fecharam e a multidão lentamente irrompeu em aplausos. Sage se sentou ali, sentia-se tão entorpecido, tão profundamente perdido pelos atos da peça, que ele precisara de um tempo para se desligar dela. Ele até esqueceu por um momento onde estava.

Scarlett se virou para ele, seus olhos estavam molhados de lágrimas, ele podia ver que ela estava pensando a mesma coisa que ele. Para eles, aquela era mais que uma peça. Era também a vida que eles estavam vivendo, com Sage prestes a morrer.

“Eu amo você, Sage,” ela disse.

Eles se levantaram e se abraçaram, Sage a apertou com força, não queria soltá-la, todas as pessoas ao seu redor começaram a dispersar.

Sage pensou em todos os lugares que ele queria visitar com Scarlett, alguns dos lugares mais românticos do mundo. Ele estava determinado a mostrá-los a ela antes de morrer. Mas ele estava se sentindo tão fraco, não sabia se poderia fazê-lo. Sabia que precisava se recuperar para poder passar mais tempo com ela. Ele só tinha que obter força suficiente para aguentar mais um ou dois dias.

“Sage, você não parece bem”, disse ela, ao se afastar. “Você está bem?”

Ele forçou um sorriso e acenou de volta fracamente.

“Estou bem”, disse ele.

Apesar de seus esforços, ele começou a tossir, sua voz virou um sussurro.

“Esta tarde,” ele disse, “às quatro. Encontre-me sob o grande salgueiro perto da ponte, à beira do rio. Eu quero levá-la para um lugar muito romântico, muito bonito.”

Um flash de preocupação cruzou o rosto de Scarlett.

“Para onde você está indo agora?”, perguntou ela.

Sage queria dizer a ela que ele precisava descansar para se recuperar. Mas ele não podia lhe contar como estava doente. Ele sabia que tinha que dar alguma desculpa para sair um pouco. Ele não queria que ela se preocupasse.

“Tenho alguns assuntos urgentes da família”, disse ele. “Mais tarde, vamos nos encontrar e eu vou contar tudo.”

Ele se inclinou e a beijou, um beijo longo, Sage sabia que o dia seguinte poderia ser o seu último dia na terra com ela, ele não queria sair do lado dela.

No entanto, enquanto se beijavam, Sage tentava suprimir a triste sensação de que ele não iria mais vê-la novamente.

CAPÍTULO VINTE

Maria voltava para casa pelas ruas familiares da cidade, era fim da tarde, suas amigas Becca e Jasmine estavam ao seu lado, ainda usando camisa de treino e protetores, havia tinta preta sob seus olhos, seu cabelo estava arrepiado do jogo de futebol. Ela se irritou ao reviver o jogo em sua cabeça, ainda estava brava pois seu treinador a colocou no banco no fim jogo, depois de ela marcar um ponto. Ela sabia que estava sendo agressiva e que talvez tivesse passado dos limites ao chutar uma garota na canela. Mas, mesmo assim, ela sabia que era a melhor jogadora da equipe, o treinador não devia tê-la tirado do jogo.

Maria geralmente era uma jogadora justa, mas ela esteve tão frustrada ultimamente que ela havia começado a jogar sujo, tropeçando e chutando as outras meninas. Era apenas uma questão de tempo até que ela fosse expulsa, ela sabia, mas, mesmo assim,

ela estava nervosa pelo que tinha acontecido naquele dia, quando ela estava jogando tão bem.

Enquanto Maria caminhava, ela pensou sobre isso e percebeu que não sabia por que andava tão irritada ultimamente; ela só conseguia pensar que isso tinha a ver com o fato de ter perdido Sage, depois de perder sua melhor amiga, de ter sido abordada por aquele cara esquisito no corredor que exigiu saber onde Scarlett estava e, agora, mais do que tudo, de ter perdido seu novo namorado, Lore, por quem ela estava totalmente obcecada. Ele parou de enviar mensagens de texto a ela, ele não a encontrara na ilha de Bannerman, parecia ter simplesmente desaparecido. Maria se sentia tão deixada para trás, tão brava e frustrada. Ela só queria gritar com o mundo.

“Tipo, qual o problema com Scarlett?” Jasmine perguntou, enquanto caminhavam, rompendo o silêncio.

Maria tinha se perguntando a mesma coisa, para si mesma. Ela sentia como se ela não conhecesse mais Scarlett. Scarlett havia mudado tanto. Havia alguma coisa com ela, algo diferente que ela não conseguia entender. Scarlett costumava ser tão amável, alegre e descontraída. Agora ela parecia tão séria, tão sombria, quase como se houvesse uma... escuridão em torno dela.

Ficar perto de Scarlett agora era como estar com um adulto, não um adolescente. A situação toda era muito estranha, Maria não sabia como lidar com isso. Ela queria ser sua amiga novamente, mas ela não sabia se isso iria acontecer um dia. Ela se sentira mal por mandá-la embora de Bannerman, mas ela tinha acabado de se frustrar, estava muito chateada por Lore não ter aparecido. E, de qualquer maneira, acontecera tanta coisa entre elas. Será que nunca seriam capazes de superar isso? - ela se perguntava. Será que elas nunca mais voltariam a ser melhores amigas, do jeito que elas foram uma vez?

“Não tenho idéia”, disse Becca. “Você viu o que ela fez naquele barco na noite passada? Tipo como ela salvou Vivian? Foi totalmente bizarro.”

“E tipo, por que salvar Vivian de qualquer maneira?”, perguntou Jasmine. “O que ela estava pensando? Ela devia ter deixado ela se

afogar e fazer um favor a todos.”

“Eu não sei o que ela anda pensando”, Maria entrou na conversa. “Esse é tipo o ponto principal. É como se ela fosse... outra pessoa.”

“Nós quatro costumávamos ser tão próximas”, disse Jasmine. “Agora é como se fosse só nós três. Eu notei que ela não estava na escola hoje, de novo. Onde ela está agora?”

Todas elas dobraram a esquina e, quando Maria olhou para a frente, seu coração pulou uma batida quando ela parou entre um passo e outro. De pé, diante dela, estava o rapaz por quem ela estava obcecada desde a última vez que ela o vira.

Lore.

Lore estava ali, sorrindo, como se fosse a coisa mais natural mais normal do mundo. Como se estivesse esperando por ela, como se tivessem planejado se encontrar ali. Ela queria gritar com ele, estava tão brava com ele; mas algo aconteceu quando ela encontrou seus olhos translúcidos. Seu coração se derreteu, todos os pensamentos de raiva foram para longe. Em vez disso, ela só conseguia pensar em como ele estava atraente, em como estava obcecada por ele e como ela faria qualquer coisa para estar perto dele. Não importa o que ele dissesse ou fizesse.

“Aí está você,” disse Lore, sua voz, tão sedutora, atravessava cada fibra do seu ser, era impossível pensar em qualquer outra coisa. Ela estava paralisada.

“Quem é esse?”, Disse Jasmine, ficando ao lado de Maria, na defensiva.

Lore sorriu, virou a cabeça para Jasmine e Becca, levantou a palma da mão e se inclinou para frente, colocando-a suavemente sobre a testa de cada uma. Em seguida, veio um súbito lampejo de luz e, de repente, Jasmine e Becca viraram-se para Maria.

“Maria, temos que ir”, disse Becca.

“Tínhamos esquecido completamente, temos uma tarefa da escola para fazer”, disse Jasmine.

“Foi muito bom conhecê-lo”, disse Becca para Lore. “Fico muito feliz que você irá acompanhar Maria a pé para casa.”

Sem outra palavra, as duas se viraram e se afastaram.

Maria olhou para Lore, intrigada. Por que elas mudaram de idéia tão rapidamente?

“Eu não entendo”, disse Maria. “O que aconteceu?”

Lore deu de ombros.

“Não há muito para entender.” ele olhou fixamente para Maria. “Elas querem que a gente fique as sós. Assim como eu.”

Lore a pegou pelo braço e Maria se viu incapaz de pensar em qualquer outra coisa quando eles começaram a caminhar juntos.

Maria sentia borboletas no estômago, seu coração batia forte e, ao andar ao lado daquele menino, o menino mais lindo que já tinha visto, ela se perguntava se aquilo era apenas um sonho.

“Eu tipo procurei por você em todos os lugares”, disse Maria. “Mande uma mensagem e liguei para você. Você não respondeu.”

Maria esperou que Lore respondesse e, enquanto isso, ela de repente sentiu que pensamentos invadiram sua mente, pensamentos que não eram dela. No entanto, quando ela os pensou, eles se tornaram dela:

Temos estado em constante comunicação desde a última vez que nos vimos. Estamos loucamente apaixonados um pelo outro. Você quer se aproximar e me dar um beijo.

Maria, de repente, parou, se virou e olhou para Lore. Ela se inclinou para lhe dar um beijo e ela se sentiu tão feliz por ele ter sempre respondido suas mensagens, por ele ficar continuamente em sua vida desde o momento em que eles se conheceram. Era como um sonho.

“Agora”, Lore disse, inclinando-se para trás, sorrindo. “Eu estou procurando por sua amiga Scarlett.”

A testa de Maria franziu.

“Scarlett? Por que todos estão sempre procurando por ela?”

De repente, Maria ficou nervosa. Ela esperava que Scarlett não roubasse Lore dela, também. Mas Lore sorriu, chegou mais perto dela, colocou a mão em seu ombro e, de repente, novos pensamentos vieram a ela:

Estou muito feliz e ansiosa para ajudar Lore a encontrar Scarlett. Eu vou fazer o que for preciso para ajudá-lo.

Maria se virou e olhou nos olhos de Lore.

“O que posso fazer?”, disse ela, ansiosa. “Como posso ajudá-lo a encontrar minha amiga?”

Lore sorriu.

“Você vai mandar uma mensagem para Scarlett agora”, ele respondeu. “Você vai descobrir exatamente onde ela está. Você vai primeiro fazer com que ela se sinta inteiramente confortável. Você vai descobrir se ela está com Sage.”

Maria concordou, sentindo que era a coisa mais natural do mundo, ela rapidamente pegou seu celular e mandou uma mensagem para Scarlett.

“Mas nós meio que tivemos uma discussão mais cedo”, disse ela. “Eu não sei se ela vai falar comigo.”

“Então você vai pedir desculpas a ela”, disse Sage. “Você vai fazer o que for preciso para fazê-la se sentir totalmente à vontade.”

Maria franziu a testa.

“Eu não quero me desculpar com ela. Quero dizer, tipo, foi ela que...”

Eu quero pedir desculpas a Scarlett. Eu quero fazê-la se sentir totalmente à vontade.

Maria parou de falar e então piscou e olhou para Lore.

“Eu quero pedir desculpas a ela”, disse ela.

Lore acenou de volta com aprovação, Maria olhou para seu celular e começou a digitar uma mensagem de texto:

Oi Scarlett. Então, desculpe-me por ontem à noite. Eu realmente não queria ter dito aquilo. Eu estava irritada. De mau humor. Enfim. Eu realmente amo você e sinto sua falta. Onde você está?

Ela clicou em enviar e ficou ali, encarando seu telefone.

Depois de um minuto ela disse para Lore.

“Ela não está respondendo. Talvez ela não...”

De repente, seu telefone tocou, ela olhou para baixo e leu a mensagem:

Obrigada. Significa muito para mim.

Maria começou a escrever:

Tipo eu nem te vi hoje na escola. Onde você está agora?

SCARLETT: *Eu não fui para a escola hoje.*

Por que não, onde você estava?

SCARLETT: *Fui ver uma peça de teatro.*

Um peça?

Scarlett não respondeu, Maria esperou e, em seguida, se virou para Lore.

“Ela disse que foi a uma peça”, relatou Maria.

Lore ponderou.

“Pergunte a ela se ela está com Sage,” ele comandou.

Você foi sozinha?

SCARLETT: *Não.*

Você foi com o Blake?

SCARLETT: *Não.*

Maria olhou para Lore, que estava espiando o celular dela, ao seu lado.

“Pergunte se ela estava com Sage.”

Você foi com o Sage?

Após um longo silêncio, o telefone finalmente tocou.

Sim.

“Pergunte se ela está com ele agora.”

Você está com ele agora?

Outra longa pausa e, então, finalmente:

Por que todas essas perguntas?

Maria mostrou o telefone para Lore e ele coçou o queixo.

“Diga a ela...” ele começou a dizer mas, de repente, o telefone de Maria tocou de novo:

Não. Mas devemos nos encontrar mais tarde hoje.

Maria mostrou seu celular para Lore e ele acenou com a cabeça, satisfeito.

“Isso é tudo o que eu precisava saber”, disse Lore. “Os dois estão juntos. E não há nenhuma chance de ele sair do lado dela, não agora, a menos que ele precisasse se recuperar. E só há um lugar que ele pode fazer isso.”

Lore sorriu e acenou para ela.

“Você fez muito bem o seu trabalho, Maria”, disse ele. “Muito bem.”

Maria franziu a testa.

“Mas eu não entendo”, disse ela. “Tipo, por que tudo isso é tão importante? O que você quer com Scarlett? Ele precisa se recuperar? O que isso significa...”

“Não se preocupe com nada disso, meu amor”, Lore disse suavemente, tranquilizando-a. “Você não precisa saber mais do que você já faz. Na verdade, em alguns momentos, você não vai saber de nada. Você já serviu seu propósito mas, agora, eu temo que já terminei meu assunto com você. Obrigado por me deixar usá-la.”

Quando Maria o encarou, confusa, Lore abriu um largo sorriso, deu um passo à frente, abriu suas asas e, de repente, as envolveu em torno de Maria, apertando-a com força, sufocando-a, ela gritou, mas o som se abafou contra o peito dele. Ele a segurou com força enquanto ela lutava, ele respirou fundo, satisfeito, sugando toda a energia vital dela, alimentando-se de sua energia e alma. Maria lutava, mais do que a maioria de suas vítimas, mas não conseguia se libertar. Ele não tinha deixado ninguém se libertar em mil anos.

Finalmente, Maria desistiu de resistir. Ela ficou mole em seus braços, Lore recolheu suas asas e a observou cair em colapso, encolhida no chão. Ele pegou o celular dela e o guardou em seu bolso.

“Você não vai mais precisar disso”, disse ele.

Então ele deu um passo e saltou no ar, indo para onde ele sabia que Sage estava finalmente pronto para emboscá-lo e capturar Scarlett.

CAPÍTULO VINTE E UM

Lore correu pelo do ar, seguindo o Hudson, em direção para onde Sage deveria estar. Havia apenas um lugar onde Sage poderia estar se ele não estivesse ao lado de Scarlett: a pedra de recuperação. Claro, Sage estaria lá. Fazia sentido. Sage, sendo o idiota romântico que era, recusava-se a se alimentar de seres humanos, sugar sua energia, ele era mais fraco do que os outros de sua espécie. Ele

precisaria de energia, ainda mais com todos morrendo e especialmente se ele quisesse passar seus últimos dias com Scarlett.

A pedra de recuperação era o único lugar que poderia lhe dar energia suficiente sem uma alimentação humana. Ela lhe daria mais alguns dias, Lore balançou a cabeça com desgosto ao pensar sobre isso. Sage era um romântico estúpido. Ele sempre fora fraco. E agora esta seria sua queda.

Lore voava acompanhando as margens, surpreso consigo mesmo por ter manipulado Maria do jeito que ele fizera. Agora, finalmente, ele poderia executar seu plano. Seu plano *verdadeiro*, é claro, era viver para sempre. Para fazer isso, ele precisava da menina, Scarlett. E, para ficar com a garota, ele precisava de uma isca. E a isca era Sage.

Se Lore pudesse capturar Sage e mantê-lo prisioneiro, a menina, ele sabia, viria. Ele podia ver nos olhos daquela menina que ela estava apaixonada por ele, que sacrificaria tudo, até ela mesma para salvá-lo. E isso seria sua queda também.

Lore iria capturá-la e então iria trazer a garota para o seu povo. Ele mesmo iria matá-la, então ele e todo o seu povo viveriam para sempre. Ele seria lembrado por gerações, canções seriam cantadas sobre seu heroísmo, enquanto Sage seria punido e morto. Lore não conseguia pensar em outra coisa que o fizesse mais feliz.

Lore abriu um grande sorriso ao voar sobre a pedra de recuperação, um platô de rocha perfeitamente plana, com forma de um círculo, desgastado por séculos de uso por seu povo, ficava escondido no alto, próximo às margens do Hudson, rodeado por árvores frondosas. Seu povo a usava para recuperar forças há séculos e, quando Lore olhou para baixo, ficou feliz por ver, como ele esperava, Sage deitado de costas, mãos e pés estendidos, o rosto para o céu, se recuperando.

Lore mergulhou imediatamente e pousou ao lado de Sage, excitado por poder se aproveitar dele antes que ele pudesse reagir.

No segundo em que os pés de Lore tocaram o chão, ele não perdeu tempo: tirou suas algemas de Askelon, pulou sobre Sage e, em um movimento rápido, colocou as algemas em volta dos pulsos de Sage, prendendo seus braços atrás das costas.

Sage gritou, mas havia pouco que pudesse fazer; ele tinha sido pego em um momento vulnerável.

Ficava-se indefeso durante a recuperação. Claro, havia uma lei sagrada entre seu povo que jamais poderia-se perturbar outro em processo de recuperação. E, por séculos, Lore tinha sempre respeitado esta lei.

Mas aqueles eram tempos conturbados, agora havia muito em jogo para se respeitar as leis. Agora Lore quebraria qualquer lei que precisasse, até mesmo leis do seu próprio povo para fazer qualquer coisa para sobreviver.

Lore abriu um largo sorriso ao agarrar Sage pela camisa e o trazer para perto dele, ficando cara-a-cara com ele. Sage ficou ali, tremendo devido à recuperação, parecia doente, incapaz de se defender, especialmente agora que ele estava preso pelas algemas de Askelon.

“Você não parece bem, meu irmão”, disse Lore com um sorriso.

“Você não pode fazer isso”, disse Sage. “Você quebrou a lei sagrada. Você não pode tocar em ninguém durante a recuperação.”

“Você também não podia deixar a menina ir”, respondeu Lore. “É como se tivéssemos quebrado as leis de nosso povo.”

“Você é um covarde,” Sage zombou.

Lore sorriu.

“Esses rótulos não significam nada para mim agora, meu irmão. Eu faço o que for preciso, eu vou sobreviver. Você, meu amigo, eu lamento dizer, não vai.”

Lore fez uma careta enquanto ele segurava Sage com força.

“Você vê, Sage, durante todos estes séculos, você teve o melhor de mim, você foi o melhor homem, o mais amado, parece que nossos destinos mudaram agora. Eu serei o salvador, não você. Eu terei canções entoadas pelos bardos, não você. Vou trazê-lo para o nosso povo, para seu julgamento. Eles saberão o que fazer com você. E, o melhor de tudo, você vai ser a isca que irá atrain-la”, ele abriu um sorriso “Scarlett.”

Os olhos de Sage se arregalaram de medo e raiva.

“Você não pode fazer isso!”, disse Sage. “Nem alguém como você daria um golpe tão baixo!”

Lore se inclinou para trás e riu, estridentemente, uma risada penetrante que atravessou a floresta, chegou até o próprio céu.

“Você não tem idéia, meu irmão,” disse Lore, “quão baixo eu posso ser.”

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Caitlin se sentou na Biblioteca Beinecke de Livros Raros no campus de Yale, estava debruçada sobre o manuscrito de Voynich, havia uma bibliotecária um pé , discretamente observando-a por cima do ombro, de mãos cruzadas, esperando. Caitlin estendeu suas mãos com luvas de látex e estudou o livro, tocando suavemente cada página.

Caitlin estava grata por permitirem que ela, após apresentar suas credenciais de estudo de Columbia, examinasse o livro. A bibliotecária a levou para uma mesa privada, em uma sala particular, naquela parte especial da biblioteca de Yale, e colocou o livro diante dela, permitindo que ela o folheasse sob seu olhar atento.

Caitlin estava lá, exausta, seu coração batia freneticamente, ela sentia que aquele livro escondia um grande segredo, que a chave para descobrir o que acontecera com a raça perdida dos vampiros se encontrava ali, naquele manuscrito. Caitlin não podia simplesmente aparecer no Egito, se colocar diante da Esfinge e esperar que ela conseguisse entrar. Haveria guardas ali e nenhuma maneira fácil de entrar, se é que há uma entrada de fato. Ela precisava saber mais. Ela precisava saber no que estava se metendo, antes que ela considerasse atravessar meio mundo.

Caitlin examinava o manuscrito Voynich, era a primeira vez que ela o via e ela ficara surpresa.

Ela tinha ouvido falar daquele volume durante toda a sua vida, o livro mais controverso e misterioso conhecida pelo homem, preenchido por uma curiosa coleção de análises científicas sobre

botânica, várias curas e remédios e centenas de desenhos e diagramas em todas as cores, especula-se que ele fora escrito em algum momento em meados do século XV na Europa. Ninguém, nenhum dos estudiosos que o tinham examinado ao longo dos séculos tinha sido capaz de decifrar o que significava tudo aquilo, o que eram aqueles desenhos estranhos, o que todos os signos do zodíaco significavam. Havia teorias de que o livro tinha sido escrito por estrangeiros; que incluía profecias para o fim do mundo; que detinha a chave para tudo, desde a decodificação da Bíblia até o segredo para encontrar mundos perdidos. Caitlin tinha lido tudo sobre a sabedoria e a mitologia em torno deste manuscrito e ela não sabia o que pensar. Assim como outros estudiosos antes dela. Aquele volume nunca fora desmascarado adequada e definitivamente, o que em si era alarmante.

Agora que Caitlin segurava o livro verdadeiro em suas mãos, que sentiu o peso dele, ela estava em êxtase. O livro era maior do que ela pensava, mais pesado, mais substancial, os desenhos, feitos em cor há tantas centenas de anos atrás, ainda eram tão vibrantes, tão vívidos, as cores se destacavam nas páginas, como se tivessem acabado de serem impressos. O texto estava em uma língua que ninguém entendia. Tudo, do início ao fim, era um mistério.

Enquanto Caitlin virava as páginas, um padrão começou a surgir em seu cérebro. Ela precisava se dar algum crédito; afinal de contas, ela era uma das estudiosas mais ilustres do seu tempo, ela tinha uma mente diferente de qualquer outro, o que trazia às suas pesquisas uma percepção que nem mesmo Aiden compartilhava. Talvez ela fosse capaz de decifrar os códigos que os outros não conseguiram. Ou talvez fosse outra coisa; talvez ela estivesse experimentando flashbacks. Ou talvez fosse apenas um amor de mãe para filha, um desespero que a permitia entender o texto. Ela não era apenas mais uma historiadora procurando casualmente por respostas; ela era uma mãe com a vida de sua filha em jogo. Ela tinha que decodificar este livro. Como uma mãe poderia levantar um carro no qual sua filha estivesse presa embaixo, Caitlin sentiu que sua mente, naquele momento de desespero, poderia dar conta da

tarefa, poderia tornar-se uma mente superior, poderia decifrar algo que ninguém mais poderia.

Na verdade, enquanto Caitlin folheava as páginas, uma após a outra, ela sentiu algo acontecendo, sentiu um formigamento e um zumbido em sua mente, ao começar a notar os padrões nas palavras e frases. Ela não entendia a língua, mas ela começou a ter uma sensação panorâmica dos visuais, da aparência das letras nas linhas. Ela começou a entender as coisas. No início, eram apenas letras aqui e ali. Em seguida, aquilo se tornou um padrão de letras. Em uma página, ela viu uma palavra soletrada na diagonal, as letras inclinavam para baixo, da esquerda para a direita e vice-versa. Na próxima, ela viu uma palavra soletrada em círculo. Na próxima página, em um longo retângulo.

Caitlin não entendia como aqueles padrões estavam vindo para ela, mas eles estavam. Seu coração batia loucamente, ela começou a decodificar tudo.

Começou a perceber que aquilo não era para ser um livro inteiro. Era para ser uma palavra por página, com o intuito de formas apenas algumas frases. Uma chave. Um código. Uma mensagem, para os iniciados. Destinada somente para aquele que soubesse como olhar para o manuscrito.

Caitlin repassou as palavras à medida que ela virava página após página, memorizando-as e, em sua mente, frases começaram a se formar:

O último vampiro irá surgir depois que 2.000 anos se passarem. Ela irá aparecer do outro lado do oceano e será nomeada com a cor de sangue. Para entrar na cidade, precisa-se de uma chave. E a chave só pode ser encontrada aqui.

As mãos de Caitlin tremiam quando ela virou a página final do livro e viu que nela não havia nada além de um grande diagrama, uma imagem. Era um círculo e, dentro dele havia o que pareciam ser pétalas de uma flor, com as cores escarlate e azul alternadas. Em seu centro havia um outro círculo, com um desenho bruto de um

rosto. Era um dos desenhos mais incomuns que Caitlin já tinha visto, parecia algo tirado de uma pintura surrealista.

Caitlin, ao olhar o símbolo atentamente, o reconheceu e – com isso, ficou horrorizada, sua respiração ficou presa na sua garganta, suas mãos tremiam.

O que a chocou não era o quão incomum o símbolo era – mas o quão familiar. Ela tinha visto aquele desenho antes, muitas vezes. Ele decorava uma pequena caixa de couro pequena pertencente a sua avó. Uma caixa que ainda estava no sótão da sua avó, em sua antiga casa na Flórida. Aquele símbolo tinha sido um mistério persistente na infância de Caitlin, especialmente depois que sua avó a castigara um dia e lhe disse para nunca mais tocar naquela caixa.

Quando Caitlin, com as mãos tremendo, olhou para a última página, ela notou uma palavra soletrada de trás para frente, em letras miúdas, em caligrafia cursiva, contornando o círculo. Ela olhou de seis em seis palavras, então de cinco em cinco, em seguida, quatro e quatro, depois, três em três e outro padrão começou a surgir. Ela deu a volta ao círculo, de novo e de novo, e seu coração parou quando ela engasgou, deixando o livro cair.

Não havia dúvidas. O círculo soletrava uma palavra. Uma única palavra. Seu sobrenome: *Paine*.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Scarlett estava na beira do rio Hudson quando o sol começou a se pôr, ela estava de pé dentro das ruínas velhas e abandonadas do gazebo, o local de encontro dos dois, um lugar em que ambos haviam estado antes. Aquela área solitária, desolada e escondida por árvores, à beira das margens, era um lugar privado que só Scarlett e Sage conheciam, um lugar que eles jamais poderiam confundir com outro. Ela estava tão ansiosa para encontrá-lo ali, tão animada, estava mais ansiosa para o próximo encontro deles do que ela poderia dizer.

No entanto, agora Scarlett chorava ao estar ali, olhando para o rio, assistindo o pôr do sol, mal sendo capaz de compreender que ela estava ali, sozinha. Sage tinha prometido que iria encontrá-la ali por volta das quatro horas. E já tinha passado das cinco.

As últimas palavras sinistras de Sage passaram em sua cabeça: *Se eu não estiver lá por volta das quatro, você pode ter certeza que eu estou morto. Eu nunca iria deixá-la. Eu nunca iria abandoná-la.*

Scarlett chorou e chorou. Ela estava parada lá há mais de uma hora. Obviamente Sage não tinha conseguido voltar de onde ele tinha ido. Para onde ele tinha ido? Ela se perguntou, queimando de frustração, com o desejo de saber. Por que ele não podia ter apenas contado a ela? Por que ele tinha que ir? Scarlett queria ter ficado com ele, em seus momentos finais. Ela queria ter feito alguma coisa para salvá-lo. Por que ele sentira que tinha que ir embora e morrer sozinho?

Scarlett, ainda chorando, saiu do gazebo, olhando para o sol carmesim que começava a se espalhar sobre o rio. Parecia que era a morte se espalhando ao seu redor, como se fosse o último dia da Terra, o último dia em que ela gostaria de viver. Sem Sage, ela não quer mais viver. Não lhe sobrava mais nada.

Scarlett lentamente parou de chorar, respirou fundo e enxugou as lágrimas, sentindo uma sensação de determinação tomar conta dela. Ela sabia o que tinha que fazer. Era hora de dizer adeus. Ela iria para casa, veria seus pais uma última vez e depois se juntaria a Sage, onde quer que ele estivesse.

* * *

Scarlett se apressou para subir os degraus da frente de sua casa, percebendo que não havia carros na garagem, ela se perguntou para onde seus pais poderiam ter ido. Por um lado, ela tinha que admitir que era bom estar em casa, em um lugar familiar, um lugar que era dela; mas, por outro lado, ela sabia que ali não era mais seu lar. Ela tinha mudado muito desde que deixara aquele local, agora ela se sentia como se estivesse subindo os degraus para um outro mundo. Outro lugar. Outra vida.

Quando Scarlett chegou à porta, ela se surpreendeu ao descobri-la entreaberta. Ela a empurrou para abrir ainda mais, entrou, e então se surpreendeu com a visão diante dela.

Sua casa inteira estava destruída, as cortinas estavam no chão; as hastes das cortinas, penduradas tortas na parede; os sofás, dilacerados; os móveis, abertos – parecia que um tornado tinha passado por ali. A preciosa mesa de jantar de mogno de seus pais estava tombada de lado, toda a porcelana nos armários estavam esmagadas, havia vidro espalhado pelo chão em todos os lugares. Era como caminhar por um lugar que tinha sido bombardeado. Não havia uma única coisa deixada intacta.

Scarlett olhou em volta, com medo, tentando imaginar o que poderia ter acontecido... Quem poderia ter feito uma coisa dessas? E por quê?

Enquanto Scarlett ficou parada em estado de choque, ela avistou um pequeno pedaço de papel pendurado no lustre na sala de jantar, a única coisa que restava inteira. Era uma nota escrita em um pedaço de pergaminho, em letras que pareciam escritas em sangue.

Scarlett deu um passo adiante, esmagando vidro sob suas botas e puxou a nota com as mãos trêmulas. Ela a segurou perto e leu:

Eu estou com Sage. Ele está em cativeiro no nosso lar ancestral, no Castelo Boldt nas Mil Ilhas.

Se você quiser salvá-lo, venha. Se você quer deixá-lo morrer, em uma morte lenta e dolorosa, se você quiser que nós o torturemos até seu último suspiro, então fique onde está. Quanto você realmente o ama?

Scarlett, atônita, deixou cair a nota de suas mãos, se perguntando quem poderia ter escrito aquilo.

Sua mente focou em uma única pessoa: Lore. Seu primo ciumento e cheio de ódio. Ele era o único que poderia ter feito isso.

Era uma armadilha, ela sabia. Sua espécie queria que ela fosse lá. Queriam que ela morresse, para que eles pudessem viver. Eles estavam usando Sage para chegar até ela.

Scarlett respirou fundo, oprimida; ela não podia suportar a ideia de Sage ser mantido em cativeiro, sendo torturado. Ela não podia suportar a ideia de sua morte. Ela sentia que, se ele morresse, ela não tinha mais motivo para viver de qualquer maneira e, se ir até lá o salvasse, então, que assim fosse. Mesmo se ela fosse presa e enviada para o abate, mesmo que ela estivesse caminhando para uma armadilha, então, que assim fosse. Valia a pena para ela, para salvar Sage.

Determinada, Scarlett girou nos calcanhares e começou a marchar para fora quando, de repente, ela olhou para cima e viu um grupo de pessoas em pé na entrada da sua casa, olhando para ela com surpresa e admiração. Ela reconheceu o homem no meio; era o padre da igreja da vizinhança. Mas, os outros, vestidos de preto, ela não reconheceu.

Scarlett olhou para eles, confusa.

“Padre, o que está fazendo na minha casa?”, ela perguntou, ciente de que eles estavam bloqueando sua saída, impaciente para sair.

“Minha filha”, disse ele, “o que você fez com a casa dos seus pais?”

Todos a encararam, espantados, Scarlett também ficou surpresa, percebendo que eles achavam que ela tinha feito aquilo.

“Não fui eu”, ela respondeu.

Seus olhos estavam cheios de compaixão, mas os olhos daqueles que estavam com ele, não. Eles eram sacerdotes mais velhos e olhavam para ela sombriamente, sem calor em seu olhar. Todos eles a encaravam com ceticismo.

“Eu tenho certeza que não foi você”, disse um deles. “Tenho certeza que o vento simplesmente passou aqui e, coincidentemente, destruiu sua casa enquanto você estava aqui.”

“Como isso é da sua conta?” Scarlett retrucou. “Quem são vocês? O que você está fazendo na minha casa? Eu não os convidei.”

“Não, minha senhora”, disse um deles, “um vampiro não convida ninguém a entrar.”

Scarlett olhou de volta para eles, em um silêncio tenso, imaginando o quanto eles sabiam.

“Viemos para ajudá-la”, disse outro. “Para curá-la.”

Os três padres que ela não conhecia se aproximaram. Cada um deles pegou um crucifixo de prata brilhante de dentro de sua cintura, o ergueu na direção dela e começou a cantar em latim:

Deje Lo que está dentro de ti que seas libre

Scarlett sentiu seu interior se revirar, sentiu um calor crescente em sua pele, sentiu uma grande fúria tomar conta dela. Ela pulou para a frente, deixando escapar um grito gutural, sem estar consciente do que estava fazendo e, em um movimento rápido, ela agarrou cada um dos homens desconhecidos e os jogou como bonecas de pano por toda a sala. Cada um deles se chocou contra uma parede antes de cair no chão, inconscientes.

A casa ficou silenciosa de novo. O único que permanecera parado ali, tremendo, de frente para ela, era o sacerdote que ela conhecia. Ele não tinha cantado para ela, por isso ela não fez nada contra ele.

“Diga a seus amigos para ficarem longe de mim”, ela disse, sua voz era sombria, primitiva. “Da próxima vez não serei tão gentil.”

Dito isso, Scarlett se virou, deu dois passos para fora de sua casa e saltou no ar, voando, indo para o alto, sabendo que o padre a estava assistindo lá de baixo, mas sem se importar. Ela tinha um homem para salvar. Um homem que amava.

E ela iria para as profundezas do inferno se precisasse.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Caleb estava dirigindo em alta velocidade, ao se aproximar do portão do colégio de Scarlett, ele avistou uma comoção na frente do prédio. Ele estava em sua picape, com Sam ao seu lado,

determinado a chegar ali por causa da pequena possibilidade de Kyle ter ido àquele local à procura de Scarlett.

Mas Caleb jamais esperara ter aquela visão diante dele. Havia caos no estacionamento, crianças gritavam, corriam loucamente pelas escadas, quando Caleb ganhou velocidade, com seu coração acelerado, ele percebeu que alguma coisa ali estava muito, muito errada. Parecia uma cena de um desastre de nível federal.

As portas da frente do colégio haviam sido arrancadas de suas dobradiças, havia vidro quebrado esparramado por toda parte, as crianças gritavam, fugindo da escola, se espalhando pelas escadas em direção ao estacionamento, correndo claramente para sua própria segurança. Caleb teve uma premonição desesperadora enquanto observava toda a cena, ele sentia que tudo aquilo tinha algo a ver com Scarlett. E com Kyle.

“Prepare-se”, disse Caleb, tenso. “Ele está aqui.”

Sam enfiou a mão na luva, tirou duas pistolas, as travou e colocou munição, e então pousou uma no colo de Caleb.

“Eu estou pronto”, disse ele. “Vamos acabar com aquele pedaço de lixo.”

Kyle não iria sair ileso desta vez. Caleb estava determinado.

Caleb parou o carro bruscamente, perto dos degraus, ele mal havia desligado a ignição quando os dois pularam para fora do carro, cada um com uma arma em sua cintura e então começaram a correr escada acima.

Caleb olhou para cima e, de repente, parou, assim como Sam, ao ver, bem a sua frente, exatamente o homem que eles estavam procurando. Kyle vinha andando casualmente para fora do prédio, com um enorme sorriso no rosto, como se não houvesse nada de errado.

Kyle pousou seus olhos em Caleb, em seguida, seus olhos alcançaram a arma de Caleb. Caleb esperava ver medo, ou pelo menos, hesitação; porém, a coisa mais estranha aconteceu. Em vez de expressar hesitação, temor ou choque, como qualquer pessoa normal, Kyle apenas sorriu ainda mais, despreocupado, e continuou a andar na direção deles.

Caleb, com coração batendo rápido, levantou a arma.

“Não se mova”, disse ele. “Se chegar mais perto, eu vou atirar.”
Sam também levantou sua arma.

Kyle abriu um largo sorriso e parou, olhando para os dois, como se estivesse se divertindo.

“Onde está minha filha?” Caleb fervia por dentro.

“Mas que engraçado”, disse Kyle. “Parece que temos algo em comum. Eu também estou à procura dela. Talvez, quando eu a encontrar, eu lhe conte onde ela está. Mas também, pode ser que não.”

Kyle caiu na gargalhada e, com isso, Caleb percebeu seus dentes afiados, que brilhando nos cantos de sua boca e ele prendeu sua respiração. Era verdade. Ele era um vampiro. Sua filha tinha feito aquele homem se transformar em um vampiro. Caleb ficou paralisado.

Kyle abaixou a cabeça e começou a caminhar rapidamente em direção a eles.

“Então, novamente,” disse Kyle, “talvez eu matarei vocês primeiro. E matarei sua filha mais tarde.”

“Não se mexa!” Caleb gritou.

Kyle o ignorou e se aproximou ainda mais, ficando a poucos centímetros de distância, Caleb sabia que era agora ou nunca.

Caleb apontou sua arma para Kyle e disparou cinco vezes. Com isso, a arma balançou e chacoalhou sua mão, os tiros ecoavam em seus ouvidos.

Caleb ouviu os gritos e berros dos estudantes ao redor deles, em seguida, ouviu Sam disparar mais cinco tiros de sua própria arma.

Kyle levou tiro após tiro, seu corpo convulsionava com cada explosão, os dois o encheram com, pelo menos, dez balas. Era munição suficiente para matar um elefante, Caleb assistiu, com satisfação, quando Kyle finalmente caiu para trás, sobre os degraus, com uma mão ainda segurando o corrimão de metal, e ele ficou ali, coberto de sangue, imóvel.

Caleb baixou a arma fumegante, olhou para Sam, que fez o mesmo e, lentamente, eles colocaram as armas em seus cintos, os alunos gritavam e fugiam ao redor deles. Caleb avançou para examinar o corpo de Kyle. Ele nunca tinha matado um homem, não

daquele jeito, de perto, fora de um contexto de guerra, seu corpo tremia com o evento. Parte dele, apesar de tudo, se sentia mal. Ali estava ele, havia matado outro ser humano. Ele ainda seria humano?

Então, por outro lado, aquele homem tinha machucado sua filha, Caleb se lembrou. Ele havia matado policiais. Ele havia ferido outros. Ele não tinha escolha.

Caleb começou a ouvir o som de sirenes distantes e, logo, carros da polícia começaram a estacionar rapidamente naquele local. Caleb ficou perto do corpo de Kyle e viu uma poça de sangue escorrendo dele, parecia tão vingativo morto quanto ele havia sido vivo. Caleb sentiu uma grande sensação de alívio.

De repente, os olhos de Kyle se abriram.

Caleb permaneceu parado, congelado, em estado de choque, sem compreender o que estava vendo.

Kyle se levantou em um movimento rápido e ficou ali, de frente para os dois, olhando para eles.

Caleb estava atordoado demais para reagir.

Kyle agarrou cada um deles com suas mãos e os levantou acima da cabeça, como se fossem nada. Ele os encarou.

“Da próxima vez,” Kyle ameaçou, sorrindo, “comprem uma arma maior.”

Kyle estendeu os braços, girou os dois e, depois, os arremessou, Caleb se sentiu voando pelo ar, pelo menos uns bons 20 metros até cair no concreto, rolando repetidamente, adquirindo machucados e arranhões. Ele rolou com força pelo chão e finalmente parou ao colidir contra uma árvore.

Caleb ficou ali, com a cabeça latejando, zumbido nos ouvidos, sentindo cada osso de seu corpo doer, com uma vaga sensação de que Sam estava no chão ao lado dele. Caleb olhou para cima e viu Kyle olhando para eles, descendo os degraus em sua direção, havia um brilho diabólico em seu olho.

“Agora ,vocês vão morrer da pior maneira”, disse Kyle.

De repente, uma dúzia de carros da polícia, com as sirenes tocando, pararam em cima da calçada, bloqueando o caminho entre

Kyle e Caleb e Sam, dividindo-os. Dezenas de policiais saltaram dos carros e levantaram suas armas para Kyle.

“Parado!”, gritaram.

Kyle os ignorou e eles dispararam nele, repetidamente. Parecia uma zona de guerra. Caleb observou Kyle levar mais tiros do que qualquer outra criatura na terra. Às vezes, ele cambaleou para trás. Mas não caiu.

“Vamos,” Caleb gritou para Sam, que encontra-se a poucos metros de distância.

Eles se esforçaram para se levantaram e foram embora. Caleb não estava disposto a esperar para ver o que ia acontecer. Ele sabia que a criatura estava cercada por policiais suficientes para matar um exército.

E ele sabia que a polícia não tinha a menor chance.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Sage sentia uma dor ardente em seus braços e pernas enquanto ele lutava contra os grilhões de Askelon, sem sucesso. Ele estava pendurado naquela enorme cruz de Askelon, com seus braços presos em cada lado dela, suas pernas estavam amarradas na parte de baixo, ele olhou a sua frente e viu milhares de sua espécie, mais integrantes do seu povo do que ele jamais vira reunidos em um só lugar, todos pululavam em torno do grande salão do Castelo Boldt. Era um imenso salão, com centenas de metros de altura, em forma de um arco, e seu povo invadia o local em um caos agitado, alguns deles zumbiam pelo ar, outros andavam pelo chão, enquanto Sage ficava ali pendurado, no centro, como um objeto de exibição e desprezo.

Sage se sentia tão fraco; ele tinha sido arrastado para fora sua estação de recuperação antes que pudesse se fortalecer, ele se sentia à beira da morte. Sabia que sua hora havia chegado. Seu único arrependimento era que ele queria ter passado mais tempo

com Scarlett, ou pelo menos ter tido uma chance de lhe dizer adeus. Ele pensou nela aparecendo no ponto de encontro deles, ele não estaria lá e isto partiria seu coração. Ele só podia imaginar como ela ficaria magoada. Ela pensaria que ele a teria abandonado; ou pior, que ele já estaria morto.

Sage se inclinou para trás, olhou para cima e viu o teto do salão, afilado, a centenas de metros de altura, ele viu o buraco que o atravessava, através do qual ele podia enxergar o céu noturno, as estrelas, a lua crescente. Este buraco deixava ar fresco entrar no local, arrefecendo a movimentação frenética e agitada de todo o seu povo. Sage viu a lua e sabia o seu povo ainda tinha alguns dias antes da lua minguante mudar de fase.

Sage olhou para baixo e viu os rostos irados de seu povo olhando para ele como se ele fosse o maior vilão. Mas ele não se importava mais. Ele não se importava consigo mesmo, não se importava com aquela dor insuportável em seus braços, ombros e pernas. Ele sabia que seria extremamente torturado, mas ele tampouco se importava com isso. Sage se preocupava apenas com Scarlett. Ele orou para que ela estivesse segura, longe dali. Que ninguém de seu povo jamais a encontrasse.

“SILÊNCIO!”, gritou uma voz.

Lentamente, a sala se acalmou quando o líder bateu seu cajado de metal nas pedras daquele antigo castelo.

Logo, podia-se ouvir um alfinete cair no chão, e então o líder emergiu da multidão. Sage o observou: Octal. Um homem que ele não via há anos, duas vezes mais alto que os outros, ele vestia um longo manto escarlate e empunhava seu cajado de metal de Komber. Ele levantava seu cajado, com sua antiga cruz torta pendurada na ponta, uma cruz que diziam ser capaz de perfurar e queimar até mesmo o inimigo mais forte, uma arma mística temida por sua espécie, exercida apenas por seu líder.

Octal avançou, seus olhos translúcidos pareciam queimar Sage, enquanto ele o encarava com reprovação e condescendência.

“Você está agora diante de seu povo”, a voz sombria de Octal explodiu por toda a sala, ecoando pelos corredores, enquanto ele olhava para Sage, “você teve a oportunidade de nos deixar todo

vivos por dois mil anos mais. Ao invés disso, vamos todos morrer sua causa. Você tem alguma palavra final para si mesmo?”

Sage o olhou com desprezo, sem energia para responder. Ele sabia que não faria nenhuma diferença de qualquer maneira.

Após um longo silêncio, Octal franziu o cenho.

“Você pode ter desistido da vida”, disse ele, “mas nós não. É tarde demais para você agora, mas não para nós. Vou ser gentil e lhe dar uma última chance. Vou perdoar os seus pecados, perdoar você e deixá-lo viver, se você nos levar até a menina. Desistir da vida dela e salvar a todos nós, sua família e irmãos. Se não o fizer, os seus dias finais sobre este planeta serão piores do que você pode imaginar. Nós vamos torturá-lo de maneiras que você não tem ideia, apresentá-lo a um inferno que nunca conheceu.”

Houve um zumbido agitado em toda a multidão, um murmúrio de aprovação, quando o líder se adiantou e levantou a ponta de seu cajado para o peito de Sage. À medida que o cajado se aproximava, a Sage já sentia dor. Ele se contorcia em agonia, gemendo, virando sua cabeça para trás, o calor abrasador que o objeto emanava era insuportável. Sage sabia que, quando ele tocasse sua pele, ele sentiria uma dor diferente de qualquer outra coisa. A ponta da cruz curvada chegava cada vez mais perto.

“Diga-nos”, disse o líder baixinho. “Onde ela está? Você vai desistir dela em prol de sua família?”

Finalmente, Sage convocou toda sua força para olhar nos olhos dele.

“Nunca”, ele respondeu. “Você pode fazer o que quiser de mim. Mas eu nunca, nunca mesmo, irei levá-los até ela.”

A multidão de milhares eclodiu em murmúrios irritados, o líder fez uma careta, deu um passo à frente e levantou a cruz curvada até o peito de Sage, pressionando-a contra ele.

Sage gritou quando a cruz queimou sua carne, sentindo uma dor rasgar seus ossos, pior do que qualquer coisa que ele podia imaginar. O líder se manteve ali, com um semblante de desaprovação, empurrando a cruz cada vez mais fundo, Sage gritava, querendo que sua vida chegasse ao fim, mas determinado a nunca entregar Scarlett.

“Eu acho que você vai perceber”, disse o líder, empurrando mais ainda a cruz “, que você sequer começou a entender o que significa dor.”

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Caitlin se sentou no banco do passageiro, segurando-se na alça de segurança, quando Caleb deu uma guinada forte na rua e estacionou na casa, cantando os pneus. Caitlin inclinou para frente e esticou o pescoço, olhando para sua casa iluminada, com esperança de que Scarlett tivesse retornado.

Tinha sido uma viagem turbulenta desde a estação de trem, onde Caleb a tinha buscado. Caitlin estava sem palavras, assim como Caleb, que estava completamente machucado, ele a atualizou sobre tudo o que tinha acontecido com Kyle, sobre sua fuga, o tiroteio no colégio e quão sortudo ele era por estar vivo. Caitlin ficou assustada com o relato e se sentiu grata por Caleb não ter sido morto. Ela o tinha avisado para ficar longe de Kyle até que descobrisse a arma que eles precisavam – se ela descobrisse. Mas ele não tinha lhe dado ouvidos; e ela tinha a sensação de que ele não escutaria mesmo.

Caitlin lhe contou tudo, também, a respeito de sua pesquisa, sobre as pistas que ela tinha descoberto e sobre onde ela sentiu que precisava ir para resolver isso. Caleb a escutara com muita atenção e, desta vez, ele não parecia cético, depois de tudo o que tinha acontecido com Kyle. Agora, ele tinha visto tudo com seus próprios olhos; agora, ele sabia com o que eles estavam lidando.

Agora, ele ouvia cada palavra dela e parecia muito disposto a seguir as pistas que ela tinha.

A primeira parada, ambos sabiam, tinha de ser na casa deles, para ver se havia algum sinal de Scarlett, qualquer vestígio dela em qualquer lugar. E, se não, eles deveriam fazer as malas, ir para a Flórida, para a casa da avó de Caitlin, procurar em seu sótão e obter

a pista que seria necessária para levá-los para dentro da cidade perdida sob a Esfinge.

Quando eles pararam na frente da casa, Caitlin, esperando ver sua casa vazia, ficou chocada com a vista: a porta da frente estava aberta, as luzes estavam acesas e ela viu movimento no interior.

“Você deixou a porta aberta?”, ela perguntou a Caleb.

Ele balançou a cabeça.

Caleb estendeu a mão, pegou sua arma e a apertou.

Caitlin olhou para ele, horrorizada.

“O que você está fazendo? Onde você conseguiu isso?”

“Eu não sei o que está acontecendo por aqui”, disse ele, “e eu não vou me arriscar.”

Eles pularam para fora do carro, correram pelos degraus de madeira rangendo da varanda e cruzaram a porta da frente aberta.

Quando cruzaram o batente, Caitlin engasgou. Era uma visão devastadora. Toda a sua casa, tudo o que ela conhecia e amava, tudo o que ela tinha cuidado a vida inteira, estava quebrado, destruído, tudo em pedaços. Havia cacos de vidro, porcelana estilhaçada, o mobiliário estava rasgado, tudo destruído, como se um cortador de grama tivesse passado por ali. Ela não podia imaginar o que poderia causar tamanha destruição, como um tornado.

Ainda mais chocante, era a visão dos três padres caídos no chão, ensanguentados, e um quarto sacerdote, que ela conhecia da vizinhança, parado em sua sala de estar, olhando para ela, apavorado.

“O que vocês estão fazendo em nossa casa?”, Perguntou Caitlin.

“O que aconteceu aqui?” Caleb perguntou a ele.

O padre parecia em estado de choque, os olhos arregalados, a boca aberta, quando ele balançou a cabeça lentamente. Ele parecia atordoado demais para falar.

Caitlin atravessou a confusão, esmagando o vidro sob seus pés, seus olhos foram atraídos para uma nota que ela viu no chão. Ela se inclinou, a pegou e, com as mãos trêmulas, leu.

“Caleb, olhe para isso”, disse ela rapidamente.

Caleb correu, e os dois examinaram a nota juntos.

“Este bilhete foi deixado para Scarlett”, disse ela. “Sage. Esse era o menino. Castelo Boldt.... Eu acho que ela esteve aqui. Eu acho que ela leu isto. E acho que é para onde ela foi. Ela vai salvá-lo.”

“Vamos”, disse Caleb.

Caleb agarrou a mão dela e eles começaram a se apressar para sair de casa, Caitlin não pensava em outra coisa a não ser encontrar Scarlett e salvá-la.

Quando chegaram à porta da frente, a noite de repente se iluminou com o piscar de sirenes fora da casa. Ela viu um carro da polícia estacionado, ouviu passos na sua varanda de madeira e então viu dois policiais locais, que ela conhecia da cidade, entrando em sua casa sem serem convidados.

“Senhor e Senhora Paine”, um dos oficiais disse.

Os oficiais não olharam para eles de uma forma amigável, como eles sempre faziam. Em vez disso, eles olharam para eles com desconfiança, como se fossem criminosos. Até mesmo o tom de sua voz era mais sombrio.

Eles entraram e olharam em volta da casa, analisando tudo.

“O que aconteceu aqui?”, perguntaram. “Recebemos reclamações.”

Caitlin e Caleb olharam ao redor da casa e Caitlin percebeu o quão ruim aquilo parecia. Ela não sabia como explicar e ela não tinha tempo para isso, ela queria encontrar Scarlett.

“Eu não sei”, disse Caleb. “Nós acabamos de entrar.”

Os policiais olharam para ele com desconfiança, inabalável.

“Sinto muito dizer isso, Caleb,” ele disse, “mas temos vários relatos de você no colégio, carregando uma arma, disparando. Você e seu cunhado, Sam. Um monte de testemunhas. Você estava lá?”, disse ele, enquanto seus olhos percorriam a casa, em seguida, olhou para os sacerdotes deitado no chão com preocupação.

“Você fez isso?”, o outro policial perguntou Caleb. “Quem são esses homens? Eles estão feridos?”

O oficial se apressou e se ajoelhou ao lado dos pais.

Caitlin de repente sente uma sensação de horror, quando ela percebeu que ambos estavam olhando para Caleb, desconfiados, claramente pensavam que ele era o responsável.

“Vocês estão com a idéia errada”, disse Caleb. “Não fui eu. Nada disso fui eu. Você não entende com o que estamos lidando aqui. Por que eu iria destruir a minha própria casa?”

“Um monte de policiais estão mortos”, disse um oficial. “Um monte de pessoas estão fazendo um monte de perguntas e um monte de dedos estão apontando para você.”

“Para mim?”, perguntou Caleb, indignado.

“Você está negando que você esteve na escola? Que você disparou uma arma?”

“Eu estava lá”, disse Caleb. “Eu abri fogo. Mas você não entende.”

“Sinto muito”, disse o oficial, balançando a cabeça, pegando as algemas, “mas temos que levá-lo para interrogatório.”

Caitlin e Caleb trocaram um olhar desesperado quando os dois policiais se aproximaram. Caleb parecia atordoado, congelado. Caitlin percebeu que, se eles levassem Caleb embora, sua única esperança de encontrar Scarlett teria ido.

“Não!” Gritou Caitlin.

Caitlin deu um passo adiante e empurrou o policial, empurrando-o longe de Caleb – e então Caleb agarrou a mão de Caitlin e a puxou, correndo para a porta da frente.

“PARADOS!” os policiais gritaram atrás deles.

Caitlin e Caleb desceram os degraus, correndo através da noite fria, saltando para o carro juntos. Caleb bateu a porta, girou a chave, ligou o motor e os dois saíram.

Caitlin olhou por cima do ombro e viu os policiais entrando no carro deles, ligando as luzes ligadas e falando em seus rádios. O carro da polícia saiu depois deles; estavam apenas algumas quadras atrás deles. Eles aceleraram durante a noite, como fugitivos perseguidos, Caitlin sabia que, em breve, toda a força policial estaria atrás deles.

“Para onde estamos indo?”, perguntou Caitlin a Caleb.

Caleb, dirigindo como um maníaco, não olhou para ela ao responder:

“Encontrar Scarlett.”

CAPÍTULO VINTE E SETE

Kyle aterrissou fora dos portões de pedra alta que davam entrada uma longa calçada de paralelepípedos arborizada, que serpenteava o caminho de automóveis mais longo possível, até chegar a uma enorme mansão privada. Kyle podia ter aterrissado dentro dos portões, podia ter parado direto sobre o telhado da mansão se quisesse. Mas, ao invés disso, ele tinha voado sobre aquela casa, observando tudo por cima, viu o tamanho da propriedade, a enorme estrutura histórica, a piscina e a quadra de tênis, os carvalhos antigos, as esculturas espalhadas pelo gramado, e se sentiu enojado com tudo aquilo. Era mais do que qualquer um homem deveria ter direito. Muito menos aquela menina malcriada, a melhor amiga de Scarlett.

Vivian.

Kyle pensou que seria divertido pousar diante dos portões, para passar um tempo caminhando até a casa e curtir o momento. Afinal de contas, era um lindo dia de outono, seria uma boa caminhada até a entrada de automóveis. Ele esperava que elas vissem ele se aproximando, para poder enxergar o terror e medo em seus corações. Ele sorriu com o pensamento. Nada lhe daria mais alegria.

Quando Kyle deu um passo em direção aos enormes portões de ferro, um estalo súbito saiu pelo interfone.

“Posso ajudá-lo?”, veio uma voz. “Esta é uma residência privada.”

Kyle sorriu enquanto ele caminhou até o microfone.

“Você pode não me ajudar”, ele respondeu, “mas talvez você possa ajudar a si mesmo.”

Kyle estendeu a mão, pegou a caixa do interfone e o puxou da parede, expondo seus fios. O objeto zuniu e apitou em resposta, Kyle o esmagou no chão. Pronto, ele pensou. Isso já era uma melhoria para aquele lugar.

Kyle estendeu a mão agarrou os dois enormes portões de ferro, cada um devia pesar uma tonelada, ele facilmente o arrancou de

suas dobradiças. Houve um desmoronamento de rochas e escombros.

Kyle arremessou os portões de ferro, estes saíram voando uns bons cem metros, batendo no carro que estava parado no final da calçada – um Bentley novinho. Houve um grande estouro de vidro, os alarmes do carro dispararam, perfurando o ar tranquilo daquela tarde.

Kyle sorriu, emocionado com seu objetivo.

Ele começou a andar calmamente até a calçada, sorrindo descontroladamente, estava de bom humor, assistindo o caos e a destruição diante dele. Ele caminhou casualmente, como se tivesse todo o tempo do mundo, passou por vários outros carros – Lamborghinis, Mercedes e Maseratis, que estavam estacionados na entrada de automóveis.

Finalmente, ele subiu os degraus de mármore branco que conduziam à porta da frente e, em seguida, Kyle ouviu vários parafusos sendo colocados por trás das portas duplas de mogno. Ele podia ouvir os alarmes sendo disparados, podia ouvir uma voz frenética chamando a polícia. Kyle sabia que era um desperdício de tempo: com uma mansão como aquela, a polícia teria sido notificada automaticamente, no segundo em que ele quebrou interfone. As pessoas estavam em pânico lá dentro. Ele abriu um largo sorriso. Do jeito que elas deveriam estar.

Kyle agarrou as maçanetas banhadas a ouro e, com um forte puxão, arrancou as portas de mogno grossas de suas dobradiças, jogando-as para trás, na direção do Lamborghini. Ele olhou por cima do ombro e admirou sua obra.

Kyle olhou para a porta da frente e viu um guarda ali de pé, segurando um telefone celular, olhando para ele, em pânico.

“Eu disse a você para se ajudar”, disse Kyle ao dar dois passos à frente, e então agarrou o homem pela camisa e o levantou no ar.

“A polícia está a caminho!”, o homem gritou, desesperado.

Kyle sorriu.

“Eu mesmo nunca pude pedir ajuda”, disse Kyle. “Eu também nunca pude comprar uma casa. Pode-se dizer que eu aprendi a me ajudar sozinho.”

Kyle se virou e jogou o homem, ele saiu voando uns bons cinqüenta metros, até cair na fonte de mármore borbulhante no centro da entrada de carros circular, quebrando-a em pedaços. Ele ficou ali, imóvel.

Kyle balançou a cabeça com a visão.

“Deveria ter arranjado outro emprego”, disse ele. “Isso é o que você ganha trabalhando para os ricos.”

Kyle se virou e entrou na casa. Ela era decorada com um enorme lobby de mármore, atingindo pelo menos 10 metros de altura, havia uma parede de vidro na parede de trás, através da qual ele podia enxergar um pátio de mármore com cerca de 15 metros, que levava a uma enorme piscina.

Descansando ao lado da piscina, viu uma menina que devia ser Vivian, talvez de dezessete anos, ela estava deitada, vestida, apesar de estar aproveitando o sol, mesmo sendo novembro, claramente alheia a todos os acontecimentos do outro lado da casa.

Kyle sorriu.

“Bela decoração”, ele murmurou para si mesmo, admirando os detalhes do local enquanto atravessava casualmente o lobby. Ele passou a mão ao longo da estrutura de um sofá de seda, em seguida, estendeu sua mão e tocou um vaso inestimável de porcelana. Ele se inclinou e cheirou as flores. “Eu poderia ter tido algo assim na prisão”, disse ele.

Kyle empurrou o vaso de porcelana cautelosamente em direção à borda, aos poucos, até que este pairava no limite. Em seguida, ele deu um pequeno peteleco e depois riu quando o objeto caiu e se estilhaçou em pedaços, as flores se espalharam pelo chão.

“Ops”, disse ele.

Do lado de fora, Kyle já podia ouvir as sirenes distantes. A polícia certamente veio por sua causa. Seu tempo estava passando.

Kyle marchou pelo lobby, atravessou as portas francesas, que já estavam abertas, as cortinas voavam ao vento, e ele caminhou calmamente em frente à praça de mármore sem fim até chegar à beira da piscina. Havia dezenas de cadeiras de pelúcia alinhadas em torno dele, apenas uma delas estava ocupada.

Vivian.

Ela estava ali deitada, de costas para ele, de olhos fechados, descansando sob o céu ensolarado de novembro.

“Carlos, é você?” Vivian chamou, ainda de olhos fechados enquanto estava deitada ao sol. “Você esqueceu o limão na minha Seltzer.”

Ela continuou ali, de olhos fechados, franzindo a testa.

“Carlos?”, ela chamou mais alto. “Você me ouviu? Eu quero outro. E faça certo desta vez.”

Kyle caminhou até ela, sorrindo ao se sentar em uma cadeira ao seu lado.

“Limão, hein?”, ele disse. “Eu sempre pedia limão quando eu dava ordens aos meus servos.”

Vivian se sentou em pânico, apertou os olhos para ele e levantou a mão ao sol, desorientada. Ao vê-lo, ela se encolheu, apertando seu casaco junto ao corpo e pulando um pouco para trás, como se alguma criatura grotesca tivesse acabado de pousar ao lado dela e invadido seu espaço.

“Quem é você?”, ela perguntou, com a voz insolente dos ricos. “Como você chegou aqui? A entrada de serviço é na lateral da frente.”

“Um pouco frio para se bronzear, você não acha?”, disse Kyle.

“Você me ouviu?”, perguntou ela. “O que você está fazendo aqui? Eu posso chamar a polícia, você sabe.”

Kyle riu, batendo na coxa. Aquela era teimosa.

“Eu sei. A polícia até pode chegar aqui. Mas eles não vão ajudá-la agora.”

A testa de Vivian franziu quando ela percebeu que estava em perigo e, pela primeira vez, a preocupação atravessou seu rosto. Ela começou a se levantar, mas Kyle estendeu a mão e passou o braço em torno do ombro dela, prendendo-a. Ele a apertou com força, segurando-a firme, enquanto ela se contorcia desconfortavelmente.

“Fique longe de mim!”, Ela retrucou. “O que você quer? Solte-me! Por Favor. Eu não conheço você. Meu pai pode pagar o que você quiser. Apenas me diga o quanto você quer. Por favor, deixe-me ir!”

Kyle a segurou firmemente, rindo como um louco, Vivian começou a chorar.

“Eu não quero o dinheiro de seu pai”, disse ele. “Eu quero algo muito mais valioso.”

“O quê?”, Perguntou ela. “O que você quer? Por favor, deixe-me ir!”

Ela lutou, mas ele a segurou com força.

“Vou pedir uma vez”, disse ele. “Minta para mim e você estará nadando naquela piscina chique sua, muito abaixo do chão. Se responder corretamente, eu vou deixar você ir.”

Ela gritou, chorando, verdadeiramente assustada.

“Por favor”, disse ela entre lágrimas. “Apenas me deixe ir. Seja lá o que você quiser, eu vou lhe dizer. Você quer código do cofre?”

Kyle balançou a cabeça.

“Eu quero saber onde sua melhor amiga está. Onde está Scarlett?”

“*Scarlett!*?”, disse Vivian. “Minha melhor amiga!? Eu a *odeio*.”

Kyle olhou para ela, confuso com a reação.

“Eu não vou perguntar de novo”, disse ele. “Onde ela está?”

“Como eu poderia saber?”, respondeu Vivian. “Desde que ela esteja longe de mim, eu não poderia me importar menos. Eu não faço ideia. Por Favor. Eu juro. Eu realmente não sei.”

Kyle balançou a cabeça enquanto sorria.

“Você é uma boa atriz”, disse ele. “Eu quase acredito em você. Eu quase acreditei que você quase não gosta dela.”

“Por favor, você não entende. Eu não gosto dela!”

“Muito bom. Você é uma amiga leal. Eu admiro a lealdade.”

“Eu não sou leal! Eu a odeio! Deixe-me ir, por favor!”

“Desculpe”, disse ele. “Você quase conseguiu sua liberdade.”

Kyle virou-se e, em um movimento rápido, cravou os dentes no pescoço de Vivian.

Vivian gritou e berrou quando suas presas a perfuraram e ele chupou seu sangue. Kyle se sentiu renascido quando aquele sangue entrou em suas veias, sentiu um doce êxtase que ele não sabia ser possível.

Por fim, lentamente, o corpo de Vivian ficou inerte em seus braços, Kyle se sentou e limpou o fundo da boca. Ele olhou para ela e percebeu que ela era a primeira pessoa que ele transformava.

Sua primeira protegida.
Ele se levantou, abriu um largo sorriso e disse:
"Bem-vinda ao clube."

CAPÍTULO VINTE E OITO

Caleb dirigia como um louco pela Rota 9, verificando seu retrovisor para ver uma dúzia de viaturas policiais seguindo-o. Eles estavam ganhando velocidade rapidamente, ele não sabia por mais quanto tempo ele poderia evita-los.

"Nós não conseguiremos ir mais rápido do que eles", disse Caitlin. "Deveríamos encostar?"

Caleb sacudiu a cabeça.

"Tarde demais para isso", disse ele. "Eles vão nos colocar na cadeia. Nós nunca vamos salvar Scarlett. Não a tempo."

"Mas, até o local onde está Scarlett, é uma viagem de dez horas, nós nunca a alcançaremos a tempo."

Caleb continuou dirigindo, sua mente estava agitada com um milhão de pensamentos. Ele sabia que ela estava certa. Ele sabia que a polícia iria alcançá-los em breve. Ele sabia que não poderia dirigir até o norte do estado naquela picape. Mais do que tudo, ele sabia que eles precisavam resgatar Scarlett. Nada mais importava.

Enquanto Caleb dirigia desesperadamente, forçando seu cérebro para ter alguma ideia do que eles poderiam fazer, de repente, eles passaram por um sinal luminoso, a quase cem quilômetros por hora e ele teve uma idéia. *Base da Força Aérea da Duquesa*. Isto fez Caleb pensar em seu trabalho.

Em seus aviões de combate.

Caleb, de repente, fez uma curva fechada, pegando uma de saída o mais rápido possível. Sua picape balançou para os lados e, por um momento, ele pensou que ela poderia virar – mas eles conseguiram. Eles entraram naquela estrada tão rápido que as viaturas passaram direto por eles e, apesar de os policiais terem

pisado nos freios com força, eles deixaram a saída passar. Caleb conseguira um tempo precioso, talvez uns bons dois minutos.

“Aonde você está indo?” Caitlin gritou.

“Para o trabalho!”, respondeu Caleb.

Caleb acelerou pela rampa e fez uma difícil curva à direita, em seguida, correu pelas ruas locais que ele conhecia de cor. Ele estava na parte rural agora, em direção à base da força aérea dos reservistas, onde ele voava a cada quatro semanas. Todos lá o conheciam e o tratavam como um irmão.

“Eu não entendo”, disse Caitlin. “Por que estamos indo para a base?”

“Como você disse, temos um longo caminho a percorrer. E nós não podemos chegar lá de carro.”

“O quê !?”, disse ela, chocada. “Você está brincando?”

Caleb correu até o portão e breiou bruscamente ao ser parado por um dos guardas. Ele abriu a janela e o guarda o reconheceu.

“Oficial Paine, senhor.” o guarda olhou para ele. “O que você está fazendo aqui essa hora da noite?”

“Eu preciso verificar um dos aviões”, disse Caleb.

O guarda olhou para sua prancheta, intrigado.

“Desculpe, senhor, mas não há nenhum sinal de você no registro de hoje à noite.”

De repente, ouviu-se o som distante de sirenes. Caleb olhou por cima do ombro e viu que a polícia a caminho; eles estariam atrás dele em segundos. Ele olhou para cima e viu o olhar perplexo do guarda que viu que os policiais estavam indo para lá.

Caleb não tinha escolha. O guarda, de repente, pareceu cético, Caleb sabia que era naquele momento ou nunca.

Pisando no acelerados, Caleb rompeu a barreira do guarda, esmagando a madeira sobre o capô e pára-brisa.

“Senhor, pare!”, o guarda gritou atrás dele.

Mas Caleb não parou. Ele acelerou com toda a potência, desviando dos verificadores de manutenção, passando ao longo dos redutores de velocidade, foi correndo pela pista, em direção a um dos pequenos jatos que ele conhecia tão bem, estacionado no final

da base. Este estava ali parado, pronto para decolar, esperando claramente que um dos oficiais o pilotasse.

Caleb estava determinado a chegar lá primeiro.

Caleb olhou por cima do ombro e viu a polícia seguindo-o pela pista, então ele aumentou a velocidade e depois desacelerou repentinamente até parar na base do avião, pressionando os freios, seus pneus cantaram.

Eles chegaram a um ponto no qual precisavam parar, ele e Caitlin saltaram do automóvel. Ele agarrou a mão dela e os dois correram até as escadas do avião, o coração de Caleb batia depressa, ele precisava chegar lá antes da polícia. A polícia gritava, um pouco atrás, enquanto Caleb e Caitlin chegavam ao topo da escada de metal.

“Parados!”, O policial gritou, apontando armas.

Caleb empurrou a escada e esta rolou para longe quando ele fechou a porta do avião. A porta se fechou bem na hora, Caleb sabia que os policiais nunca se atreveriam a atirar em um jato da Força Aérea.

Em instantes, Caleb e Caitlin estavam na cabine do piloto, cada um em um assento.

“Aperte os cintos”, disse Caleb, furiosamente apertando teclas, rodando os botões e interruptores.

Caitlin apertou seu cinto com as mãos trêmulas, enquanto Caleb começava girar aquelas chaves que ele conhecia tão bem, mais rápido do que ele jamais o vira fazer. Ele conhecia aquela aeronave como a palma da sua mão.

Em instantes, o avião se iluminou, Caleb sentiu que este estava começando a se aquecer, estava preparado para a decolagem. Lá em baixo, diante deles, ele viu oficiais tomando posições, correndo freneticamente em direção ao avião. Ele sabia que eles iriam tentar impedi-lo, mas eles não iriam chegar a tempo.

“Segure-se,” Caleb advertiu.

Caleb empurrou o acelerador e o barulho das turbinas do jato foram ficando cada vez mais altas, assim que o avião começava a andar pela pista. Carros de polícia começaram a perseguir o jato,

mantendo o ritmo ao lado dele. No entanto, Caleb sabia que eles não se atreveriam a detê-lo.

Eles ganharam velocidade e, dentro de instantes, Caleb sentiu a familiar sensação em seu estômago, o avião saiu do chão e voava para a noite. Ele olhou para Caitlin, eles apertaram as mãos, os dois estavam aliviados e apavorados, enquanto olhavam para a noite e viam as luzes na terra ficarem cada vez menores, eles sabiam que, em alguns momentos, veriam Scarlett, que estavam voando diretamente para uma guerra de vampiros.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Scarlett voou pelo ar frio da noite, rapidamente passando pelo Rio São Lourenço, em direção ao norte do estado, entrando em um território cada vez mais frio. Ela enxugou suas lágrimas e, pela primeira vez, sentiu uma nova sensação de determinação. Pela primeira vez, sentiu-se encorajada, sentiu-se com um propósito: salvar a vida de Sage.

Ela estava feliz por saber que Sage não estava morto, que ele não a abandonara, que ele estava vivo e queria estar com ela. Isso era tudo o que ela precisava saber. Ela iria para os confins da terra por ele, faria qualquer coisa por ele, até mesmo desistiria de sua própria alma.

O que era exatamente o que ela estava preparada para fazer. Ela sabia que era uma armadilha, que ela estaria voando direto para a sua cova. Ela sabia que Lore tinha levado seu primo por uma razão, sabia que todos eles estavam aguardando a sua chegada. Que sua morte seria a chave para que todos pudessem viver para sempre.

E ela não se importava. Ela fechou os olhos e viu o rosto de Sage, contanto que ela pudesse ver seu rosto, que ela pudesse resgatá-lo de qualquer perigo, Scarlett não iria desistir. Ela desistiria até de si mesma.

Scarlett estudou a paisagem abaixo dela. Ela tinha voado por horas e horas em busca da ilha que ela não podia deixar passar, à procura do grande castelo ancestral de sua espécie, sobre o qual Sage lhe contara tantas vezes. Ela olhou para baixo e viu que o rio começava a mudar, estava cheio de centenas de pequenas ilhas, ela sabia que não faltava muito. Ela voou mais rápido, determinada.

Scarlett virou uma curva do rio e lá, ao longe, ela viu uma ilha em particular, maior do que as outras, nela, havia a estrutura altaneira de um castelo, rodeado por árvores. No centro de seu telhado havia um amplo buraco aberto para o céu. Não havia dúvidas: era o Castelo Boldt.

Scarlett mergulhou, cada parte de seu corpo sentia que Sage estava lá dentro. Enquanto voava, as nuvens passavam rapidamente por seu cabelo, ela viu um brilho suave que vinha do interior e sabia que era a luz de tochas. Ela sabia que o castelo estava cheio de milhares de Imortais, todos esperando para prendê-la. Mas ela não se importava.

Scarlett mergulhou em direção à terra, mirando o buraco. Ela sabia que, voar para lá significava sua própria morte. Todos eles a atacariam, sua vida iria acabar ali, naquela noite. Mas nada disso importava mais. Não importava o que acontecesse, ela e Sage estariam juntos novamente.

Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO QUATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZESSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZENOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)